

# REVISTA DO ENSINO

O Excm. Sr. Governador de Rio Grande, quando em visita a uma das escolas, com os alunos integrantes do Plano Educacional de Rio Grande do Sul.



76

ANO X

MAIO DE 1961

Cr\$ 60,00

Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul

# Para o "Dia do Papai"



Letra:  
Antonia Manso de Medeiros

Música:  
Francisca N. de Vasconcellos



Vi - ra! vi - ra, o pa - pai — zi - nho Vou can -



- tar com a - lo - gri - a pa - ra — bñs fe - li - ci



- da - des Que hu - je é o seu di - a di - a



## Neste número:

**Diretora:** Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Gastal

**Assistentes:** Prof.<sup>a</sup> Genesice A. Vieira

Prof.<sup>a</sup> Maria Ventúria Terra

**Secretária:** Eunília Pinto

**Redatora-Chefe:** Prof.<sup>a</sup> Corália Hilberts Paulo

**Redatoras:** Prof.<sup>a</sup> Gláucia Garcia Bastos

Prof.<sup>a</sup> Flávia Maria Rosa

**Bibliotecária:** Prof.<sup>a</sup> Dora Soares Lopes

**Planejamento e Ilustração:** Prof.<sup>a</sup> Maria Magdalena Lutzenberger

Prof.<sup>a</sup> Elay P. Ferreira

Prof.<sup>a</sup> Marilene Merino

José Lima Garay

Jorge Ivan de Azevedo

Júlio Costa

**Supervisão Técnica:** Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da SEC

**Impressão:** Of. Gráf. da Liv. do Globo

**Periodicidade:** 2 números anuais em dois períodos: de março a junho e de agosto a novembro.

**Assinaturas simples:** 1 ano, Cr\$ 400,00  
2 anos Cr\$ 900,00  
N.º av. Cr\$ 60,00

Porte aéreo, mais Cr\$ 20,00 por exemplar.

-5-

A remessa de numerário deve ser feita sempre em nome da "REVISTA DO ENSINO", por Cheque ou Vale Postal. Não trabalhamos com Reembolso Postal.

**CAPA:** Atos Inaugurais de uma das 1000 Escolas do Plano Educacional do Governo Lee em 1956

**ENTRE CAPAS:** Povo e Tio do Papel — Antonia Maria de Medeiros  
Francisco N. de Vasconcelos

O Sucedido — Laura O. Orlandi

**COMUNICADO DO C. P. O. E. — RS.**

2 — Uma Organização no Ensino de Geografia do Rio Grande do Sul

**REPORTAGENS:**

4 — Encontro com a Sensibilidade — Ruth Martins

6 — O Plano Educacional Far e Brasil Vultor-se para o Rio Grande do Sul

12 — Escritos sobre a Revista do Ensino } Genesice Vieira

18 — Investigações Psicológicas do IIEP

**EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA:**

**DIREÇÃO DA APRENDIZAGEM**

27 — A Iniciação do Trabalho Preparatório na Aprendizagem da Lettura (II)

31 — Papel — } Letty Wajnszajn

Prof.<sup>a</sup> Márcia F. de Sá

**INICIAÇÃO MATEMÁTICA**

33 — De Jardim para o Jardim

**ADMINISTRAÇÃO DE CLASSES E ESCOLAS**

35 — Decisão para uma Prática de Jardim de Infância — Martha Koze

Assoc. de Educ. P. do Gov. Mato Grosso

**MÚSICA E CANTO**

37 — Marcha do Bailante — Neusa M. Ferreira — Maria G. d'Oliveira

**ENSINO PRIMÁRIO:**

**FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO**

39 — Situações Difíceis — Juracy C. Moraes

47 — Crianças Bem Decadas — Delila C. Spang

55 — Fundamentos Científicos da Recreação — Prof. Inati Penn Macinho

61 — A Escola e a Vida — Prof. Pierre Wall

65 — Procura Conhecer seu Filho — Genesice Vieira

**DIDÁTICA GERAL**

67 — Como Adaptar o Processo de Trabalho em Grupo às Limitadas Condições de Novas Escolas — PARAXE

**LINGUAGEM**

69 — Gramática Funcional — Dilméia E. Prof. Neiry R. Sobotta

**POESIAS**

71 — "Povo e Tio do Papel" — Neiry C. P. Leiras

Papel — Maria Aparecida Mazzetti

Hino à Escola — Antônio Pezalla

O Rio — Judas de Paula Pinheiro

No Dia do Antiverão — Neusa M. Souza

Enfite Infância — Vicente Guimarães

**MATEMÁTICA**

73 — Comentários de Matemática — 1ª e 2ª séries — S. D. A. — GB

**CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS**

75 — Comentários de Ciências (II) — Nilda da Silva Oliveira

81 — História do Fenômeno Físico e Químico — Prof. Luiz Marade

**EDUCAÇÃO ARTÍSTICA**

83 — Como Fazer um Esplêndido — Rubens Garrê

**MÚSICA E CANTO**

85 — Brasília — Laura O. Orlandi

89 — Barroco — A. Casella — Marlene R. Furtado

**ARTES APLICADAS**

91 — Lâminas para Folhas Juntas — W. Marten — M. Lutzenberger

95 — Clapeau de Cartolina — M. Lutzenberger

**EDUCAÇÃO FÍSICA**

97 — Jogos para a Primeira Série — S. E. E. E. — S. G. E. C. — GB

**EXERCÍCIOS E DIVERTIMENTOS**

101 — Fábula Cruzadas —

Pelaez

Geografia do Brasil } Org. por Gláucia G. Bastos

**INSTITUIÇÕES ESCOLARES**

103 — O Patrimônio da Biblioteca — Adalgisa Castro Pereira

107 — O Jogo na Escola Primária — Prof.<sup>a</sup> Ophélia Gasche dos Santos

**ADMINISTRAÇÃO DE CLASSES E ESCOLAS**

109 — O Caráter Seletivo da Escola Primária — Paulo de Almeida Campos

**HIGIENE**

111 — Higiene Nutricional na Escola Primária — Ester Wajnszajn

**ENSINO NORMAL:**

**FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO**

113 — Orientação Educacional (II) — Neusa Ferreira

**DIREÇÃO DA APRENDIZAGEM**

115 — História de Ciências Sociais — Diretores Brasileiros — Org. por — Eddy Pires Cabral

**BIBLIOGRAFIAS**

117 — Bibliografia para Alunos — C. P. O. E. —

118 — Bibliografia de Didática de Línguas

**COMENTÁRIO BIBLIOGRÁFICO**

119 — Língua Portuguesa e Escrita Criativa

Desajustes estabelecidos sempre com revistas similares. Os leitores estabelecem o contato com revistas similares. We wish to establish exchange with all similar publications.

A senhora diretora do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, recomendo aos senhores professores a observância do presente comunicado.

## ESTUDOS SOCIAIS

NOVA ORIENTAÇÃO  
AO ENSINO DA GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL  
Comunicado n.º 6/60

Maria Luiza Leme de Curtis  
Geógrafa do Conselho Nacional de Geografia

Numa época em que se intensifica, progressivamente, a difusão dos conhecimentos geográficos sob bases científicas, não mais se admite o ensino da geografia rio-grandense às crianças sob a forma de simples memorização de nomes de acidentes ou de dados numéricos.

Por isto, lhe viemos propondo uma nova orientação, buscando tornar aquela ciência um instrumento moderno de trabalho, útil por ser capaz de propiciar ao estudante — tal como é objetiva da escola primária — uma integração verdadeira ao seu meio ambiente, através de uma noção mais real do território gaúcho.

Não se trata de sistemática aplicação à geografia de nomenclatura, pois estamos de acordo que a aquisição mínima de nomes de cidades, portos, rios, montanhas, pro-

dutores estaduais ou nacionais sejam conhecimentos indispensáveis até mesmo às nossas atividades de cada dia.

A sua aprendizagem não deve constituir, porém, senão um ponto de partida para os estudos geográficos. Faz-se mister, dizemos como Monbeig, "reduzir, sem medo, a massa de nomes insípidos e de pormenores sem valor, é necessário, sobretudo, reduzi-la a proporções mais justas".

A razão pela qual algumas vezes ainda se baseia o ensinamento da geografia gaúcha na memorização de sua nomenclatura é o fato de serem relativamente recentes e pouco difundidas, as transformações havidas na conceituação e método geográficos.

Modernamente, a geografia se ocupa em interpretar a paisagem. Não lhe interessam, assim, fenô-

menos isolados, mas o conjunto de fatos que ocorrem em determinado lugar, cabendo-lhe investigar as suas relações de causa e efeito e explicar, finalmente, as ações recíprocas existentes entre o homem e o meio natural.

Transportemos o nosso conceito — embora esquemáticamente e de forma sucinta — para o campo prático, colocando o professor em face à geografia rio-grandense:

Não é o ponto culminante da Serra Geral, no Estado, muito menos a relação completa das coxilhas que ondulam o Planalto ou que compõem a Campanha, com as respectivas cotas altimétricas, que integram o material para o estudo do relevo gaúcho.

Tomando como ponto de partida o análise da orografia, faz-se mister levar a criança a fixar, de início, passo a passo, os diversos tipos de relevo que ocorrem no território estadual (as planícies, o planalto, as serras, etc.), simultaneamente localizando-os e interpretando-os do ponto de vista do conjunto. Torna-se necessária, por exemplo, que a criança compreenda o contraste entre o relevo montanhoso do norte, o planalto, cuja borda, a Serra Geral apresenta um aspecto acidentada, e a configuração monótona da planície do sudoeste, constituída por coxilhas formadoras da Campanha.

Mas, a tarefa da professora que se propõe comunicar aos seus alunos uma noção das paisagens do Rio Grande do Sul vai muito mais longe, tendo para ela o relevo em isolado um interesse relativo. Cabe-lhe dar a conhecer ao educando a correlação entre os diversos fatores físicos que ocorrem em cada uma das regiões orográficas, o que fará gradualmente, à proporção que lhe for ensinando a hidrografia, o clima, a vegetação e os solos.

E deverá fazê-lo inteligentemente, desenvolvendo o espírito de observação e o raciocínio da criança. Por exemplo, ao tratar do clima, levará o aluno a sentir a influên-



cio da altitude sobre as condições climáticas do planalto e, por sua vez — ao examinar a vegetação — o reflexo destas e dos solos sobre a sua cobertura vegetal.

Assim, esboçará, quase imensivelmente, as diferentes paisagens naturais do Estado, cobrindo-lhe, finalmente, nelas colocar o homem, mostrando a influência do meio sobre as formas de ocupação e os gêneros de vida que adotou nesta ou naquela região.

Evidentemente, nesta cadeia de ensinamentos estará incluída a nomenclatura dos elementos marcantes, quer da fisionomia natural, quer da cultura do território, pois o professor não poderá deixar de referir-se à Serra Geral, ao Guaíba, à rias, como a Uruguai e o Jacuí, a lagoas, como a das Patos e a Mirim, a cidades, como Porto Alegre, Pelotas, Caxias e também outras, bem como de citar dados numéricos que permitem avaliar as suas proporções de grandeza. Apenas isto não constituirá a essência da aprendizagem, porém dados preliminares, embora indispensáveis, cuja posição se pode equilibrar à do vocabulário em face da Linguagem, ou à da tabuada relativamente à Aritmética.

Desta forma, o estudo da Serra Geral inclui não somente a noção de bordo do planalto rio-grandense, resultante de derrames basálticos que atingiram o norte do Estado. Importa fazer sentir progressivamente, que este relevo acidentado, dissecado por numerosas rias, que aí cavaram grandes vales, está sujeito a um clima de tipo sub-tropical, com invernos frios e verões quentes (brando nas partes mais elevadas) e chuvas bem distribuídas por todo o ano. Que, de acordo com as condições climáticas, desenvolveu-se nas encostas da serra uma vegetação de matas latifoliadas (selva ampla, semelhante à do Brasil tropical), evidenciando solos férteis (uma argila vermelha, com forte camada de húmus na superfície). Que, nestas áreas de florestas densas, colonos,

principalmente imigrantes alemães, estabeleceram pequenos propriedades agrícolas e, trabalhando laboriosamente as terras, implantaram o cultivo de produtos como o milho, o feijão e outros, ao qual associaram a prática de criação de porcos e cabritos, bem como a industrialização de produtos derivados. E que, assim, as encostas da serra Geral foram presenteadas por uma série de "colônias", transformando-se em importante área agrícola e industrial, hoje populosa, bem servida por vias de comunicação, uma das mais ricas do Estado.

Certamente, fomos obrigados, aqui, por força das circunstâncias, a resumir um processo geográfico muito mais complexo.

Todavia, o exemplo parece suficiente para mostrar que só um estudo dessa natureza dá, realmente, à criança, uma noção do que é o Rio Grande do Sul.

Conhecendo geograficamente a Campanha, onde certas feições da paisagem cultural estão em íntima correlação com o meio físico, a criança terá uma noção (ainda que subconsciente) até de um dado momento da evolução econômica estadual.

Caxilhas revestidas por campos limpos, um imenso pasto natural, a Campanha tornou-se o domínio das "estâncias", propiciando o um tal ponto o desenvolvimento da pecuária, que a criação de gado se tornou uma riqueza para o Estado, ficando estritamente ligada às suas tradições.

O estudo geográfico da Campanha esclarecerá, assim, o porquê dessa importante unidade da Federação ter nascido e prosperado à base da pecuária, tornando-se o detentor do maior rebanho bovino do Brasil. Explicará a importância do charque e do grande número de fábricas e frigoríficos no Rio Grande do Sul, constituindo tudo isso conjuntos econômicos de grande valor, não só para o Estado sulino, como para o País.

A criança compreenderá, ainda, a significação das tradições de seu

povo, que tanto se tem procurado incentivar, sentindo a relação entre o meio físico-cultural da Campanha e o tipo regional, o gaúcho.

Evidentemente, estamos certos de que a criança não sairá da escola primária com um extenso conhecimento do território estadual. Mas, levará, pelo menos, uma noção geral básica, que certamente frutificará mais tarde, às vészes das formas mais inesperadas, até mesmo como semente de uma vocação.

E não será demais lembrarmos o considerável valor cívico e político do estudo geográfico moderno.

Entre as nossas crianças se encontram, inclusive, os administradores de amanhã, sendo necessário, desde a infância, despertar-lhes o interesse pelo conhecimento do seu território, para que, mais tarde, quando se depararem com os problemas do Estado, compreendam a importância de dar-lhe uma solução racional.

Só a Geografia atualizada tem lugar nas nossas currículos escolares, por ser de utilidade e por ser compatível com a situação do Rio Grande do Sul de uma das unidades mais progressistas da União.

Sabendo das justas dificuldades dos professores em realizar o tarefa de modernização da Geografia do R. G. do Sul, difícil e complexo, pois se trata de radical transformação da sua conceituação, nos dispomos a oferecer-lhes a colaboração que estiver ao nosso alcance, quer aperfeiçoando e melhor concatenando os elementos que vimos coletando, quer buscando, futuramente, um contato mais direto, em que possamos trocar idéias e esclarecer dúvidas.

Apelamos, porém, no sentido de colaborarem conosco nesta campanha de atualização da Geografia Gaúcha, apudando uma reação lógica ao método puramente mnemônico, que transforma a nossa ciência num "trabalho inútil", verdadeiro "instrumento de tortura" para as nossas crianças, e, nos seus dias futuros, apenas "uma lembrança penosa de sua infância".



Mãos  
— expressão  
e  
beleza,  
poesia  
e  
mistério —  
recurso  
valioso  
na  
arte  
de  
declamar

## Declamação

Ruth Martins

ENCONTRO  
COM A  
SENSIBILIDADE

A poesia, dizem, "é arma de dois gumes."

De fato. De um lado, tem de ser natural para ser arte. Flexível e espontâneo para ser arte. Sem artificiais pretenciosos para ser arte. De outro, obedece a um rumo certo: implica em dar vida e cor às palavras e em saber traduzir, através delas, toda carga de emotividade que elas possam conter.

Na criança, a poesia é intuitiva. E todos quantos se dedicam ao estudo da psicologia infantil são unânimes em considerar a poesia como recurso dos mais significativos no desenvolvimento harmônico da personalidade da criança.

Modernamente, a poesia infantil vai, mais do que nunca, ao encontro do pequeno grande mundo interior da criança e repousa no respeito ao seu natural desenvolvimento psicológico.

E isso que a professora Carmen Viana faz com as crianças de sua Escola de Declamação.

Estivemos lá. Conversamos com ela. Observamos as crianças. E vimos-as tão naturais dentro daquele ambiente! Tão expressivas e felizes!

### "DESCOBRIR A SENSIBILIDADE . . ."

Entusiasmada com suas crianças, a professora Carmen Viana fala-nos de sua Escola e põe, em cada palavra, um pouco de sua alma de artista. Sim. Porque a professora Carmen Viana é também poetisa (várias poesias publicadas), dedicando-se, profundamente à sua arte.

— Minha escolinha, diz, é a realização de um velho sonho meu: descobrir a sensibilidade em cada ser humano e a burlando, conduzindo . . . Depois, a declamação é meio poderoso de realização da personalidade. A criança tímida vai, pouco a pouco, perdendo o embaraço inicial e, dentro em breve, está tomando iniciativas e sugerindo. Os adultos fazem, através da poesia, verdadeiro encontro de si mesmos.





Dois interessantes planos de prof.<sup>a</sup> Carmen Viana, num momento de grande expressividade. Ambas fizeram parte dos Jogos Mirins, programa que se apresenta com grande êxito na TV Piratini, em 1960.

— Há limite de idade para ingresso na escolinha? perguntamos. A professora Carmen sorri: — Das três aos... 80 anos!

— E não imagino, continua, quantos são as pessoas adultas que procuram a Escola e como se sentem realizadas!

— As crianças, estas estão perfeitamente dentro de um mundo que lhes é próprio.

## TEORIA E PRÁTICA

A Escola de Declamação foi inaugurada em princípios de 1960 e está dividida em duas partes distintas: teórica e prática.

Na primeira, a criança é levada a criar uma história em torno de determinadas palavras apresentadas, tais como casa, flor, mãe.

Na segunda, a criança dramatiza a melhor história resultante do emprego das palavras dadas.

— E aí, diz a professora Carmen Viana, que a criança tem oportunidade de aprender determinados sons, determinadas gestos, ruídos, entonação de voz, etc., para depois, só depois, entrar na poesia propriamente dita.

Técnicamente falando, o cur-

so de declamação abrange, na sua totalidade, exercícios de calífasia, calíritmia e calífonio.

Calífasia é a arte de pronunciar corretamente as palavras. Calíritmia é versificação, métrica. Calífonio é o estudo dos sons

e a efeito que se pode obter dos vogais e consoantes.

— Um efeito colorido, explica a professora Carmen Viana.

O Curso de Declamação abrange, ainda, o estudo de Iniciação Literária e Literatura Poética.

## A ESCOLA NA TV

Em 1960, a professora Carmen Viana apresentou alunos na TV Piratini, num programa apreciadíssimo, intitulado "Os Jogos Mirins".

"Os Jogos Mirins" eram

quatro alunos da Escola de Declamação, que interpretaram pequenos histórias, idealizadas e dirigidas pela própria professora Carmen, tôdas de alto valor educativo.

## CARMEN VIANA

É professora primária e desde cedo dedicou-se à poesia.

Seus cadernos de poesia somam livros e há mesmo um em preparo, a sair breve. Intitula-se: "Caminhos de Ninguém".

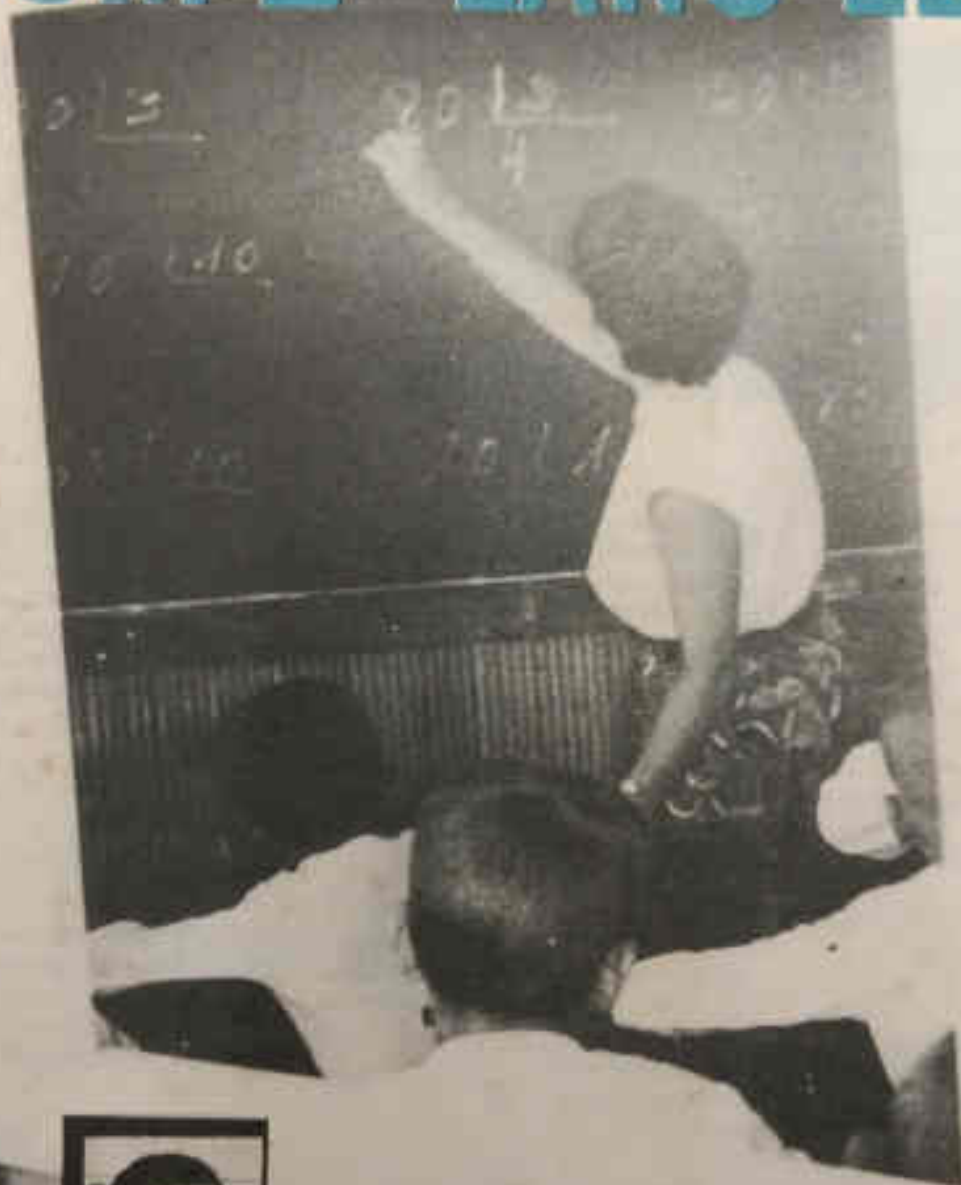
Carmen Viana é uma moça tranquila, suave, perfeitamente equacionada dentro da vida. Reflete, nos menores gestos, no olhar, toda delicadeza do seu "eu" poético.

A Escola de Declamação é grande parte de sua vida e a poesia "uma maneira da gente realizar-se, não acha?"

Achamos, sim, professora Carmen Viana. Grande deve ser mesmo a alegria de descobrir a beleza interior que reside em cada ser humano, chave de suas possibilidades artísticas e espirituais.

2 MIL  
ESCOLAS  
EM 2 ANOS

# UM PLANO EDUCACIONAL



O plano de atualizar as escolas no Rio Grande do Sul — determinado a Plano Escolar, cujos primeiros resultados (2 anos de administração) já se fazem sentir: 2 mil escolas, 300 mil matrículas, aumento de 160% no corpo docente primário, 9 bilhões de cruzeiros aplicados. "O maior esforço já realizado na América Latina no setor educacional", eis como está sendo encarado o Plano Escolar do Governo Leonel Brizola, que, amplamente apoiado, pelos municípios gaúchos, visa a erradicação do analfabetismo em nosso Estado.

# FAZ O PARA O



ONAL



**RASIL VOLTAR-SE  
RIO GRANDE DO SUL**

SEGUE

# Fôlha da Tarde

Quinta-feira, 1 de Março de 1961

DIRETOR  
Atilio Freiretti


CHEFE DE REDAÇÃO  
Atilio Freiretti

Endereço: Rua Assis Brasil, 100, Caixa Postal 100, 91200-000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Telefone: 41-41. 41-42, 41-43, 41-44 e 41-45. Serviço de 24 horas: At. Faltados, telefone 41-41. Rua Assis Brasil, 100, Caixa Postal 100, 91200-000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Telefone: 41-41. 41-42, 41-43, 41-44 e 41-45. Serviço de 24 horas: At. Faltados, telefone 41-41. Rua Assis Brasil, 100, Caixa Postal 100, 91200-000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Telefone: 41-41. 41-42, 41-43, 41-44 e 41-45. Serviço de 24 horas: At. Faltados, telefone 41-41.

## ● ENSINO PRIMÁRIO

Em solenidade ontem levada a efeito, o governo gaúcho fez a entrega simbólica de duas mil novas escolas primárias, disseminadas pelo Interior dos nossos municípios. Este acréscimo de unidades escolares na rede do ensino público oficial representa um acervo de trezentas mil novas matrículas para as crianças rio-grandenses, no decorrer deste ano letivo, conforme exposição feita pelo chefe do Poder Executivo. Com este passo decisivo, o Rio Grande do Sul marcha resolutamente como vanguarda da campanha pela erradicação do analfabetismo, emprestando um sentido prático e objetivo às realizações programadas para o corrente ano, denominado significativamente de "Ano da Escolarização". O critério observado pelas autoridades educacionais do Estado foi o de levar a escola até os recantos mais longínquos, de modo que as populações residentes nas zonas interiores não continuassem privadas dos benefícios da instrução primária. E não há dúvida que um plano racional de alfabetização, para produzir resultados realmente positivos, deve começar pela eliminação do déficit escolar no seio das pequenas coletividades rurais, orientando-se a ação governamental da periferia para o centro, uma vez que, nas cidades, o problema apresenta sempre características mais atenuadas. O Governador do Estado anunciou diversos outros empreendimentos no setor da instrução pública, sobretudo no campo do ensino técnico-profissional, que deverá merecer também as atenções prioritárias dos poderes oficiais, por sua relevante importância como pedra angular do progresso técnico e científico. Coincidentemente o novo Ministro da Educação, em entrevista publicada pela imprensa brasileira, definiu os metas básicas de sua administração e deu especial destaque ao combate do analfabetismo pela escolarização intensiva e ao desenvolvimento do ensino técnico-profissional em todas as unidades federativas. É auspicioso constatar esta harmonia de diretrizes entre os governos do Estado e da União em matéria de política educacional, pois este fato poderá proporcionar ao Rio Grande do Sul maiores e melhores recursos para a execução dos seus planos de trabalho, mediante convênios com o Ministério de Educação.

# 2 MIL EM 2 ANOS



O Estado mais alfabetizado  
do Brasil  
quer trocar o mais  
por um completamente

NENHUMA CRIANÇA  
SEM ESCOLA

NO  
RIO GRANDE DO SUL





PM DE REGULARIZAÇÃO 196

○ **OTOGRAFO** os encontrou — e manteve um que se dirigiu à escola e pediu-lhes um prêmio. "Lá está a minha escola", apontou uma delas, e a foto foi batida. Da mesma forma todos os gauchinhos em idade escolar poderão dizer confiantes: "lá está a minha escola". O maior investimento de um país são os recursos aplicados à educação de seu povo — disse alguém, o Governo do Estado compreendeu a força da frase, aplicou no ensino, em 24 meses, nove bilhões de cruzeiros, e o resultado está expresso na foto ao lado: cada pontinho branco no mapa do Rio Grande do Sul representa uma unidade escolar — que significa 2 mil escolas, com um número de 200.000 matriculas.

SEGUE

2 MIL  
EM 2 ANOS



## ANO DA ESCOLARIZAÇÃO

Tendo como meta a erradicação do "déficit" escolar entre nós, cuidando da educação do povo para promover o desenvolvimento do Estado, o Governo Leonel Brizola, entuslastamente apoiado pelos municípios e autoridades do ensino, lançou-se à concretização do Plano Escolar. A 7 de março próximo passado, em solenidade realizada na Reitoria da Universidade do Rio Grande do Sul (foto), instituiu o "Ano da Escolarização", fazendo logo após a entrega simbólica de duas mil novas escolas primárias. Não há dúvida de que a análise da situação indica novos rumos no nosso progresso educacional.



# NOVA POSIÇÃO

## em face de

# VELHO PROBLEMA

**DE FATO**, é bastante antiga a problemática situação do ensino gaúcho, principalmente, no tocante à alfabetização. Os grandes contingentes de analfabetos constituíram e constituem a prova de fogo porque têm de passar os governantes do Rio Grande do Sul, de que evidenciam eles todos os seus esforços, fazendo o possível para conseguir a solução do problema, dependerá a maior ou menor capacidade de progresso do povo sulino.

O número de analfabetos na população adulta cresce no Brasil e apresentava índices de crescimento também no Rio Grande do Sul, sendo que todas as medidas tomadas para melhoria do ensino primário se revelaram insuficientes no combate ao analfabetismo que grassa na população acima de 18 anos de idade.

Mesmo sendo o Estado que maior percentagem de recursos tenha destinado ao ensino, vê-se, através de dados absolutos e relativos, o aumento de analfabetos no Rio Grande do Sul, numa prova cabal de que o velho problema exigia ser enfrentado de modo mais positivo e mais enérgico. Em 1950, a legião das que não sabiam ler representava 34,1% da classe de adultos; essa percentagem elevou-se para 34,6%, em 1956, mantendo-se inalterada até 1958.

### **A NOVA POSIÇÃO: "NENHUMA CRIANÇA SEM ESCOLA"**

Ao assumir a chefia do Executivo, tornou-se patente que o principal objetivo do atual Governo seria afastar os obstáculos que se opunham a um perfeito desenvolvimento do ensino primário e técnico, dando assim solução a uma das mais sentidas reivindicações da coletividade rio-grandense. E a nova posição, que viria combater o velho problema que durante anos incidia



# 2 MIL EM 2 ANOS

seus reflexos negativos sobre todas as classes da população gaúcha, foi tomada, na forma de um plano de amplas proporções, tendo por lema publicitário uma frase que sintetiza o que de fato se quer e se está realizando: "Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul".

Para tanto, foi determinado um levantamento completo da situação em que estava o ensino primário, através de um Grupo de Trabalho (GT-1), cujo relatório serviu de base para o planejamento da atividade governamental nesse ramo da educação. São os próprios autores do trabalho que dão a idéia de sua extensão e profundidade, no seguinte período de sua introdução: "Em face do vivo interesse do atual Governo no setor educacional em todos os seus aspectos, notadamente no que diz respeito à expansão do ensino e à eliminação do analfabetismo, o GT-1 entendeu preparar não um simples relatório, mas uma análise pormenorizada e a crítica da situação do ensino primário em nosso Estado, visando a focalizar as deficiências atuais e, ao mesmo tempo, apontar as medidas corretivas julgadas necessárias."

Segundo dados contidos nesse relatório, a população de 7 a 14 anos, em 1.º de janeiro de 1959, era de 1 003 830. O número de crianças frequentando escolas primárias era de 730 735, assim distribuído: ensino particular — 129 317, ensino municipal — 320 048, ensino estadual — 281 370. A vista desses elementos e levando em conta somente o número de crianças de 7 a 14 anos matriculadas em todos os ramos de ensino, apura-se um "déficit" escolar de 264 652.

Conclui-se, pois, que se fosse mantido o ritmo de alfabetização dos últimos anos anteriores a 1958, jamais o ensino primário conseguiria eliminar o analfabetismo no Estado gaúcho; pelo contrário, a partir de 1970, mais grave se tornaria o problema.


De posse desses estudos preliminares, traçou-se o Plano Escolar, a fim de apontar e pôr em prática soluções para superar o "déficit" existente. É esse Plano que faz com que hoje o Brasil se volte agradavelmente surpreendido para o Rio Grande do Sul, face à magnitude da campanha de escolarização em que Governo e municípios se acham empenhados.

## A EDUCAÇÃO É A BUSCA CONTÍNUA DA FORMAÇÃO INTEGRAL DO HOMEM



## SOLUÇÕES PARA SUPERAR O "DÉFICIT" ESCOLAR





...mas durante quanto tempo muros como este tornaram escassas as vagas existentes nas poucas escolas, fazendo da educação um verdadeiro privilégio?

**300 MIL MATRÍCULAS** indicam o rápido desenvolvimento de um plano cuja (breve) concretização alijará o analfabetismo de nosso Estado

**PARA SUPERAR** o "déficit" escolar e oferecer matrículas a todas as crianças de sete a onze anos, o sistema de ensino estadual deveria manter a matrícula anterior, aumentá-la em proporção ao crescimento vegetativo da população, e observar, além disso, o "déficit" escolar estimado. Para tanto, uma vez mantido o linha ascensional das matrículas nos ensinos municipal e particular, o Estado deveria arcar com um esforço adicional capaz de elevar matrículas de 281.370 em 1958, para 350.000 em 1960, 585.090 em 1961 e 603.066 em 1962. Igualmente, o número de professores estaduais deveria ser aumentado

de 23.000 até o mesmo ano — o número suplementar de salas de aula deveria ser elevado de 10.000. Em cuzeiras de 1959, para executar esse plano, seria necessário ao recurso estadual despendido com o ensino primário a soma total de Cr\$ 11.810.000,00, nos anos de 1961 e 1962. Tais são, em dados gerais, as principais metas fixadas

pelo Governo para alcançar a escolarização total de todas as crianças no Estado até 1962.

Para realizar essas metas necessárias à erradicação do analfabetismo, adotou o Governo gaúcho uma série de medidas de ordem administrativa, técnica e financeira, que já foram concretizadas ou estão em curso.

#### REORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DA SEC

Inicialmente foi feita uma reorganização administrativo da Secretaria de Educação e Cultura, que começou com a descentralização

dos serviços técnicos e administrativos, através de três subsecretários de Estado — a Subsecretaria do Ensino Primário, a Subsecretaria

rio do Ensino Técnico e a Subsecretaria do Ensino Médio.

Foi criado um órgão colegiado e especializado, a Comissão Estadual de Prédios Escolares (CEPE), de que participam, como Presidente, o Secretário de Educação, como Vice-Presidente, o Secretário das Obras Públicas, e, como membros, os Subsecretários de Educação, o Diretor do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais e o Diretor Executivo da CEPE. Este órgão tem por finalidade superintender, estudar, planejar, projetar e executar as tarefas de conservação, reparos, adaptação, construção, reconstrução e aparelhamento de prédios escolares.

O órgão executivo da CEPE tem delegacias por todo o Estado para recuperar grande número de prédios escolares existentes em más condições, realizar as obras de melhoramento constantemente reclamadas pelas professoras, fiscalizar a construção das obras contratadas e prestar assistência a todas as unidades escolares no que diz respeito à sua conservação e melhoria.

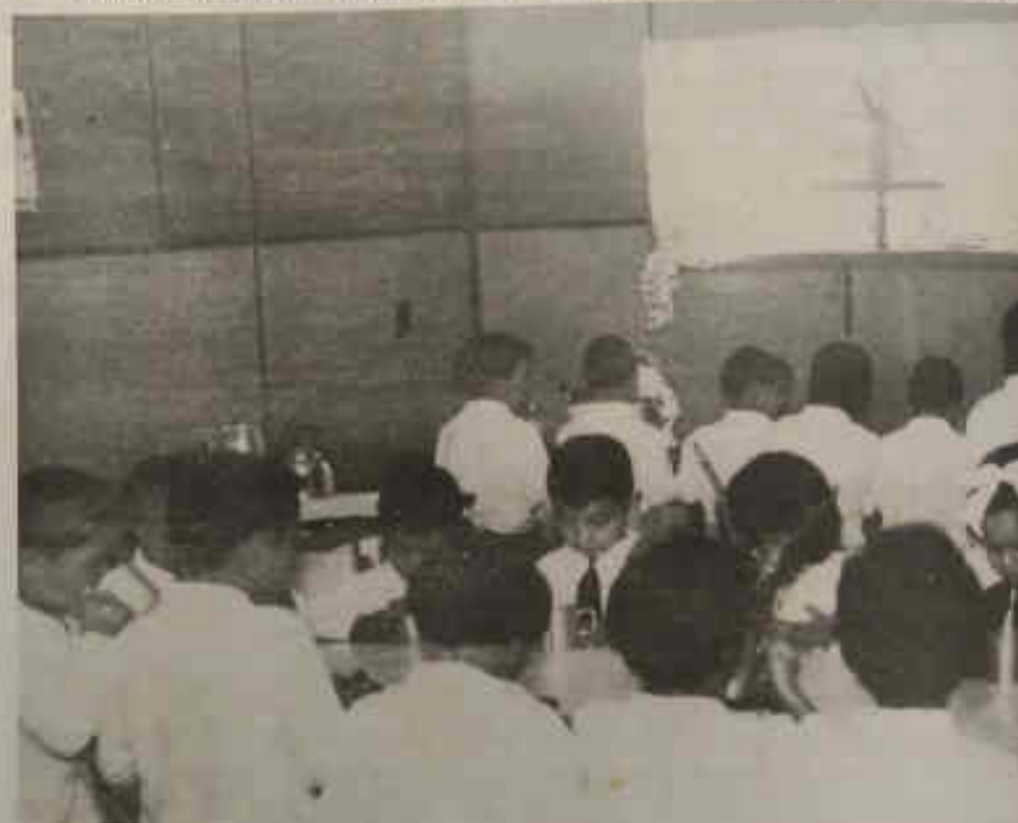
## MELHORIA DO RENDIMENTO DO ENSINO

Não só o relatório da GT-1 indicou as medidas essenciais para a concretização do Plano Escolar do Governo Leonel Brizola, como entrou em detalhes também no que respeito a uma possível (e sensível) melhoria do rendimento do ensino primário gaúcho, visto que, ao se eliminarem os desperdícios, conseguindo-se o máximo de resultados com a menor soma de recursos, se estaria, sem dúvida alguma, auxiliando de forma bastante apreciável o desenvolvimento do referido Plano.

Foi recomendada uma composição ótima da relação professor — aluno (média de 30 alunos por professor) e fixada uma fórmula de distribuição do despesa de custeio do ensino primário, em que se estabelecem percentuais para as despesas de pessoal docente, de pessoal administrativo, de material, de serviços e de encargos de administração geral. Foram tam-



Quer nas situações de aprendizagem em classe, no desenvolvimento de atitudes e hábitos sadios no refeitório, quer nas relações de amizade



peçoal com a professora e colegas, a criança encontra na escola o seu feliz e segundo lar. Nas fotos, aspectos colhidos em grupos escolares integrantes do plano educacional do governo gaúcho.





têm examinadas, criticadas e recomendados processos racionais de aferição do aproveitamento escolar.

## DESCENTRALIZAÇÃO DO ENSINO

Estoria fadada ao insucesso o Plano Escolar do Governo Leonil Brizola, caso não contasse ele com a conjugação dos esforços de toda a coletividade gaúcha. Acolhendo as recomendações das maiores autoridades do ensino, o Governo do Estado promoveu, ao lado da intensificação da atividade tipicamente estatal, a descentralização do ensino no meio rural, em estreita colaboração com todas as prefeituras rio-grandenses, sem qualquer discriminação, totalmente independente da situação política dominante.

Ao Estado ficou o encargo do ensino nas sedes dos municípios e em suas principais vilas e povoados, o qual está sendo atendido através da rede de escolas e grupos pertencentes ao sistema integrado na Secretaria de Educação e Cultura; é por meio desta rede que se desenvolve a absorção do "déficit" escolar existente:

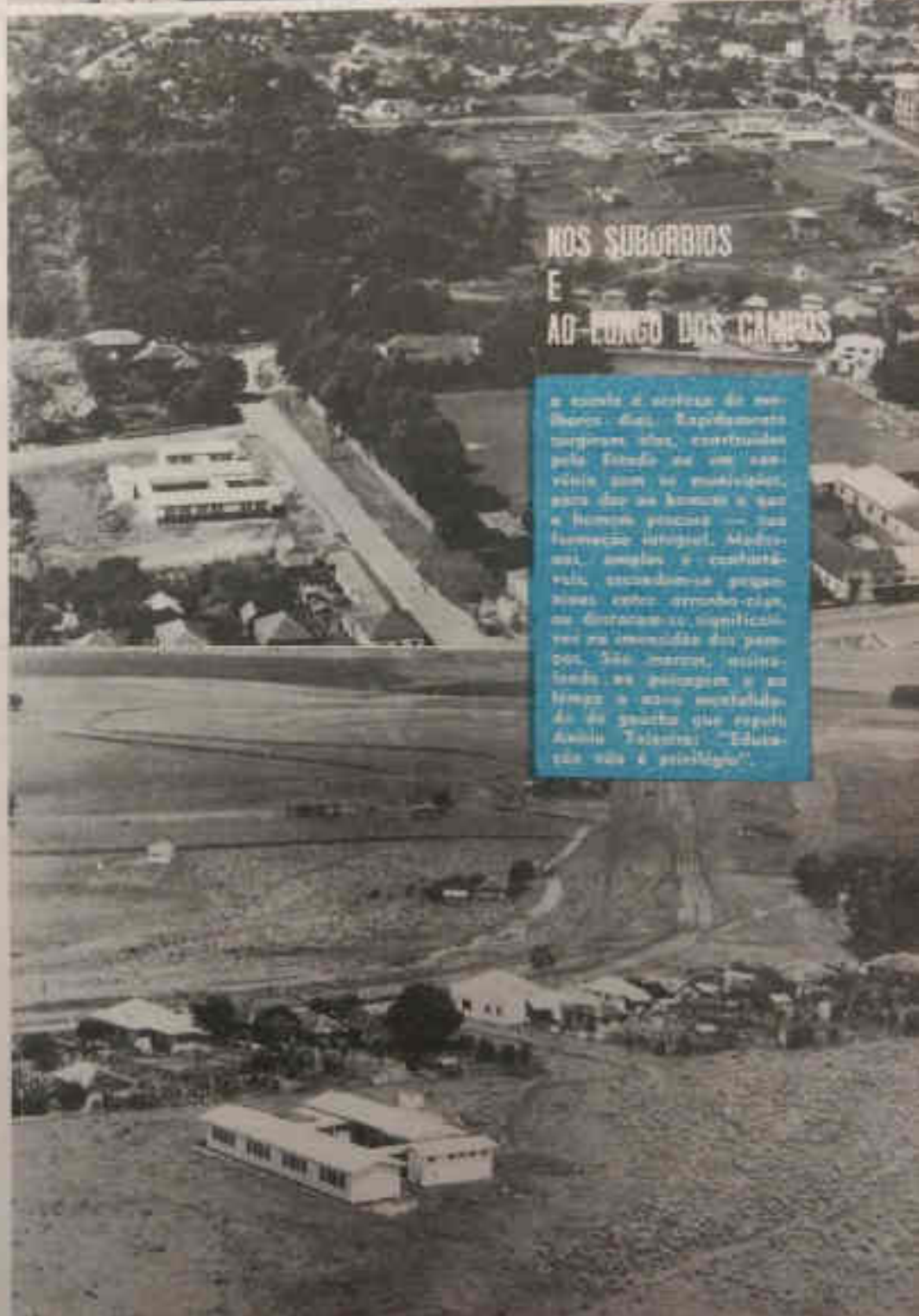
Para oferecer escolas a toda a população rural, para possibilitar às crianças localizadas nos mais longínquos rincões do Estado o acesso à alfabetização, não poderia o governo estadual prescindir da cooperação das municipalidades do Rio Grande do Sul.

Criou-se o Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (SEDEPI), órgão diretamente subordinado ao Secretário de Educação e Cultura e que funcionava através de um sistema de convênios entre o Estado e as municipalidades, para supervisionar e fiscalizar o plano de descentralização do ensino.

Para a execução do plano de descentralização, o Estado firmou convênio com as municipalidades, dando-lhes recursos para a construção de escolas de uma e duas salas de aula, de acordo com projeto especialmente aprovado, na base de Cr\$ 100.000,00 e Cr\$ 250.000,00, respectivamente, e para o pagamento do professorado. O Estado presta também a orientação técnica e di-

## A META QUE SE PRETENDE ATINGIR

Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul — é o Plano Educacional gaúcho "o maior esforço já realizado na América Latina em matéria de alfabetização".



## NOS SUBÚRBIOS E AO LONGO DOS CAMPOS

e escola a escola de moribundo: duas Escolas-Parque surgiram, construídas pelo Estado em um convênio com as municipalidades, para dar ao bairro e aos alunos locais — sua formação integral. Modernas, amplas e confortáveis, receberam as primeiras crianças grando-crianças, em direção ao significativo na melhoria do pessoal. São escolas, instaladas em parques e no bairro e com instalações de alta qualidade que foram a única "Escola-Parque" do município.



# 2 MIL EM 2 ANOS

dática através de professores estaduais designados para esse fim. Os municípios, por seu turno, encargam-se da construção das escolas pelo preço fixo já estabelecido,

equipam-nas e admitem as professoras, pagando-as com os recursos que o Estado lhes fornece. O levantamento das necessidades de cada município e a localização das escolas obedecem a um planejamento, cujas bases são previamente elaboradas em reunião conjunta de todos os executores do acordo em cada



Belicosa de que a educação é a chave que leva o homem e por, a felicidade e a vida a população brasileira está, mais de que completa, lançou-se o Governo Estadual e na suas instituições. Construções novas, hoje começa já em suas paredes e sua fé de vitória



dos curtos planos, um êxito sem precedentes no setor do ensino. Somente através do plano de descentralização foi possível levar a escola às mais afastadas regiões do Rio Grande do Sul, e o entusiasmo com que está êle sendo encarado pelas comunas gaúchas deixa antever seu completo sucesso, impreterivelmente neste ano da escolarização.

## RECURSOS FINANCEIROS

O Rio Grande do Sul é uma das entidades públicas que mais recursos têm canalizado para o ensino. Não obstante isso, o Executivo Estadual obteve da Assembleia Legislativa a aprovação de Lei insti-

tuindo a taxa de educação, que é um adicional de 15% (no ano de 1959 foi de 20%) sobre todos os impostos estaduais. Com tais recursos pôde o Governo do Estado, ao aprovar seu plano de realizações ("Educação e Desenvolvimento"), inicialmente fixado em 35 bilhões de cruzeiros, destinar 10 bilhões para novas iniciativas no setor da educação.

A por desses recursos, o Estado tem obtido financiamento para a construção de prédios escolares e para o compra de material escolar, mediante a emissão de apólicas denominadas "II Plano de Obras". Estima-se, na base dos títulos até agora colocados, e tendo em vista a aceitação que vêm obtendo no mercado de valores, que será colocado mais de um bilhão dessas apó-





municípios na região com o SEDEP, nesta capital. Aprovado o plano, o executor do acordo passa a fiscalizar sua execução, até a entrada em funcionamento das unidades previstas. Praticamente todos os municípios gaúchos firmaram acordo com o Estado, prevendo-se a construção de cerca de 5 000 esco-

las, das quais muitas estão funcionando normalmente, a partir do corrente ano letivo.

Em fevereiro deste ano, realizou-se em Porto Alegre um congresso de todos os prefeitos rio-grandenses, onde foi amplamente debatida a totalidade dos aspectos do plano de descentralização, os

resultados alcançados, as experiências de cada região, e assentadas as medidas para sua rápida concretização final. A colaboração das Prefeituras e das comunidades, somada à orientação técnica, aos recursos financeiros e ao planejamento geral do Executivo gaúcho, permitiu, a par do desenvolvimento



vêde melhor, sabedor de que o progresso que deseja imprimir ao Rio Grande do Sul será possível apenas se a instrução proporcionada à criança do Plano Escolar. E as escolas surgirem, aperfeiçoadas e confortáveis, com todos os recursos de que o gaúcho dispõe e está sempre preparado para o futuro.



licas diretamente vinculadas ao plano educacional.

Graças a esses recursos e ao aumento das dotações orçamentárias pode o Estado contar com meios financeiros suficientes para realizar, sem sobresaltos, o programa de escolarização de todas as crianças gaúchas, até o término de seu mandato.

Em dois anos de administração, foram aplicados 9,2 bilhões de cru-

zeiros na educação. No corrente ano de 1961, estão destinadas para a mesma finalidade oito bilhões, por conta das dotações orçamentárias e da taxa de educação e de financiamentos já contratados.

Com essas parcelas, o Estado que já havia aplicado 23,4% de seu orçamento de despesa com o ensino e a cultura, elevará a percentagem para 25% no corrente exercício.

rível, por motivo da execução do plano educacional do Governo Leonel Brizola, foi o aproveitamento de professoras formadas que não encontravam oportunidade de exercer o magistério oficial. O Estado, no primeiro ano de governo, contratou todas as professoras formadas disponíveis e chamou outras pessoas necessárias à realização do plano, admitindo-as como auxiliares de ensino. Estas auxiliares foram, posteriormente, e estão sendo ainda, submetidas a cursos intensivos nos períodos de férias, com a finalidade de melhor prepará-las para o exercício do magistério, e só tiveram seus contratos renovados as que obtiveram aprovação nos exames de seleção realizados pela Secretaria de Educação e Cultura.

Concomitantemente com essas

## FORMAÇÃO E CONTRATO DE PROFESSORAS

Como providência indispensável à realização do plano de erradicação do analfabetismo, programou o Governo do Estado a intensificação

do ensino normal, visando à formação de maior número de professoras.

A primeira consequência favor-

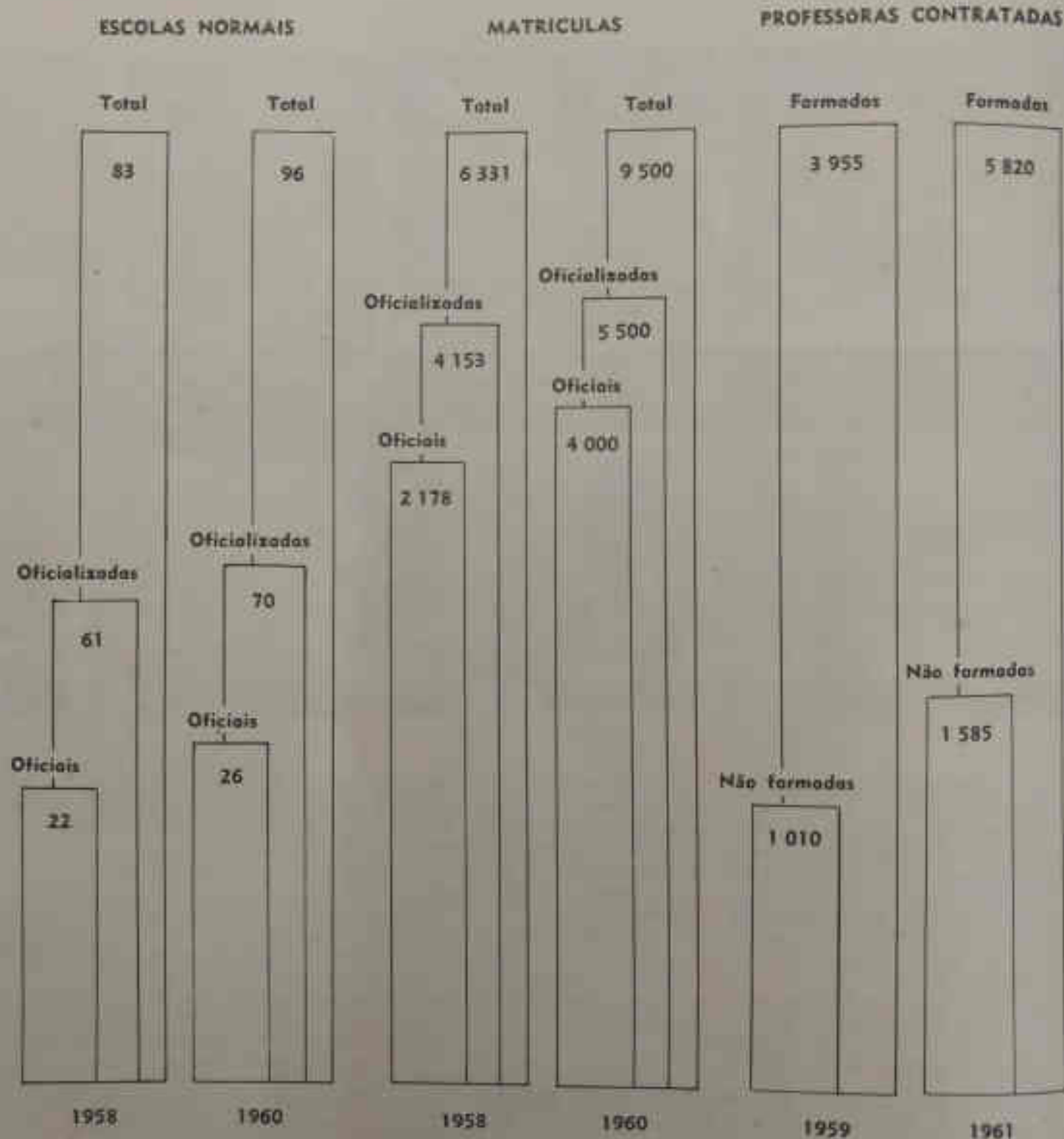
# 2 MIL EM 2 ANOS

providências, programou o Govern-  
no a difusão do ensino normal, vi-  
sando à formação de maior número

de professoras, em quantidade su-  
ficiente para atender à demanda  
do ensino primário e possibilitar a  
parcial substituição do pessoal  
docente não formado. Para esse  
meta, foi articulada uma ação con-  
junta das escolas oficiais e oficiali-  
zadas, de que o Estado participa,

quer através de investidas diretas  
para ampliação, melhoria e cons-  
trução de escolas, quer pela concen-  
tração de auxílios e de bônus, quer  
pela cessão de professoras esta-  
duais a escolas especializadas.

Os resultados desse trabalho são  
expressos pelas seguintes dadas:

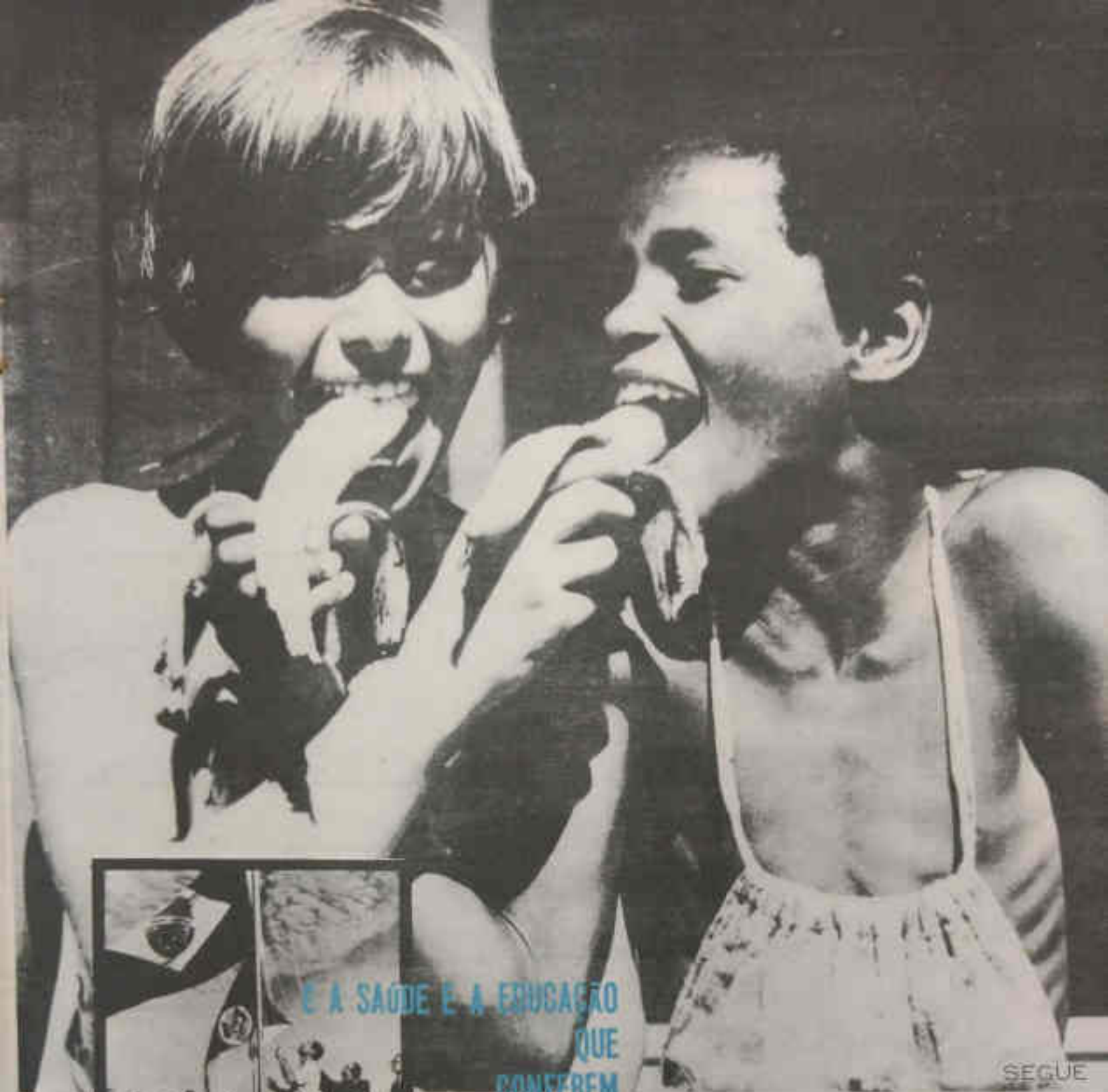


Do total das auxiliares de ensino  
contratadas só restam 1 132, que  
representam menos de 7% do ma-

gistério. As demais, ou não tive-  
ram seus contratos renovados por  
motivo de seleção, ou passaram à

condição de regentes ou normalis-  
tas, por motivo de conclusão de  
curso.





SEGUIE



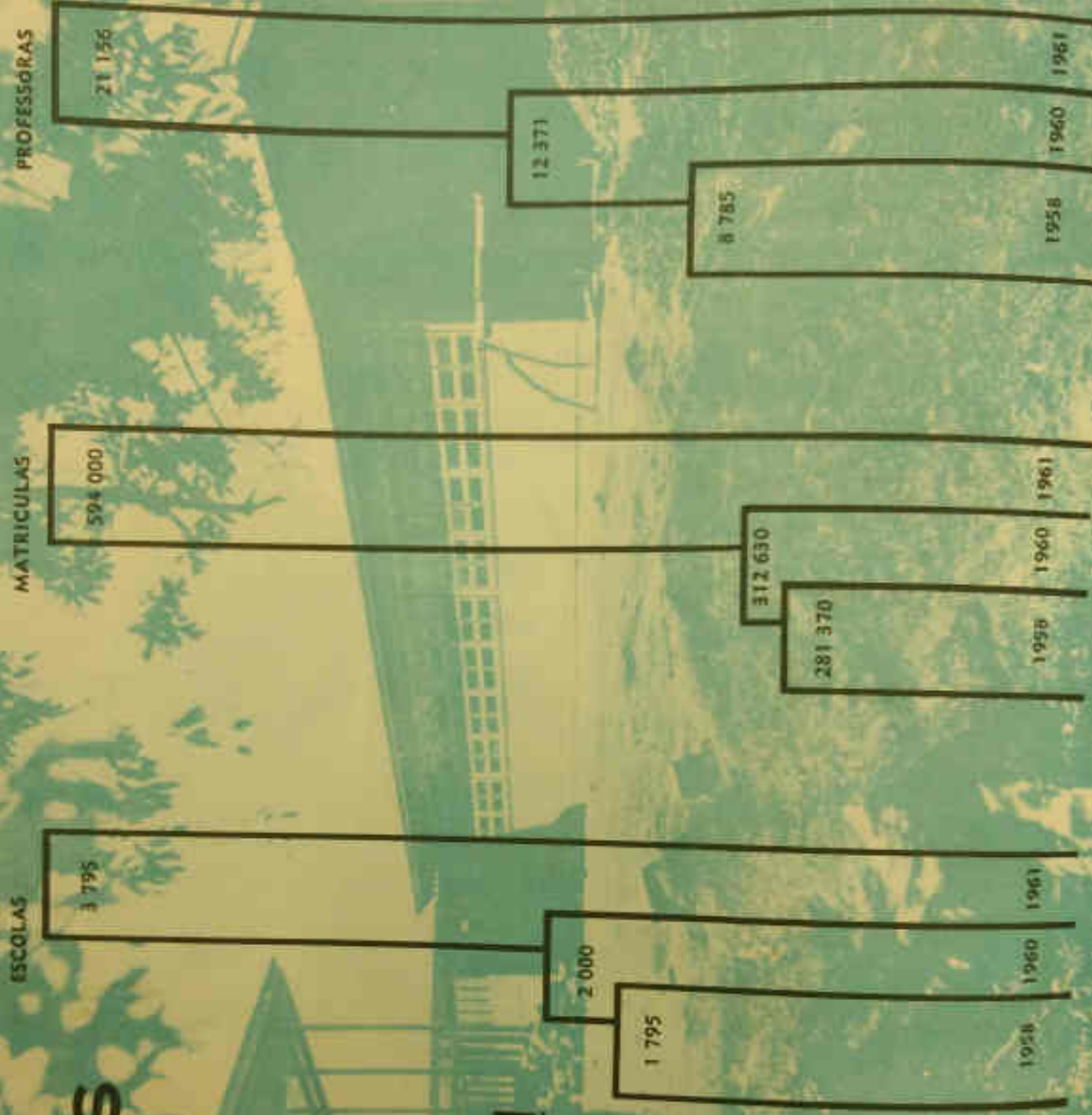
E A SAÚDE E A EDUCAÇÃO  
QUE  
CONFEREM  
SENTIDO  
À  
EXISTÊNCIA  
HUMANA

Empenhada na alfabetização das crianças gaúchas, não pediram as autoridades educacionais descurar desses fatores importantes que são a saúde e a recreação. O sorriso feliz surgindo nos lábios de mães e pais, estimula e compensa o árduo trabalho de dirigentes e recreacionistas especializados, que têm a seu cargo orientar e recrear os escolares no período que eles passam nas colônias de férias, mantidas pela Secretaria de Educação e Cultura nos mais apreciáveis lugares de serra e de praia. Mesmo das fôtes, vê-se os senhores Governadores do Estado e Secretário de Educação, no ato de inauguração da Colônia de Férias de Capão de Canoa.

# 2 ANOS EM 2 ANOS

## RESULTADOS DO PLANO ESCOLAR EM 24 MESES

Ensino Primário Estadual







Grupo Escolar  
"GOVERNADOR  
ROBERTO SILVEIRA"

Tragicamente falecido em princípios deste ano, deixou o Governador do Estado do Rio, Dr. Roberto Silveira, uma lacuna imensa na galeria de grandes homens públicos brasileiros. Num gesto que traduziu a dor do povo gaúcho e a profunda afeição que votava ao jovem governante, o engenheiro Leonel Bri-

zola, em expressiva homenagem póstuma, deu o nome do ilustre governador fluminense a um dos grupos escolares inaugurados em março do corrente ano. Tristeza pela vida que findou, alegria pelas vidas que se vão ali preparar — o passado encontrando-se com o futuro — eis a inauguração do G. E. "Governador Roberto Silveira".





Honorata Setúbal



Ada Montrucchio Gineste

## "ENQUÊTE"

SÔBRE

A

REVISTA DO

ENSINO

Prezado Leitor

O aumento de tiragem da REVISTA DO ENSINO, exigência do crescente número de nossos leitores, mostra que esta publicação especializada está alcançando considerável penetração em todo o País. Esse fato — sem dúvida motivo de regozijo — é para nós também causa de preocupação, tanto pela grande extensão territorial de nossa Pátria como pela diversificação de ensino primário, considerando a autonomia dos Estados e Territórios sobre o assunto.

No propósito de melhor interesse e necessidade profissionais de professores e técnicas de educação de todo o País, apelamos aos nossos leitores, através desta "enquete", para que nos enviem sugestões que serão de inestimável utilidade à orientação de nosso trabalho.

Leitor, aguardamos sua resposta para a próxima publicação.

**OBJETIVOS DA "ENQUÊTE":** intensificar o intercâmbio com os nossos leitores e colher sugestões de professores, técnicos e administradores do ensino para orientar nosso trabalho.

— QUE SEÇÕES DA "REVISTA DO ENSINO" CONSIDERA INDISPENSÁVEL AO PROFESSOR PRIMÁRIO? POR QUÊ?

— QUE OUTRAS SEÇÕES OU MATERIAS GOSTARIA QUE "REVISTA DO ENSINO" APRESENTASSE?





Neide Guimarães Plaisant

#### ADA MONTRUCCHIO GINESTI

Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais e prof.<sup>a</sup> de Didática e Prática de Ensino da Escola Normal Sagrada Coração de Jesus em Curitiba.

"A Revista do Ensino está realizando um trabalho admirável, digno do reconhecimento mais profundo de todo o magistério do país. Considero-a preciosa complementação das atividades dos Centros de Pesquisas Educacionais e Escolas Normais.

Grande tem sido a sua utilidade no trabalho de orientação do professorado, realizado por este Centro. Creio que dificilmente poderá ser destacada a superioridade de aplicação de uma seção sobre outra, pois todas são indispensáveis, se considerarmos o aspecto complementar de cada uma, já que fazem parte de um todo e servem a um único objetivo — a educação integral da criança.

Desde a natureza de meu trabalho aqui, e que primeiro procurei conhecer em cada número da Revista e a matéria dos Comunicados do C. P. O. E. de Rio Grande do Sul, considerando-a alicerce e inspiração de minha seção — através dos Centros de Pesquisa das outras Unidades da Federação — acredito que muito contribuirá para acelerar o movimento de renovação pedagógica que agita o país.

Outra seção que gostaria de ver ampliado é a de *Fundamentos de Educação*, especialmente no que se refere ao aspecto filosófico. Não podemos esquecer que é da formação do professor que depende o bem, o adequado ou inteligente uso das técnicas e materiais materiais sugeridos pela *Direção de aprendizagem*. Se não cuidarmos mais de aspecto formativo desse profissional que também é um apóstolo e um artista — o professor — corremos o risco de fornecer-lhes meios de ação, *recortes*, cuja natureza, fins e possibilidades ele não chega a perceber. Como esperar então uma posição definida do professor diante do novo tipo de situação?"

#### PROFESSORA NEIDE GUIMARÃES PLAISANT

Diretora do Grupo Escolar "Cristo Rei" de Curitiba

"Considero a Revista do Ensino um instrumento valioso, indispensável ao nosso trabalho de professores e diretoras. Aqui no Cristo Rei sua orientação didática e psicológica tem sido insubstituível. Toda a matéria apresentada é precisa em significação e qualidade, contribuindo cada uma de suas seções para completar a visão glo-

bal de um problema: a criança e sua educação.

Naturalmente cada leitor, conforme sua situação na escola — professora de jardim, primário, especializada — prefere as seções que melhor atendam as suas necessidades. Como diretora eu gostaria de encontrar na RE mais orientação sobre Administração Escolar. Isso é a matéria que entre nós, diretoras, não tem sido suficientemente estudada e compreendida. Talvez a Revista do Ensino pudesse começar divulgando as dificuldades existentes no funcionamento de determinadas grupos escolares e as providências que cada uma das diretoras tomou para enfrentá-las. Isso naturalmente levaria diretoras de outros pontos do país a falar de suas experiências, estabelecendo-se, assim, um proveitoso intercâmbio entre as diretoras de escolas.

Outro assunto que me preocupa são as atividades extracurriculares. Considerando a força e dinamismo que elas exercem na formação do caráter e no equilíbrio emocional da criança, creio que seria oportuno ampliar a seção que trata de Instituições Locais."

#### HONORATA SETUBAL

Coordenadora de Didática e Prática de Ensino do Instituto de Educação e prof.<sup>a</sup> de Didática e Prática de Ensino da Escola Normal Natanael em Curitiba.

"O pensamento de que um programa educacional não pode ser levado a efeito sem a materialização apropriada e informação é indiscutível. Sabemos como é importante, na prática, a interpretação coerente e correta da realidade de uma época. Conhecemos o valor das ideias compartilhadas, de pensamentos quantitativos que levam a novas experiências e mesmo valiosas criações. Assim sendo, a Revista do Ensino tem sido uma orientadora do magistério, pois em linguagem acessível, divulga fatos e experiências que dão ao mestre capacidade de discernimento e compreensão necessárias a uma inteligente atividade docente. Não podemos citar partes importantes e sim expressar nossa admiração à alta significação da Revista.

Em nome geral os educadores sentem a necessidade de uma renovação educacional em seu meio, que torne a escola mais ligada à realidade, e que os alunos dela possam aplicar os conhecimentos pelo progresso nacional. Sendo este o problema de todas as escolas, é também dire cursos de formação de professores.

Em geral, uma das questões presentes é a de proporcionar ao professor melhores condições de vida para atuar com mais eficiência. Isto se faz em grande parte pela educação. E para educar melhor há necessidade de professores cada vez mais eficientes e interessados. E para isto, para se formar o profissional, é necessário que o estudante tenha e a compreensão fazem frente ao instrumento pessoal. E os resultados serão até sublimes. A criança desfrutará de educação mais completa e de um futuro mais seguro.

O ensino no curso de professores alcança-se em termos científicos, com objetos definidos, num espírito renovador e qualificador. Para a sua consecução, compartilhar de experiências seria um grande passo. A divulgação de trabalhos, de planos de curso, de orientações de execução, nos diferentes Estados, por certo ocasionariam atingimento de ideias.

És pois, uma seção a ser implorada: A "Prática de Ensino" nos Institutos de Educação e Escolas Normais."

## INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA DO INEP

# UM PASSO À FRENTE

Genevieve Vianna

Apesar das vozes denunciadoras da real e crescente insuficiência e incapacidade da escola que se levantam em nome do povo e do governo, da lei de diretrizes e bases da educação, que transita melancolicamente há mais de 14 anos nos meios legislativos, e da polémica que já durou demais sobre direitos e responsabilidades da escola pública e particular, muito vem se fazendo pela melhoria qualitativa e quantitativa do ensino. Tanto por iniciativa oficial como particular, grupos de pessoas estão trabalhando seriamente para preparar condições que assegurem um avanço próximo e significativo em matéria de educação no Brasil.

Entre essas realizações destaca-se aqui, hoje, a que o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) vem promovendo no campo psicológico: PESQUISA DOS FATORES EMOCIONAIS NA APRENDIZAGEM.

Foi só em 1952 que o Ministério da Educação conseguiu, através do INEP, patrocinar uma investigação científica dessa natureza. Tal experiência tende a alterar o critério adotado na orientação de cursos e estágios que o referido órgão técnico proporciona a professores de todo o país, por meio de bolsas de estudo. Ao invés de **aprender a ensinar**, os professores terão de **cuidar, primeiro, de aprender a aprender**. E todo esforço para identificar a debilidade da escola terá, então, o mesmo origem, base e objetivos:

**conhecer a criança e conhecer como realiza ela a sua aprendizagem.**

Pedro de Figueiredo Ferreira — autor da Pesquisa — é membro da

Sociedade Brasileira de Psicanálise, filiada à Associação Internacional de Psicanálise. Médico, professor e psicanalista com larga experiência de trabalho, PFF inaugura um novo caminho no terreno da Psicologia aplicada à Educação. Através da investigação em curso, o conhecido cientista conseguiu demonstrar OBJETIVAMENTE — e isso é que constitui a contribuição — uma crença antiga: a educação autêntica não se baseia em idéias, processos de ensino, material didático ou intercâmbio intelectual entre aluno e professor. A verdadeira educação está condicionada, preliminarmente, à harmoniosa relação emocional que o professor conseguir estabelecer com o educando.



### OS FATOS DA VIDA REAL VIRAM MATÉRIA DE ESTUDO

Em 1952, os 182 professores (convocados aquele ano para estagiar no INEP) iniciaram a Pesquisa. Aos participantes exigiu-se apenas uma coisa: objetividade. Cada um traria algo de muito pessoal: suas vivências de professor. Ficou clara que o conhecimento teórico — idéias desligadas de fatos da vida real — ou informação livresco sobre aspectos fundamen-

tais da educação, não poderiam trazer nada de novo ou de válido para o trabalho científico que se iniciava. Pediu-se muito aos professores (jardim de infância, curso primário e curso normal): o depoimento de sua atuação pessoal (dolorosa ou gratificadora) em caso de aluno vitorioso ou fracassado na escola.

A matéria de estudo da investi-



gação foi e continua sendo algo de inexplorado até hoje: o conhecimento empírico adquirido, consciente ou inconscientemente, pelo professor em seu longo e constante convívio com o educando (criança ou adolescente).

O autor da pesquisa insiste muito em um ponto: o êxito deve-se ao professor, especialmente ao de jardim de infância e curso primário, à sua compreensão e generosidade. O professor dos graus ele-

mentares de ensino pode dar maior contribuição porque sua experiência vivencial é mais rica. É fácil explicar: "com a criança o professor estabelece quase sempre um contato mais direto do que com o adolescente. É essa relação humanizada, fantasiosa e representativa, feita à custa de emoções, sensações mentais, é mais completa, mais profunda, entre aluno e professor, do que a relação de base intelectual estabelecida em geral com o adolescente".

dos quais a relação com a professora é uma expressão."

Conclui, sintetizando a Pesquisa: — "Seu objetivo é possuir o conhecimento de como se aprende. Com esse propósito estuda as formas, os meios e as condições através dos quais o fenômeno da aprendizagem se realiza. Uma vez obtido o conhecimento experimental de como se aprende, isto é, como funcionam os leis naturais da aprendizagem, teremos então o controle do fenômeno da aprendizagem dará aos educadores condições para economizar (dispendir menor esforço) e enriquecer (ampliar e aprofundar) as práticas educacionais e poderá fornecer aos filósofos conteúdo e fundamento para os seus trabalhos de reformulação e expansão das teorias educacionais."

## NA VERDADEIRA ESCOLA A SOLUÇÃO

Falando à REVISTA DO ENSINO, Pedro de Figueiredo Ferreira justifica a necessidade de medidas que habilitem a escola a realizar EFETIVAMENTE a sua tarefa:

— "A escola é o centro de saúde emocional da criança e como consequência o de profilaxia das doenças mentais do adulto. Temos de nos voltar para a escola, onde estamos encontrando uma situação grave pela quantidade de casos de interrupção do desenvolvimento emocional da criança. Aliás, essa situação não é peculiar a algumas cidades do Brasil, mas parece universal. Já que o senso comum nos leva a concluir que o problema não pode ser cuidado por meio de tratamento, temos de pensar em termos de medicina preventiva. É mais econômico prevenir que remediar".

A seguir explica seu processo de trabalho e fundamentos da investigação:

— "Tratando-se da primeira investigação dessa natureza, faltavam-nos experiências equivalentes para inspirar e sugerir detalhes técnicos e táticos de pesquisa de caráter emocional. Foi necessário desenvolver uma técnica de investigação indireta (estudar a criança por intermédio do professor) e comprovar a validade dessa técnica por meio da investigação direta com a criança. Isso exigiu longo tempo e paciente trabalho. A PESQUISA DOS FATORES EMOCIONAIS NA APRENDIZAGEM baseia-se no princípio da continuidade genética do desenvolvimento emocional da criança, especialmente no que se refere ao fato (estudado e comprovado) de que a criança estabelece com o mãe, desde as primeiras experiências do nascimento, uma re-

lação de objeto. Essa relação constitui o molde e o fundamento de todas as demais relações humanas,

## DEPOIMENTO DE EDUCADORES E PSICÓLOGOS

**LOURENÇO FILHO**, ao apresentar o livro (programado pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do INEP para 1960) "Contribuição ao estudo dos fatores emocionais na aprendizagem" — análise do desenvolvimento de uma menina de 5 anos de idade — diz entre outras coisas:

"Este livro contém uma investigação de psicologia clínica, extremamente atraente por riqueza de aspectos e beleza do método que a inspira. Dirigiu-a um consumado especialista, o dr. Pedro de Figueiredo Ferreira, que, há vários anos, com grande desprendimento, vem superintendendo uma série de pesquisas sobre fatores emocionais na aprendizagem, sob os auspícios do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Elucidar esses fatores é atacar em cheio o problema dos motivos da ação intencional de educar. Assim, sobre o aspecto científico estrito, esse plano de bem conduzidos trabalhos oferece interesse prático, de enorme alcance, ao ensino e à organização escolar, em geral.

Para esse aspecto convirá desde logo chamar a atenção do leitor.

No caso deste estudo, levanta-se uma questão muito séria e profunda. É o que se refere à necessidade de desenvolver, nas professoras dos

jardins de infância, uma atitude que lhes permita melhor compreender a normalidade do desenvolvimento emocional da criança, ou, em termos menos precisos, mas talvez mais elucidativos, da formação da personalidade de cada uma. Na vida atual, sobretudo nas grandes cidades, em que o lar tem perdido muito de seu papel educativo, todas reconhecem que maiores esforços nesse particular correspondem a uma insistente exigência, quer do ponto de vista técnico-pedagógico, quer da significação social da escola.

O estudo dirigido pelo dr. Pedro de Figueiredo Ferreira é, aliás, uma esplêndida confirmação dessa tese. Sob feição aparentemente singela, ela nos relata o caso dramático de uma pré-escolar que, em face de tais condições, certamente estaria sendo levada à franca neurotização, senão à insanidade, não fossem as medidas que se tomaram em relação ao seu caso especial. São as indagações e comentários do analista que nestas páginas se transcrevem, sem retoque, ou simplesmente copiadas das notas taquigráficas das sucessivas sessões de estudo a que deu motivo."

"Estas páginas de prefácio não pretendem salientar outra coisa senão o grande valor que o presente estudo oferece à reflexão dos



educadores, em geral. Deve êle ser visto não apenas como contribuição científica de grande mérito, mas também como expressão de um belo e fecundo ideal de renovação educativa. Dotado de vastos conhecimentos sobre a sua especialidade e de superior orientação filosófica, o dr. Pedro de Figueiredo Ferreira possui condições excepcionais para levantá-lo e expandi-lo nas instituições de educação pré-escolar de todo o País, com isso prestando inestimável serviço à nossa cultura."

\*

**EVERILDE FARIA LEMOS BOM-FIM:** "O trabalho que vem sendo feito na Jardim de Infância do Instituto de Educação (Rio de Janeiro) pelo dr. Pedro de Figueiredo Ferreira tem, a favor de seus méritos, o significado de experiências realizadas e de outras em andamento que consagram, nos resultados, o valor do jardim de infância como "Centro de Saúde Emocional da Criança".

Acreditamos ser esta a primeira vez que entre nós se faz tão eficiente trabalho e é justo que consigamos sua importância e tornemos conhecido o que vem sendo desenvolvido pelo dr. Pedro de Figueiredo Ferreira silenciosa, árdua e modestamente.

Os chamados casos de desajustamento, de meninos agressivos, de crianças-problemas, de inadaptações são semanalmente tratados, discutidos e estudados nas reuniões realizadas neste Jardim de Infância. Nesses seminários aprendemos a melhor entender os pequeninos e seus problemas. Com o desenvolvimento de nossa capacidade de compreender, aumentamos nosso poder de investigar e, com êle, a paciência, a perseverança, a prudência, a imparcialidade e a continuidade de observação. Tornamo-nos, assim, aptos a ir em socorro da criança cujos problemas são o reflexo dos problemas de sua família, uma vez que o resultado dos nossos estudos nos fez chegar à convicção e mesmo à certeza de que a criança repete, na sua relação com o professor, a relação com a mãe.

O desenvolvimento da capacidade de sentir e perceber a criança, advinda das nossas pesquisas, permite-nos, mais tarde, no contato com os mães, pais e responsáveis, despertar-lhes a consciência de

suas atividades e modificá-las, se preciso, em benefício dos filhos.

Como professor e como diretor do Jardim de Infância do Instituto de Educação, desejo que esse trabalho possa continuar, ampliar-se e merecer de todos apoio irrestrito para melhor rendimento de nossa tarefa no campo da educação pré-escolar."

\*

**IVA WAISBERG BONOW:** "Como professora de Psicologia do Instituto de Educação (Rio de Janeiro), venho sabendo, através de comentários casuais de colegas e antigos alunos, por isto mais fidedignos, da importante missão do dr. Pedro Figueiredo Ferreira, psicanalista de mais sólida formação, junto a um grupo de professoras primárias e pré-primárias do INEP e do nosso Jardim de Infância. Embora circunstâncias adversas me tenham impedido de pessoalmente participar de tais reuniões, sei que a sua influência tem sido muito benéfica na condução de uma experiência psicopedagógica inédita nos nossos meios educativos, qual seja a de integrar a Escola no papel de centro de saúde mental, o que representa uma necessidade urgente nos conturbados tempos modernos.

O que há de mais apreciável na atuação do dr. Ferreira é o modo discreto e sutil com que realiza o seu papel de agente catalizador do amadurecimento emocional na cadeia humana: professoras — criança — mãe, quase não dando ênfase a sua presença ou interpretação pessoal, quer dos acontecimentos, quer dos processos comportamentais. Da leitura dos seus mimeografados que descrevem o curso de sua intervenção, durante um período de anos consecutivos, brota uma atmosfera de encantamento como se uma nova e mais profunda dimensão tivesse sido acrescentada, ou quem sabe descoberta até, pelo leitor. Este, no meu caso, sentiu-se ator e participou do drama numa curiosa posição de quem vê o que os participantes não podem ver, ou seja, a orientação oportuna, firme, precisa, inteiramente leal e espontânea do líder, isto é, do dr. Ferreira, conduzindo, doce e pacientemente aquelas pessoas para um processo de integração da personalidade. Nesta posição, o trabalho todo me pareceu belo, harmônico e me despertou sentimentos de reverência, apoio, admiração e esperança. Esperança de que o mé-

todo encontre compreensão e acolhida por parte daqueles que são mais diretamente responsáveis pela educação: professores, pais, diretores e sobretudo a alta administração escolar que deveriam cultivar mais o espírito experimental e se empenharem, com mais sinceridade ainda, no equacionamento dos distúrbios emocionais do educando que interferem fundamentalmente no processo geral da aprendizagem. Se todos os que têm tais responsabilidades diretas se dessem conta da importância que têm os primeiros seis e sete anos de vida do ser humano para garantir um desenvolvimento ajustado e normal da personalidade, estou certo que trabalhos como este não passariam despercebidos, ao contrário, receberiam o incentivo e o aplauso caloroso que merece qualquer esforço de educação autêntica."

\*

**RIVA BAUZER:** "Tive o privilégio de acompanhar de perto, durante dois anos seguidos, a investigação que dr. Pedro de Figueiredo Ferreira vem realizando em torno do tema: condições emocionais e aprendizagem.

Reunião após reunião ouvi, com grande interesse, dezenas de professoras de nossas escolas primárias descreverem para o grupo, reunido em seminário, os comportamentos de alguns de seus alunos, numa tentativa de analisar as forças propulsoras das formas de ação. Habilmente guiadas por dr. Pedro de Figueiredo Ferreira, com grande segurança e infinito discrição, as próprias professoras chegaram, inúmeras vezes, ao diagnóstico dos casos apresentados. Daí a nítida impressão que permanece naqueles que participaram: — Não se trata de um seminário de estudos sobre a criança, mas sobre os professores dessas crianças. Repetidamente ficou demonstrado que as professoras foram gradual e paulatinamente alcançando, com maior profundidade, a compreensão da causalidade motivadora dos comportamentos da criança. Em torno de nós vimos crescer simultaneamente a capacidade de identificação dessas causas, quer no que diz respeito a casos individuais de crianças estudadas, quer no que concerne ao comportamento de classes, como grupos de crianças, quer ainda na auto-apreciação das atitudes adotadas (ou perpetradas) em nome do processo educativo."



# SITUAÇÕES DIFÍCEIS

(3.ª de uma série)

James C. Marquet

da Seção de Psicologia do CPOE  
Instituto de Filosofia da Faculdade de Filosofia de UFGS

Todos nós, no dinamismo dos fatos que, por seus dividendos positivos, vão edificando nossas vidas, temos de enfrentar situações que não nos agradam, situações que nos constroem e que nos fazem sofrer. Vivendo uma sensação de perda que certos momentos cruciais provocam, compreendemos, mais tarde, depois de tudo, que alguma coisa ganhamos, alguma coisa liçoa. A valorização desta alguma coisa, como uma aprendizagem de insuperável significação, necessária, útil e boa, é uma atitude que supõe determinadas habilidades no trato com as situações difíceis.

A saúde mental de uma pessoa é testada pela maneira como a mesma enfrenta decepções e fracassos. Terá tido um escote alto, se for capaz de manter, frente a situações frustrantes, uma certa dose de equilíbrio e objeividade. O comum é que as pessoas exagerem as dificuldades com sua imaginação e que subestimem língas pessoas em função dos sentimentos de ameaça que vivem.

A habilidade para lidar com situações difíceis não nasce com o indivíduo. Ela é desenvolvida. Depende da aprendizagem e está ligada mais às técnicas que se estabelecerem no sistema ambiente-pessoa do que a fatores hereditários ou fisiológicos. É curioso acreditar que há tipo de aprendizagem escote fatalmente. Se não aprendemos modos convenientes, aprendemos formas prejudiciais à nossa economia emocional. Mesmo a indiferença, o "não ligar" é uma atitude aprendida em função de experiências anteriores. Quer dizer, de uma ou outra maneira, todos lidam com seus próprios problemas. Mas, nesta ou naquela maneira, está toda a gama de reações que tornam um indivíduo mais ou menos ajustado, mais ou menos apto a gozar de autonomia pessoal, mais ou menos capaz de usu-

fruir da beleza, do amor, da alegria em seu mundo íntimo.

Como sente-se você quando, ao ter planejado realizar alguma coisa, vê que seus planos têm de ser mudados? O que você normalmente faz em tais momentos? Há outros meios de enfrentar decepções, além de se sentir irritado e infeliz. Uma mocinha que, depois de ter esperado poder adquirir um vestido novo para a festa, na última semana ouve de sua mãe que não haverá dinheiro para tal compra... Como reagirá ela? Não ir à festa e ficar encerrada em seu quarto? Culpar os pais pela falta de dinheiro e, tão logo, pela falta de uma satisfação pessoal para si? Ir com o vestido velho? Discutir a dificuldade com a mãe, solicitando a compra de algum enfiar especial para usar na ocasião? Reformar um vestido velho? São atitudes diferentes que, ainda que pareçam não ter nenhuma importância, podem contribuir de modo decisivo para o sentimento de segurança e bem-estar pessoal de uma mocinha de treze anos.

É freqüente que pessoas sentindo-se frustradas por não poderem alcançar o que desejam ou necessitam, descarreguem sua raiva nas outras pessoas que as rodeiam. Surgem atitudes de superioridade, de desprezo, de crítica. Os outros são "insignificantes", uma vez que nada podem oferecer. A pessoa frustrada coloca-se num pedestal, diante o qual tudo o mais é rebaixado. Esta é uma técnica de irritar os outros e perder amigos.

Por outro lado, sabemos que cada um de nós gosta daquelas pessoas que nos dão um senso de valor e rechaçamos aberta ou veladamente aquelas que ferem nossa auto-estima. Daí porque as situações difíceis e frustrantes devem ser resolvidas dentro das coordenadas que lhes são específicas e não deslocadas para esferas mais amplas, no trato generalizado das pes-



suas com as quais convivemos. Tentar fazer estas distinções, objetivas e claramente, já é uma forma de alterar o significado da frustração, pois haveria uma incompatibilidade entre aprendizagem e frustração. Uma vez que eu aprendo algum fator novo na situação, que eu vejo a situação diferente, minha atitude se modificará também. Há, então, uma tentativa de adaptação diferente daquelas formas que me são habituais. E qualquer movimento no sentido da compreensão, levará a perceber fatores e relações novas. O sentimento de frustração diminui porque a compreensão — percepção de limites e possibilidades reais — aumenta.

As situações difíceis da infância em-  
traçam suas dificuldades, externa-  
mente, na pessoa dos pais, assumindo  
o sentido de uma barreira ou obstáculo  
à consecução de algum fim desejado.  
Na idade adulta a frustração é vivida  
como algo mais complexo, apresen-  
tando muitas vezes várias situações difí-  
cís, ao mesmo tempo. Entretanto,  
se o pré-adolescente puder compre-  
ender as inter-relações implicadas nas  
situações difíceis que vive, puder re-  
formar atitudes saudáveis frente aos  
limites que se impõem ao seu com-  
portamento, ele estará mais capaci-  
tado, quando adulto, a renunciar às  
coisas que não pode obter. O pré-  
adolescente precisa entender que nem  
tudo quanto desejamos é plenamente  
alcançável. Uma das aprendizagens  
mais fundamentais é aquela de dese-  
jar nos limites de nossas possibili-  
dades. Isto não significa uma renún-  
cia a tudo, mas tão somente o aban-  
dono de desejos fantásticos, baseados  
puramente na imaginação, sem fun-  
damento no possível e no real.

Os professores poderão, depois de  
meditar sobre a significação psicoló-  
gica das situações difíceis, orientar  
seus alunos de 3.º, 4.º e 5.º anos,  
para a compreensão de suas reações  
face às contrariedades que vivem,  
quando desejam ou pretendem coisas  
que não lhes são permitidas de modo  
cabal. O importante é que a criança  
aprenda maneiras sadias de lidar com  
tais situações. Por isso a ênfase da  
discussão deve ser posta nas diversas  
alternativas de atitude que um pré-  
adolescente pode seguir quando em  
presença de uma situação em que  
seu desejo não é alcançado.

### "VOU PEDIR AO PAPAÍ!"

— Mãe, mãe, por que eu não posso?  
perguntou Mário em tom triste,  
sentindo desesperado.

— Mário, já lhe disse um milhão

de vezes que quando uma pessoa es-  
tá resfriada tem de ficar em casa.  
O repouso é necessário e o resfriado  
pega nos outros, respondeu a mãe,  
com calma e firmeza.

— Ora, mãe deixa eu ir... É a  
primeira vez que me convidam para  
tomar parte no quadro e se eu não  
fôr hoje, eles vão botar outro no ti-  
me.

— Sinto muito, meu filho, mas  
hoje não dá para você ir. Não acho  
que por isso deixarão de convidá-lo  
outra vez. Você poderá explicar que  
estava doente.

— Mas, eu não estou doente. Um  
resfriadinho de nada, não é doença.  
Nem sei o que vou dizer para eles,  
depois.

— Paciência, Mário, já lhe disse



rio. Saiu depressa, entrou no seu  
quarto e bateu a porta.

Mas, seu pai seguiu-o e entrou em  
seu quarto.

— Mário, sei como você se sente,  
mas agir desta maneira, não vale de  
nada. Enfrentar decepções é parte do  
que se tem de aprender para ser um  
homem. E mais, haverá outras opor-  
tunidades para você, no time, tenho  
certeza.

Naquele momento, a mãe apare-  
ceu à porta.

— Mário, você não deixou eu con-  
cluir o que lhe estava dizendo. De-  
sejo lembrar-lhe algumas coisas que  
você pode fazer esta tarde.

O rosto de Mário ficou um pouco  
iluminado por um sorriso que não  
chegou a se mostrar inteiramente.

— Que coisas que você quer di-  
zer, mamãe? perguntou Mário.

— Você pode ouvir a partida de  
futebol no rádio. Estou também, pen-  
sando em fazer "sonhos" bem quen-  
tinhos para você comer com café.

Mário ficou mais conformado ao  
pensar nessas possibilidades que,  
afinal, não deixavam sua tarde de  
domingo tão sem graça assim.

Quando você, pequeno leitor, vive  
situações parecidas com esta de Má-

que não poderá ir. O melhor lugar  
para você, hoje, é sua casa.

— Eu tenho que ir. Vou pedir ao  
papai, e saíu correndo.

— Pai, disse ele quase chorando,  
você não quer que os outros meni-  
nos me chamem de "bone"?! Então  
diga para mamãe que deixe eu ir no  
time de futebol desta tarde. Ela não  
quer deixar eu ir...

— Não, Mário, disse o pai. Sua  
mãe e eu estivemos conversando esta  
manhã, sobre nossa alegria de você  
pertencer ao time, ao mesmo tempo  
que lamentamos o fato de você não  
poder ir, hoje. É uma pena que es-  
teja resfriado, mas desde que é as-  
sim, você tem de se conformar e ficar  
em casa.

— Não agüento isto! gritou Má-

rio é natural que você fique com ra-  
iva, como ele ficou. A melhor manei-  
ra de resolver uma decepção é acei-  
tar as coisas como elas são e, então,  
fazer outro plano, para substituir  
àquela que não foi possível realizar.

Muitas vezes o que mais o preocu-  
pa, é o que você dirá a seus ami-  
guinhos. Pense, nestas explicações  
que Mário imaginou para dizer a  
seus companheiros de jogo: 1 —  
Não fui, porque mamãe achou me-  
lhor que ficasse em casa, pois eu  
estava muito resfriado. 2 — Não fui  
porque não quis, não gosto de jogar  
domingo de tarde. 3 — Não fui por-  
que queria ouvir o jogo no rádio que  
é muito melhor que esse.

Qual dessas três explicações lhe  
parece a mais conveniente? Em qual  
delas Mário está sendo mais sincero?  
Em qual delas, Mário mostra um  
certo desprezo pelo jogo ao qual  
queria tanto ir? Qual delas você es-  
colheria, se fosse Mário?

Pense na situação difícil que Mário  
viveu e não esqueça que a melhor  
maneira de resolver uma decepção é  
aceitar as coisas como elas são e,  
então, fazer algum outro plano, para  
substituir aquela que não foi possível  
realizar.



# CRIANÇAS BEM-DOTADAS

DALILLA C. SPERR

do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Rio Grande do Sul

A descoberta de excelente material humano parece ser a maior preocupação das grandes potências do mundo atual. Apesar da reconhecida importância de descobrir capacidades extraordinárias na criança de pouca idade e de desenvolver essas capacidades ao máximo, a realização dessa tarefa nem sempre é fácil.

Observando o nosso ambiente, podemos constatar que muitas pessoas bem-dotadas ocupam posições bem abaixo de suas capacidades, o que significa desperdício de recursos humanos. Por que acontece isso tão frequentemente? Em primeiro lugar estará, provavelmente, a falta de meios materiais que impede muitos jovens a seguirem estudos superiores ou mesmo a concluírem o curso secundário. Mas também acontece que estudantes bem-dotados não demonstram interesse em estudos avançados. Parece, no entanto, que tais estudantes não possuem a convicção de suas capacidades, e certamente sentiriam o desejo de aperfeiçoamento se alguém lhes dispusesse o estímulo necessário.

Identificar alunos potencialmente superiores é a chave do problema. Em virtude das classes numerosas na escola primária, a descoberta de alunos bem-dotados é hoje mais difícil do que nunca, mas mesmo dentro de um grupo reduzido tais alunos nem sempre são notados.

Verificamos em nossas escolas que algumas crianças conseguem sempre boas notas sem que por isso sejam especialmente bem-dotadas. Elas sabem adaptar-se e pos-

suem a capacidade para o trabalho intenso. É bem conhecido que aqueles que não se adaptam tão bem e que interrompem as aulas com freqüentes perguntas muitas vezes embaraçosas para o professor, são geralmente mal avaliados e recebem notas baixas durante o ano letivo. Isso acontece apesar de sabermos que a curiosidade e o desejo de resolver problemas são indícios de uma inteligência superior.

Os pais, sem dúvida, são as pessoas que primeiro têm a oportunidade de observar a criança, mas a dificuldade consiste na falta de objetividade com que os pais costumam julgar os seus filhos. O pior dos males provavelmente é que os pais usam comparar um filho com o outro, ou mesmo compará-lo com o filho do vizinho. Dificilmente julgam o filho individualmente.

Crianças bem-dotadas necessitam do auxílio de psicólogos conhecedores de seus problemas. Realmente, para guiar uma criança bem-dotada ao encontro da plena realização de suas capacidades teríamos que ver conjugados os esforços dos pais, do professor, do psicólogo e, ainda, a colaboração consciente da própria criança.

Se a criança é de fato possuidora de uma inteligência superior, não lhe fará mal algum conhecer essa sua capacidade. Ao contrário, ela deverá desde cedo aprender a apreciar o dote extraordinário que recebeu.

Para a descoberta dos bem-dotados temos, entre outros, o instrumento chamado teste de inteligência. Em virtude da vasta aplicação desses testes, em muitos casos por

pessoas não especialmente preparadas para a tarefa, parecem-nos útil demorarmos no assunto a fim de apresentarmos fatos cuja seriedade é suficiente para alertar aqueles que procuram os bem-dotados por meio de testes de inteligência. Os testes de inteligência permanecem em toda a sua importância como instrumentos necessários para a descoberta de maiores recursos humanos; a dificuldade, porém, se encontra na interpretação dos resultados desses testes.

Otto Klineberg, psicólogo renomado da Columbia University, New York, E.U.A., tem entre os seus trabalhos um que revela a experiência do autor relativamente à aplicação de testes de inteligência a grupos humanos radicados em zonas diferentes dos E.U.A., e também aplicados a diferentes grupos raciais. Klineberg chama atenção para o fato de que, na avaliação de diferenças psicológicas entre as raças, o julgamento facilmente sofre a influência do preconceito e da subjetividade do pesquisador. Vejamos algumas considerações do autor citado.

Ao se submeterem a testes de inteligência, em comparação com os americanos brancos normais, os negros e os índios americanos, os mexicanos, havaianos nativos, os imigrantes italianos, portugueses e poloneses alcançam resultados inferiores. Os imigrantes chineses, japoneses, alemães e irlandeses assemelham-se ao americano branco normal, enquanto os judeus, os ingleses, suecos, escoceses e noruegueses superam o grupo de comparação, ligeiramente, em todos os casos tanto os adultos como as crianças. Apresentando estes resultados, Klineberg levanta a questão — são essas diferenças psicológicas inatas e peculiares a cada grupo racial, ou são elas produzidas pelo meio social e cultural em que o indivíduo vive? Com esta questão põe-se a vacilar a objetividade do teste de inteligência, porque, assim encarados, seus resultados permitem mais do que uma explicação, com margem para a interferência dos sentimentos de preconceito do pesquisador. O problema, assim proposto, leva o autor a opinar que um teste de inteligência na realidade **não é uma medida da capacidade mental herdada**, porque numerosas fatores sociais e ambientais influem sobre seus resultados.



Das fatores sociais e ambientais, entre outros, Klineberg escolheu para comentar a **motivação**. A aplicação de um teste de inteligência pressupõe que todas as pessoas testadas se submetam à prova com igual boa vontade. Isso em geral acontece quando os indivíduos provêm de um meio semelhante, onde, por exemplo, todos aprendem a **competir**. O autor menciona uma experiência com crianças índias da tribo Hopi. Essas crianças não aprendem a competir em seu meio nativo e, na escola, negam-se a fazê-lo apesar dos esforços de seus professores. Klineberg menciona a opinião de Kannard que acredita que essas crianças, em seu meio, não têm jogos em que entra a **competição**. Essas crianças, testadas juntamente com outras em cujas lares a competição está na ordem do dia, terão resultados **sui generis**, sem possibilidade de comparação com os resultados obtidos pelo grupo inflorado por forte espírito de competição.

Outro fator de influência mencionada por Klineberg é a das **relações** entre o pesquisador e a pessoa testada. O autor cita experiências em que negros, primeiramente examinados por pesquisador branco, obtêm resultados melhores quando testados por pesquisador também negro.

O fator **linguagem** leva Klineberg a comentar sobre os efeitos do bilinguismo sobre os resultados de testes de inteligência. Muitas e importantes experiências acusam resultados inferiores para os bilingües. Essa aparente inferioridade de inteligência dos indivíduos bilingües tem sido explicada de várias modos, conforme amola material mencionado no trabalho de Klineberg. A aprendizagem de duas línguas durante a primeira infância parece influir fortemente sobre os resultados de um teste de inteligência, fenômeno tanto explicável por uma confusão mental como por dificuldade de vocabulário. O pesquisador encontra neste fator um grande problema em sua tarefa de avaliar os resultados do teste.

Tanto Klineberg como Allison Davis, notável professor da Universidade de Chicago, E.U.A., apresentam valioso material sobre a influência do **nível sócio-econômico** da criança nos testes de inteligência. Davis, em seu eloquente trabalho apresentado em 1950, na Conferência do Cinquentenário da

Casa Branca sobre Infância e Juventude, lamenta o desperdício de poderosos recursos humanos, como resultado da incompreensão dos professores de escolas primárias. Esses professores, nos E.U.A., provêm, em quase sua totalidade (95%) de classe sócio-econômica média, fato que lhes impõe dificuldades para a compreensão do comportamento e dos objetos das crianças oriundas de lares de nível sócio-econômico inferior. Davis menciona suas experiências quanto a testes de inteligência que revelam um quociente intelectual de 8 a 12 pontos inferior para crianças de classe baixa, quando comparadas com crianças da mesma idade, mas pertencentes a classe social alta. Da mesma modo as crianças de zona rural obtêm resultados inferiores aos das crianças da cidade. Davis recomenda aos pesquisadores que considerem em sua avaliação o fato de que os testes usam principalmente problemas freqüentes no meio urbano e na classe média.

Em veemente apelo aos professores, Davis termina a sua conferência exortando os professores da escola primária para que aproveitem os preciosos recursos humanos que se localizam nas classes sociais mais baixas. A escola pública é uma das maiores realizações da democracia, e, assim considerada, cabe-lhe servir de escada a todos que pela sua capacidade podem contribuir para a solução do grave problema de escassez de excelente material humano.

Charles Wagley, sociólogo e antropólogo norte-americano que a convite da UNESCO realizou importantes estudos sobre assuntos latino-americanos, em artigo intitulado **Barreiras à Educação nas Américas**, publicado pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, em **Educação e Ciências Sociais**, de agosto de 1956, comenta sobre a igualdade e as oportunidades para todos os homens dentro das

democracias americanas. Em oposição a esse ideal, Wagley encontrou nas Américas o sério obstáculo do preconceito racial e da discriminação social, criadas pelas formações sociais e culturais. Quanto à igualdade de oportunidades sócio-econômicas, a Anglo-América oferece maiores possibilidades, enquanto que a América Latina é mais branda em relação ao problema racial. Enquanto na Anglo-América a discriminação racial opõe obstáculos poderoso ao pleno desenvolvimento dos bem-dotados nascidos em meio de minoria racial, a América Latina oferece maiores dificuldades à mobilidade social. Fatos como os mencionados até este ponto já deveriam ser suficientes para alertar-nos em relação às sutilezas ligadas à interpretação dos resultados de um teste de inteligência que tem como finalidade descobrir crianças bem-dotadas.

Testes de inteligência mal interpretados podem facilmente aniquilar uma personalidade em formação. Basta para isso "carimbor-mos" um aluno de primeiro ano escolar com um quociente intelectual baixo. De ano em ano ele levará essa marca, e nenhum professor se lembrará de perder seu tempo com um quase imbecil. De outra modo, igual mal faremos à criança cujos resultados de teste, por falta de perícia do pesquisador, são interpretados muito altos. Dessa criança pais e professores esperarão o impossível, o que transformará sua vida escolar em constante suplicio. Tanto um como o outro dos exemplos citados representam desperdício de material humano. — o primeiro porque se lhe negam oportunidades para o pleno desdobramento de capacidades; o segundo por se tentar fazer o desenvolvimento de qualidades que não existem em detrimento de outras qualidades, inferiores porém úteis, que o indivíduo traz em potência.

#### NOTA DA ADMINISTRAÇÃO

A administração da REVISTA DO ENSINO espera de seus assinantes a favor de melhorarem, no prazo máximo de quinze dias, contra os eventuais fatos de recebimento de exemplares e que têm direito.

#### NOTA DO SERVIÇO DE SUPERVISÃO TÉCNICA DA REVISTA DO ENSINO

O Serviço de Supervisão Técnica da Revista do Ensino se reserva o direito de não aceitar ou rejeitar as colaborações enviadas, como ainda o de opinar nos esclarecimentos que, em algum aspecto, possam colidir com a orientação do Secretariado de Educação e Cultura.



# FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS DA RECREAÇÃO

Prof. Ivozil Paulo Marinho  
Conferente de Psicologia da  
Escola Nacional de Ed. Fi-  
sica da Universidade de  
Brasília — Chefe do Depar-  
tamento de Psicologia da  
ENEF — Membro do  
Conselho Universitário da  
Universidade de Brasília

*A contribuição da Teoria aristotélica  
para a Psicologia Hedonista.*

Para Aristóteles, o ato mais completo é o que se faz nas melhores condições; o prazer completa e aperfeiçoa o ato sempre que o objeto que sente e o objeto sentido estejam nas condições desejadas. Esta relação entre o objeto que sente e o objeto sentido, para que o prazer se caracterize, poderá ser comparada à relação estabelecida entre sujeito e objeto por Claparède no seu conceito funcionalista do interesse quando afirma que este é a relação recíproca e momentânea que se estabelece entre o sujeito que apresenta uma necessidade e o objeto capaz de satisfazê-la.

O prazer aperfeiçoa o ato e parece que para cada animal há um prazer que lhe é próprio. Esta afirmação de Aristóteles talvez tenha sido aproveitada por Karl Groos, quando, em 1896, formulou sobre o Jogo, sua teoria do exercício preparatório. Diz-se que depois do nascimento, os instintos herdados, próprios de cada espécie, necessitam ser convenientemente desenvolvidos, sobretudo no homem e em outros animais superiores, sem o que ficariam inaptos para a vida adulta. Ao Jogo caberia a tarefa de proporcionar certos jogos que corresponderiam a atividades peculiares aos animais adultos da mesma categoria,

não figurariam entre os jogos dum espécie animal os exercícios característicos de outra. E Groos conclui suas idéias afirmando: "Não é porque seja cachorro que o animal brinca, e sim, possui infância porque tem necessidade de brincar". Como se verifica, há notável semelhança entre os princípios de um e de outro.

Aristóteles insiste em que o prazer

*Fundamentos genéticos da concepção epicurista do prazer adotados, na  
Psicologia, pela Escola Hedonista.*

Viver bem é viver segundo a natureza. Faz-se indispensável observar como vivem os animais na natureza porque sendo o homem também um animal, é preciso que não contrarie as leis naturais. Os animais são os espelhos lírios da natureza e todos seus movimentos tendem a conservar o prazer quando se apresenta; se aparece uma dor, eles se movem rapidamente para fugir dela. Assim, quando o homem se interroga, sua natureza animal lhe demonstra que é necessário conservar o prazer e fugir da dor.

Não poderemos viver, a menos que as funções vitais, das quais as principais são as de nutrição e as de reprodução, se detuem periodicamente. Estas funções se exercem por meio de movimentos: os corpos exteriores úteis são introduzidos no organismo; corpos interiores supérfluos ou prejudiciais são expulsos. Sempre que um movimento necessário para a manutenção da vida deixa de ser efetuado, sofremos; e essa dor a denominamos necessidade.

É extraordinária a semelhança de concepções entre Epicuro e Claparède. Para este, a necessidade é a manifestação dum ruptura do equilíbrio do organismo que o impede a mover-se e fim de restabelecer o equilíbrio quebrado.

Enquanto a necessidade não seja acalmada, diz Epicuro, e os movimen-

próprio dum ato o faz mais fácil e rápido, exemplificando: se tem mais êxito em geometria, se sente prazer em estudá-la. Pelo contrário, um prazer de natureza diferente põe obstáculo a um ato do qual não depende; por exemplo aqueles que gostam da música têm dificuldade em seguir uma conversa se se toca a lira perto deles.

tos fisiológicos não cheguem a seu término, subsistirá ainda, algum resquício de dor da necessidade. À medida que os movimentos se precipitam, a dor diminui e o prazer aumenta. Por que cessará a dor ao restabelecer-se o equilíbrio? Isto ocorre porque há um limite para o prazer que não pode ser ultrapassado por nenhum artifício e este limite é a supressão da dor, que denunciava uma necessidade agora satisfeita. Há um limite para o prazer, determinado pela satisfação da necessidade.

Epicuro formula, à continuação, esta pergunta: Desfrutariamos da suprema felicidade no que concerne a nosso corpo, se pudessemos satisfazer dum só vez todas as necessidades físicas e, como os deuses, manter nosso organismo num estado de equilíbrio, que não seria jamais perturbado?

E ele mesmo responde: "Na realidade experimentamos só por algum tempo e só parcialmente esta felicidade, porque, apenas ficamos satisfeitos dum necessidade, surge outra que reclama a nossa atenção". Ainda cabe evidenciar a respeito, a semelhança do pensamento de Claparède, para o qual a satisfação dum necessidade é o restabelecimento do equilíbrio quebrado; este equilíbrio é instável, pois outra necessidade lhe produzirá uma nova ruptura.

*Princípios sobre os quais se baseia a Psicologia Hedonista*

Dentro da Psicologia, a Escola Hedonista defende o princípio de que a ação voluntária e o desejo são determinados pelo prazer e não que o prazer dependa do resultado da vontade espontânea. Ainda esta escola parece apoiar que a conexão entre sensação e vontade é necessária e indissolúvel. Mill afirmou que desejar alguma coisa e achá-la desagradável, são duas partes do mesmo fenômeno, e Spencer diz que podemos substituir a palavra prazer por "um sentimento que procuramos trazer à consciência e aliviar" e para a dor "uma sensação que

procuramos tirar da consciência e conservar fora dela." Os adeptos desta escola concordam geralmente em que o prazer e a dor são fatores da vida mental que se desenvolvem na dependência da forma do processo psicofísico, isto é, não são fatos mentais independentes da mesma ordem que os elementos cognitivos da consciência. Isto parece estar envolvido na teoria de Herbert Spencer de que o prazer é o concomitante das atividades normais benéficas no organismo, e a dor o concomitante das atividades excessivas ou deficientes que



prejudicam o organismo; e poderemos encontrar o mesmo fato exemplificado nos dois princípios estabelecidos por Bain, primeiro, que o prazer está ligado a uma excitação de alguma ou de todas as funções vitais e a dor com o decréscimo dessas funções; segundo, que o prazer acompanha a descarga moderada da atividade nervosa até um ponto que não exceda o poder de reparação que o organismo possui.

Lohmann em seu minucioso trabalho sobre os sentimentos diz que o desprazer ocorre quando a capacidade de trabalho de um centro nervoso é diminuída pela sua própria atividade, e que o prazer acompanha a atividade do neurônio que tem lugar sem que haja diminuição da capacidade de trabalho, mas que é maior se a atividade é maior, ou em outras palavras, o desprazer ocorre quando a desassimilação é maior do que a assimilação e o prazer ocorre quando há equilíbrio entre elas, mas o prazer é maior de acordo com os dois fatores, (assimilação e desassimilação) quando também eles são mais acentuados.

Segundo Marshall, o prazer ocorre sempre que o estímulo sobre um ór-

gão acarreta o uso de energias acumuladas; o desprazer tem lugar quando esta reserva é insuficiente para satisfazer a solicitação do estímulo. Storring defende um ponto de vista semelhante a este. Muitas teorias fisiológicas modernas concordam em relacionar o prazer e o desprazer com a modalidade e o tipo da atividade nervosa. J. C. Herrick escreve: "A descarga normal dos circuitos nervosos, quando a reação vem à consciência no seu todo (naturalmente uma grande proporção dessas reações são estritamente reflexas e não tem significação consciente). Por outro lado, o impedimento de tal descarga, não importa a ocasião, resulta num êxtase nos centros nervosos, e uma dos estímulos e o desenvolvimento de uma situação de tensão nervosa depressiva que é desagradável, até que seja rompida a tensão pela apropriada reação de adaptação". A opinião de W. M. Marston é semelhante a esta, mas ele localiza a tensão na consciência com o impulso motor e encontra a essência do prazer e do desprazer na consciência da mútua concórdia ou antagonismo entre os impulsos motores.

*A importância do jogo na Psicologia Hedônica, como fonte de prazer para a realização do ato completo e perfeito.*

Na opinião de Claparède, até o século passado os jogos infantis não tinham atraído a atenção dos investigadores. "É necessário chegar a Spencer para encontrar uma teoria que quer ser explicativa: o jogo se deve a um excesso de energia". Wundt afirma que o "jogo é a infância do trabalho". Não há forma de jogo que não encontre seu modelo em uma ocupação séria qualquer, modelo que é igualmente anterior.

Stern, engenhosamente, assim classifica as teorias que pretendem explicar o jogo:

a) teorias do passado — aquelas, como a de Stanley Hall, segundo as quais o jogo traduziria, na sua evolução, uma reviviscência dos diferentes estádios de civilização que o homem teria atravessado; o jogo, portanto, estaria ligado ao passado.

b) teorias do presente — as que colocam o jogo como atividade resultante da satisfação de necessidades imediatas e presentes; a teoria do recreio defendida por Lazarus e Schiller e a teoria da energia superflua de Spencer estariam aqui classificadas.

c) teorias do futuro — aquelas que relacionam o jogo com a preparação do indivíduo para a satisfação

de suas futuras necessidades, isto é, preparação para a vida adulta. A teoria de Groos seria tipicamente desta gênese.

Também Sylvio Rabello, ao estudar a "expressão lúdica, analisa as teorias sobre o jogo, classificando-as segundo as seguintes concepções:

a) filogenica — teoria de Stanley Hall;

b) biológica — teorias de Groos, Carr e Lange;

c) psicológica — teorias de Claparède, Buhler e Koffka;

d) psicanalítica — teorias de Freud e Adler.

Tais concepções, segundo o próprio Sylvio Rabello, poderão ser assim resumidas:

a) Para a concepção filogenica o brinquedo infantil é considerado como vestígio de atividades ancestrais, cujo exercício é necessário ao organismo da criança a fim de permitir

o desenvolvimento de outras funções. É a teoria de Stanley Hall.

b) Enquanto a concepção vulgar afirma que o brinquedo é um meio de adquirir a criança energia física e mental, a teoria de Spencer considera-o como um meio de consumir o excesso de energia que existe na criança.

c) A concepção biológica relaciona o brinquedo com a necessidade de crescimento da criança. Para Groos, o brinquedo é uma atividade preparatória da vida futura; para Carr é um estímulo do crescimento; para Lange é um excitante das tendências inatas.

d) A concepção psicológica considera o brinquedo do ponto de vista de seu aspecto mental. Para Claparède é o brinquedo uma forma ilusória de afirmação da personalidade; para Buhler é uma atividade que tem como fator o prazer funcional; para Koffka, é uma atividade resultante das estruturas rudimentares da criança.

e) O brinquedo segundo a concepção psicanalítica se relaciona com os impulsos agressivos e destrutivos do núcleo profundo da personalidade — o Id. Para Freud a criança tende a afirmar-se segundo os princípios de prazer e de realidade.

f) Para Adler, o brinquedo infantil prende-se ao objetivo de superioridade que não é mais do que uma compensação do ideal infantil de ser grande; além desse afã de domínio há que considerar, ainda, no brinquedo o estimulante do sentimento de comunidade.

g) No brinquedo a criança revela de maneira exuberante as suas inclinações e disposições durante o desenvolvimento individual por ação das forças exercitativas do meio.

Inúmeras são as teorias formuladas para a explicação do jogo e deixamos de expô-las aqui por já terem sido objeto de outros trabalhos nossos. A atividade hedônica, encarada principalmente sob a forma de jogo, é matéria que hoje figura nos livros de psicologia educacional evidenciando aos pais e professores ser indispensável proporcionar às crianças atividades físicas ou mentais, que lhes permitam a satisfação de seu instinto de prazer.

*"Mais além do princípio de prazer", de Freud*

Para Freud, o curso dos processos mentais é regulado automaticamente pelo princípio de prazer. Afirma não ter interesse em investigar até que ponto os psicanalíticos se têm apro-

ximado, com a fixação do prazer, a um sistema filosófico determinado e historicamente definido; resolveu relacionar o prazer e o desprazer com a quantidade de excitação não ligada



a qualquer fator determinado, correspondendo o desprazer a uma elevação e o prazer a uma diminuição de tal quantidade.

De Freud: "Existe, efetivamente, na alma uma forte tendência para o princípio do prazer, mas a esta tendência se opõem, em troca, determinadas outras forças ou estados, de tal maneira que o resultado final não pode corresponder sempre a ela".

Vejamos agora um interessante depoimento de Freud:

"As diversas teorias sobre o jogo infantil foram reunidas e estudadas analiticamente, pela primeira vez, em um ensaio de S. Pfeifer publicado na revista "Imago" (vol. 4) ensaio que recomendo aos que, pela matéria não tratada, se interessam. As ditas teorias enforçam-se em adivinhar os motivos do jogar infantil, sem ter em conta em primeiro lugar o ponto de vista econômico, a concepção do prazer. Ainda que sem propósito de abraçar a totalidade desses fenômenos, aproveitei uma ocasião que se me ofereceu de esclarecer o primeiro jogo, de própria criação, de um menino de um ano e meio. Foi esta observação fortemente detida, pois vivi durante algumas semanas com o menino e seus pais, sob o mesmo teto e passaram muitas dias até que o misterioso manejo do menino, incalçavelmente repetido durante longo tempo, descobriu-me seu sentido.

Não apresentava este menino um precoce desenvolvimento intelectual, com um ano e meio apenas pronunciava algumas palavras coarctadas, e fora delas diáspora de vários sons significativos que eram compreendidos pelas pessoas que o rodeavam.

Mas, em troca, achava-se em excelentes relações com seus pais e com a única criada que tinha a seu serviço e era muito elogiado por seu judicioso caráter. Não perturbava durante a noite o sono de seus pais, obedecia conscientemente às proibições de tocar determinados objetos ou entrar em certas habitações, e sobretudo não chorava nunca, quando sua mãe o abandonava por várias horas, apesar da grande ternura que lhe demonstrava. A mãe não só o havia criado, mas continuava ocupando-se constantemente dele, quase sem auxílio nenhum alheio. O excelente garoto mostrava apenas o perturbador costume de lançar longe de si, a um canto do quarto, sobre uma cama ou em sítios análogos, todos aqueles pequenos objetos de que podia apoderar-se, de maneira que a descoberta de seus brinquedos não resultava lá

vêza nada fácil. Enquanto executava a ação descrita, às vêzes produzia, com expressão interessada e satisfeita, um agudo e largo som, o-o-o-o, que a juízo da mãe e meu não correspondia a uma interjeição, senão que significava fora. Observei, por último, que tudo aquilo era um jogo inventado pelo menino e que este não utilizava seus brinquedos mais que para jogar com eles ou cair fora.

Mas tarde presenciei algo que confirmou minha suposição. O menino tinha um carretel de madeira atado a um cordãozinho e não se lhe ocorreu jamais levá-lo arastando pelo solo, isto é, brincar de *gusar o carro*, mas que, tendo-o atado pelo extremo da corda, o arrojava com grande habilidade por cima da gradeirinha de seu berço, forrada de tela, fazendo-o

desaparecer detrás do mesmo. Lançava então seu significativo o-o-o-o, e puxava logo a corda até tirar o carretel do berço, ajudando seu reaparelamento com um alegre agá. Este era, pois, o jogo completo: desaparecimento e reaparelamento, jogo do qual não se levava a cabo quase nunca mais que a 1.<sup>a</sup> parte, a qual era incalçavelmente repetida por si só, apesar de que o maior prazer estava indubitavelmente ligado ao segundo ato".

As considerações pelas quais Freud se estende são bastante longas e não podem ser analisadas, neste livro, de caráter puramente didático.

Concluindo, para Freud, o curso dos processos anímicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer.

### Considerações finais

Quando consultamos os dicionários de Psicologia, encontramos o prazer definido como o estado emotivo, vagamente definido, durante o qual desajustamos sua persistência, ou como o estado de afetividade positiva que provém da realização duma atividade desejada, seja física seja mental.

Dentro da Psicologia Hedonista o prazer não é considerado como o estado de afetividade positiva que re-

sulta da realização da atividade desejada. Ao contrário, a procura do prazer é a necessidade de deleite que impulsiona ao organismo a perseguir a atividade capaz de satisfazer essa imperiosa necessidade da natureza humana. Assim, não é o prazer o que está sob a dependência do resultado da vontade espontânea, senão a ação voluntária e o desejo que são determinados pelo prazer.

### Nota de Supervisão Técnica:

O autor faz, no presente artigo, considerações a respeito dos fundamentos científicos da recreação e procura ajudá-las à luz de várias correntes filosóficas e psicológicas.

Existindo a "bizarria", ninguém o homem nunca atingiu a esfera de funções vitais-biológicas, e mesmo não acontecendo em relação aos espirituais.

## A ESCOLA E A VIDA

Prof. Pizca Weil

São os melhores alunos na escola os que alcançaram maior êxito na vida?

Em palestra proferida pelo psicólogo americano Anne Roe, no Centro de Psicologia Aplicada, encontra-se a resposta a esta pergunta.

A referido especialista examinou por meio de testes e entrevistas os mais eminentes cientistas dos Estados Unidos, verificando que, se havia entre eles alunos brilhantes

nos tempos de colégio, também existiam os com notas médias ou mesmo baixas, embora todos tivessem nível mental acima da média.

As observações da dra. Roe estão em completo acôrdo com resultados de pesquisas brasileiras realizadas pelo Departamento Nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, que também demonstram que o êxito na escola não permite prever o êxito na vida.

Luturo, se você tem alguma dificuldade quanto à orientação de seu filho, escreva para a REVISTA DO ENSINO — seção "Problemas de Pais e Filhos" — Av. Borges de Medeiros, 1224, 13.º andar, Porto Alegre, RS. Nesse objetivo não é resolver seu problema (o que seria impossível), mas indicá-lo muito por sua vez mesmo a soluções.

PROBLEMAS DE PAIS E FILHOS

## PROCURE CONHECER SEU FILHO



Genérico Vieira

"... meu filho parece um rôlo de arame farpado".

Você se queixa do menino, diz que é inteligente, mas também uma criança desajeitada, suscetível e difícil de tratar, que está sempre a ferir a si mesmo e aos demais; alega que procura educá-lo, socializá-lo, mas que isso até parece pior, pois ele está ficando cada vez mais encolhido, mais calado, mais bicho-do-mato.

1. Realmente, até há pouco tempo falava-se muito em criança-problema. Afirmava-se que a criança "puxara" ao pai, à mãe ou a qualquer dos familiares que apresentassem defeitos idênticos aos seus, como se ela tivesse nascido já predestinada a reproduzir os **esquisitices** dos seus maiores. Assim era fácil justificar o comportamento anti-social de uma crian-

ça, sempre que na família alguém (pai, mãe, tios ou avós) agisse de modo semelhante. Ainda é comum ouvir-se o comentário de adultos sobre isso: "saiu ao pai, o pobrezinho; coitado do garoto, igual à mãe".

A educação, sua força ou influência, ficava praticamente sem efeito, porque "aquilo" era "de família" e nada se podia fazer para solucionar a questão. Sem dúvida essa era, e é, uma posição muito cômoda para pais e avós, mas não resolve em nada a necessidade de compreensão e de orientação da criança em seu crescimento psíquico e integração social.

2. Hoje a expressão **criança-problema** está sendo substituída por **pais-problemas**. Isso porque o comportamento da criança ou a mani-

festação espontânea de suas idéias e emoções é compreendida como reflexo ou consequência das atitudes do adulto com quem ela convive, isto é, do "clima" emocional de seu ambiente familiar. Essa realidade é levada tão a sério que, modernamente, a tendência das clínicas infantis de psicologia é tratar a criança, que revela distúrbio de conduta, somente na caso de os pais (quase sempre a mãe) concordarem em se submeter, também, a tratamento.

3. Como você sabe, todas as coisas que acontecem têm uma causa (nem sempre visível ou aparente), são provocados por algo. Se uma criança chora ou ri, por exemplo, é porque houve um motivo para isso. Aqui não importa saber se o motivo é ou não justo nem tampouco se a criança é capaz de explicar ou justificar lúcidamente o porquê de sua alegria ou tristeza.

Assim é o caso do seu "rolinho de arame farpado". Você já indagou a si própria quais os "motivos" que poderiam ter levado seu filho a esse retraimento, a essa dificuldade (ou quase impossibilidade) de contato humano que ele evidencia?

Para usar sua linguagem simbólica, não acha que seu filho — se pudesse escolher — gostaria mais de ser uma rolinha ou cachorrinho lanudo do que um "rôlo de arame"?

Sabe-se que ninguém é desagradável ou complicado por gosto ou preferência. Só age assim quem não é capaz de agir de modo diferente. É próprio da natureza humana (em caso normal) a pessoa desalar vir aceita pelos demais, ser querida por aqueles que ama. Pais não resulta daí maior gratificação emocional? Mas a atitude dos adultos pode bloquear esse caminho. Então, quando a criança não se sente compreendida e aceita pelos seus, quando ela não pode esperar o carinho dos adultos que ama, sente-se desprotegida e ameaçada. Na seu desamparo e angústia, só lhe resta o outro caminho: acautelar-se, suspeitar, defender-se, dissimular. Forma-se, assim, o tímido (o que agride a si mesmo) ou o agressor (o que agride aos demais) em qualquer de suas variantes. Como poderá uma criança, em tal situação, viver tranqüila e normalmente a sua vida?



# COMO ADAPTAR O PROCESSO DE TRABALHO EM GRUPO ÀS LIMITADAS CONDIÇÕES DE NOSSAS ESCOLAS

## ÁREA DE ESTUDOS SOCIAIS

Como podemos adaptar o processo de trabalho em grupo às nossas condições limitadas, quanto a equipamento, dimensões de sala, tipo de carteiras, escassez de material, desconhecimento de algumas informações básicas do processo ou inexperiência da professora, tempo limitado, etc.?

O processo de trabalhar em grupo é um processo que promove socialização da classe e encoraja as crianças a trabalharem cooperativamente umas com as outras.

Não resta a menor dúvida de que tal motivação dependerá do ambiente que vai sugeri-la ou estimular-lhe o espírito amigável da conversação informal e ao mesmo tempo organizada do grupo. Assim sendo, o processo vem de exigir algumas acomodações físicas na sala de aula, de acordo com a necessidade de seus passos.

**Responsabilidade do Professor.** — No entanto, a par de toda a necessidade de um ambiente favorável à discussão, conversação e socialização das crianças, é conveniente assinalar que a possibilidade da vivência do processo está sob a responsabilidade da professora em que recai a aceitação e realização ou não do processo.

É da maneira pela qual o professor encara e o compreende, vê-lhe os valores, a eficiência que ele viu ou não admiti-lo em classe. Se ele quer, ele vive o processo. Se ele é criativo, ele imagina meios de melhor empregar o processo; se ele é habilidoso, ele o adapta às limitações ambientais sem fazer suas técnicas.

O mestre é, pois, a mola que impulsiona o mecanismo do processo de grupo; é ele que com sua vontade, capacidade e habilidade pode compreender as condições limitadas de sua classe e superá-las da melhor forma possível. É necessário que ele

sinta o que o processo representa como técnica de aprendizagem e quais os valores que dele advêm quando seguido eficientemente.

Conclui-se, portanto, que:

a) O professor deve sentir que o trabalho de grupo é uma parte integral do processo democrático de vida; por isso ele deve penetrar na significação de Democracia como meio eficiente de vida, baseado sobre ideais últimos e fundamentais, em que indivíduos são respeitados, têm direito de fazer escolhas e decisões, assumir e desempenhar responsabilidades, usar e ajudar a preservar direitos, ter oportunidades de trabalhar e cooperar com outros, ajudar os outros, promover o bem estar de todos em geral, etc.

b) Deve ter atitude democrática. A personalidade democrática do professor influenciará sobremaneira no processo do trabalho em grupo. Ele deve lembrar-se de que perante sua classe é um líder — líder de um grupo grande — e se ele prepara grupos para trabalharem sob a direção de um líder, tem ele, primeiramente, de saber sê-lo.

*Sugestões ao professor de classe para encorajar as crianças a trabalharem em grupos:*

1. Encoraje a criança a falar e expor idéias.
2. Encoraje, a cada uma, a tomar responsabilidades e desempenhá-las bem.

3. Respeite as opiniões de suas crianças e leve-as a respeitar as de outros.

4. Encoraje-as a analisar os fatos antes de tomarem decisões.

5. Encoraje-as a fazer escolhas e decisões.

6. Leve-as a apreciar o trabalho de outros, como esforço e tentativa de melhora e espírito de colaboração.

7. Seja corajoso em lidar as situações com as crianças, mesmo quando discordar de seus pontos de vista. Faça-as sentir o mesmo em relação aos outros. Lembre-se de que, ao discordar da criança, você a está levando a pensar "outra vez" e tirar nova conclusão.

8. Leve-as a pensar, reflexivamente, raciocinar, através de perguntas e problemas.

9. Leve-as a procurar informações, a usar a Biblioteca geral da Escola, e mesmo da cidade. Encoraje-as a fazer disso um hábito.

10. Seja amigável, sorridente e use o seu senso de humor quando falar às crianças.

11. Seja atencioso às perguntas e opiniões das crianças.

12. Esteja alerta para tudo; veja se todas as crianças do grupo estão sendo úteis e têm trabalho a fazer.

13. Seja auto-confiante. Tenha bastante coragem moral para enfrentar situações; participe dos grupos com as crianças dando-lhes o exemplo de colaboração.

14. Seja sempre justa, impessoal. Crianças apreciam sinceridade mesmo quando esta é usada em função de repreensão.

15. Conheça sempre as causas, antes de agir drasticamente com a criança que se mostra rebelde.

16. Mantenha-se interessada pela vida de cada um, através de fichas, quanto aos interesses, "hobbies", hábitos domésticos, etc.

17. Influa na formação dos grupos com a sua orientação segura e respeito de suas crianças, diferenças de habilidades, etc.

18. Demonstre precisar da ajuda de seus alunos e mostre-lhes estar satisfeitos por serem úteis a seu trabalho de professora.

19. Quando dar direções a seus alunos, faça-o com firmeza e segurança; deixe-os esclarecidos e conscientes do que aquilo representa.

20. Não faça proleções; discuta com elas a fim de ter diferentes pontos de vista, respeitando-as.

21. Tenha sempre seu plano, suas idéias prontas e planejadas quando a aula se iniciar.

22. Mantenha as crianças em atividade o máximo possível: leve-as a serem íntimas, auxiliando-o na colocação ou arranjo de materiais.

23. Quando os alunos estiverem trabalhando, evite interrompê-los com comentários individuais. Deixe-os trabalhar sozinho, para compreenderem suas responsabilidades e se tornarem auto-suficientes.

24. Confira em cada um; faça-os sentir isto.

25. Use sua voz eficientemente: serena, firme, entusiasta, não muito alta, embora clara.

26. Aproveite todas as oportunidades para "observar" a atitude de suas

crianças e, sobretudo, para influir na sua formação.

c) Canteira total: os temas do processo de trabalhar em grupo a fim de que possa orientar e encorajar as crianças no período de trabalho. (Ver "Como levar as crianças a trabalharem em grupo" — (Revista do Ensino n.º 72 - 1960 - páginas 58).

d) O professor deve contar com a ajuda da Direção da Escola e flexibilidade de sua administração. É importante que a Direção seja flexível nos problemas imediatos e eventuais da classe e auxilie a professora nas suas iniciativas e nos seus propósitos, seja apoiando-as, seja contornando-as para melhor situação.

## FEIÇÃO FÍSICA DA SALA DE AULA

I — *Arranjo do Ambiente* — O grupo de estudo precisa de ambiente estimulante à sua vivência. Ora, um ambiente favorável à socialização das crianças é aquele que é antes:

a) Informal, para sugerir um clima agradável e íntimo às crianças.

b) Alegre, para que lembre às crianças a sala de sua própria casa e lhes inspire conversação.

c) Ativo, a fim de que lembre a todos ser aquele ambiente uma "oficina de trabalho" e possa "contagiar-lhes" atividade.

Assim pensando, cumpre ao professor estudar o ambiente de sua sala, dimensões, possibilidades de arranjo, etc. e planejar com as crianças a maneira de tornar sua classe um ambiente de trabalho, agradável, bonito e ativo.

*Sugestões aos professores para o arranjo do ambiente, a fim de facilitar o trabalho cooperativo de grupo.*

1. Dispor as carteiras em círculo, semicírculo e variá-las, constantemente.

2. Fazer cantos destacados de Ciências, Aritmética, Língua Pátria, Estudos Sociais, etc., contendo algum material necessário ao trabalho de grupo.

3. Prover tais "Centros" com livros, álbuns, "realia", dicionários, livros de referências, mapas, gravuras.

4. Cuidar do todo de sua sala, distribuindo materiais didáticos necessários e uma sala de aula como globo, mapas, gráficos, cartazes, gravuras, letras ou montados pelas crianças ou adquiridos comercialmente.

5. Criar um ambiente agradável, esteticamente ornamentado.

*Sugestões para a sala de aula que*

*é servida por carteiras duplas de ferro:*

1. Trazi-las unidas ao redor da sala, deixando espaço ao centro.

2. Formar blocos em horizontal e vertical, simultaneamente.

3. Formar blocos em diagonal.

*Para carteiras individuais:*

1. Formar grupos de carteiras unidas como a assemelhar-se a uma mesa com as crianças ao redor.

2. Formar blocos em semicírculo.

3. Formar blocos em círculo.

4. Formar blocos em horizontal, vertical e diagonal.

II — *Local de Trabalho* — Onde trabalhar em grupo?

A sala de aula é a mais apropriada para o ambiente de trabalho em grupo, porque:

a) É o mais natural para a criança na Escola, e por essa razão lhe é o mais íntimo e favorável à sua aclimação.

b) Como "oficina" tem ela os materiais necessários à mão: livros, cartazes, mapas, objetos.

c) Evita perda de tempo mudando de um lugar para outro para "localizar" espaço de trabalho. Escotam-se aqui, as situações em que as crianças têm oportunidade de trabalhar nas salas de Artes e Trabalhos Manuais, a fazerem uma pesquisa na Biblioteca ou a trabalharem na construção de materiais no pátio.

d) Tem a constante presença do professor, que observa, orienta e sugere em situações necessárias.

Não obstante ser a sala de aula o melhor lugar para a realização do trabalho em grupo o professor pode lançar mão dos meios que lhe são su-

peridos. Assim, outras dependências do Grupo como Biblioteca, pátio, corredor, varanda podem ser utilizadas para reuniões de grupo desde que o professor tenha preparado previamente o ambiente quanto a equipamento e materiais, e nunca impeça ambiente de trabalho. A situação se adapta pois às necessidades da classe e às possibilidades da Escola.

III — *Tamanho dos grupos* — Os grupos devem ser pequenos para melhor eficiência do trabalho. Grupos grandes acarretam perda de tempo, não concorrem para o desenvolvimento de bons hábitos e atitudes, levam à indisciplina e desorganização, etc. É conveniente que se tenha sempre em vista o tipo de trabalho de grupo, o assunto em que irão trabalhar e as diferentes habilidades que irão aparecer no grupo. É aconselhável flexionar um grupo de 6 a 9 crianças.

IV — *Tempo de Trabalho* — O Trabalho de grupo expende tempo. É, porém, variável de acordo com a natureza do trabalho, das fases de trabalho, do assunto tratado, das crianças (habilidades, experiências) do grupo, etc. Crianças de habilidades diferentes ou pouco experientes têm reação mais lenta e por isso demoram mais num determinado trabalho.

O professor deve cuidar que o grupo realmente trabalhe no seu período de trabalho, seja ele de menos ou mais duração. Duração maior sugere, não perda de tempo, mas maior oportunidade para se acomodarem ao trabalho, refletirem, decidirem, executarem alguma coisa, penetrarem na significação de conceitos, etc. Grupos podem trabalhar na solução de alguns problemas da vida escolar rotineira (organizar uma biblioteca, como aproveitar uma área desocupada do Grupo, como organizar mesa sala de lanche, ou como melhorar como lanche); podem desenvolver unidade de trabalho: *Em Aritmética*: "Por que o vendedor vende mais caro as mercadorias que ele compra?" "Como organizar nosso cantinho de Aritmética?" "Que vale mais a pena, comprar o sorvete ou fazê-lo em casa?" "Como nossos índios contavam?"

*Em Língua Pátria*: "Como organizar nossa Biblioteca de classe?" "Como preparar nosso teatro de fantoches?" "Como preparar nossa próxima reunião de clube de leitura?"

*Em Estudos Sociais*: "Por que Belo Horizonte foi colocada entre as



10 cidades de maior progresso da atualidade?" "Como as invenções têm mudado e influenciado o transporte e comunicação na nossa cidade?" "Como o Rio São Francisco influi na Economia Nacional?" Como melhorar nossa maneira de conviver com os colegas?"

V — *Escassez de Material Didático* — Outro grande problema nosso é a escassez e às vezes a ausência de material didático nas nossas Escolas. É preciso estudar e analisar, cuidadosamente, as causas que originam isto, porque é importantíssimo papel da Escola prover as suas crianças de material informativo e de estudo. Uma boa bibliografia não somente ajuda o professor, profissionalmente, mas dá oportunidade às crianças a procurarem, por si, informações, a trabalharem independentemente e portanto "desligarem-se" mais do professor.

1. *Livros* — Levar as crianças a utilizarem-se não somente dos limitados livros da classe, mas da Biblioteca da Escola; da Biblioteca de outra Escola; da Biblioteca pública.

2. *Publicações* — As Publicações exercem um importante papel na Escola. Conquanto os livros sejam sempre grandes auxiliares de informação básica, as publicações são um veículo atualizado que vêm satisfazer as perguntas e problemas eventuais de um estudo em questão. É portanto, imprescindível a presença de determinadas publicações na Biblioteca do Grupo. Algumas obtêm-se gratuitamente através de suas agências. Nem sempre o material gratuito é o melhor. Cumpre ao professor, orientador e Diretor examinarem o material antes de fazê-lo circular entre as crianças. Publicações tais como da UNESCO, SESP, SENAI, Instituto do Alcool, Café, Cia. Vale do São Francisco, Prefeitura local muito ajudam principalmente no programa de Estudos Sociais.

É aconselhável que o Diretor delegue responsabilidades à Biblioteca ou mesmo a outro professor, no sentido de manter-se sempre em contacto com agência da Comunidade e de outros lugares a fim de conservar boas e atualizadas publicações na Escola.

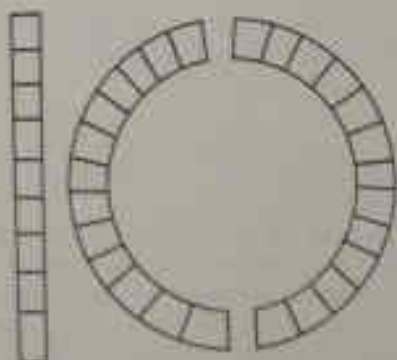
3. *Mapas e Cortazes* — As vezes o melhor material é aquele feito pelo professor. É funcional e feito de acordo com a necessidade surgida, visando principalmente os elementos necessários em estudo. É no entanto, necessário usar outros

tipos desse material (especialmente mapas — político, físico) para informação e estudo e que só podem ser adquiridos comercialmente. Outras vezes, as próprias crianças poderão executar tais trabalhos, principal-

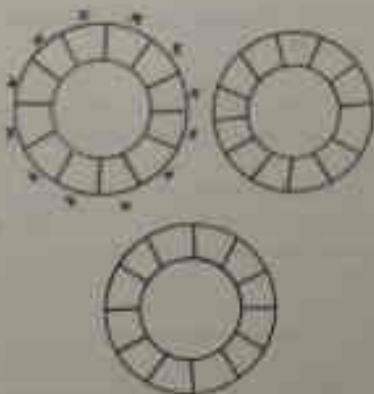
mente como experiência vivida numa Unidade de Trabalho o que vem a ter dupla finalidade: funcional (utilizado para o estudo imediato) e ativo (construído pelas próprias crianças).

#### ARRANJOS DE SALA DE AULA

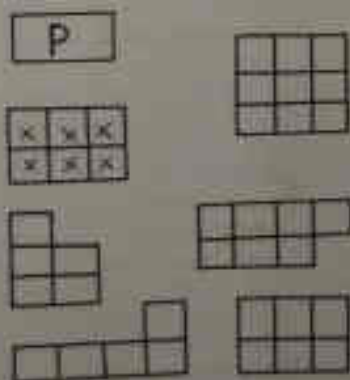
5 sugestões para arranjo informal de salas de aula, que facilitem a socialização e o trabalho das crianças.



1. Arranjo próprio para cadeiras individuais.



2. Arranjo próprio para cadeiras individuais.

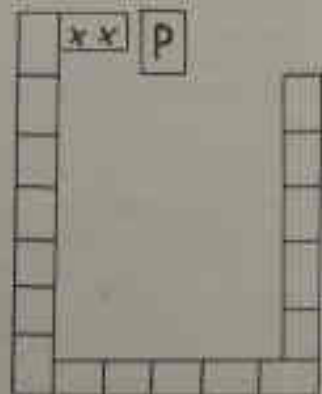


3. Arranjo próprio para cadeiras individuais.

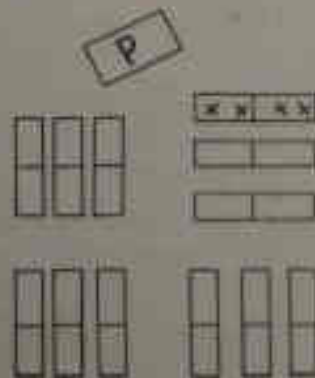


Arranjo formal

Não sempre há exigências e fuçilidades do trabalho em grupo.



4. Arranjo próprio para cadeiras individuais.



5. Arranjo próprio para cadeiras individuais.

# GRAMÁTICA FUNCIONAL

Prof.<sup>a</sup> NELLY RODRIGUES SCHWITZ, diretora  
técnica de Minas Gerais, à disposição do Governo  
do Estado do Rio Grande do Sul, no C.P.O.E.

## UNIDADE E3

### AMPLIAR A NOÇÃO DE SUBSTANTIVO — (Para 3.<sup>o</sup> ano)

#### Objetivos especiais:

#### II Interpretar a significação dos substantivos.

**Material:** Sentenças com sujeito representado por substantivos que sejam nomes de pessoas, animais ou coisas, indicando, principalmente, coleções.

**Introdução:** Leitura de trechos do interesse da criança, correlacionados, de preferência, com a unidade de trabalho da classe, como a que segue.

#### Retorno das férias

Paulo aproveitou muito a semana que passou na fazenda do tio. A família esperava Paulinho com saudades, quando a fumocenta composição parou na estação, sacudindo os passageiros.

O menino depositou, nos braços da mãe, uma vistosa brocada de flores, logo que desceu a escada do carro. Enquanto a mãe beijava o filho, o pai e os irmãos menores esperavam, carinhosamente, a sua vez.

O cardume proteado das carpas continuava a nadar no açude. A boiada sadia comia o capim verde dos pastos. O canavial brilhava ao sol. A passarada cantava pela manhã, alegrando a vida dos fazendeiros.

Agora, o Paulinho recorda os passeios, enquanto recomeça a vida estudantil. O menino caminha para o grupo, pensando na sua turma, enquanto olha a fila de carros que corre pela rua.

Este ano, Paulo tem um milhão de coisas para contar na escola.

\*

Fazer a leitura, a interpretação e o comentário.

Através de sentenças do trecho, rever, rapidamente, as dificuldades já vencidas pela classe, tanto deste como do 2.<sup>o</sup> ano. Procurar afastar as dúvidas que surgirem nessa verificação de aprendizagem anterior para, finalmente, iniciar o trabalho visando o primeiro objetivo desta unidade.

#### Aula de Gramática Funcional propriamente dita:

#### a) Paulo aproveitou muito a semana que passou na fazenda do tio.

A sentença tem duas orações, sendo a primeira a principal: **Paulo aproveitou muito a semana**. A segunda é uma oração de sentido incompleto, ela explica qual foi a semana; amplia, esclarece mais o sentido sem, contudo, tornar-se indispensável ao sentido geral da sentença: que passou na fazenda do tio.

A oração principal tem quatro partes: Paulo — aproveitou — muito — a semana. A parte principal é o verbo **aproveitou**, cujo infinitivo é aproveitar. Indica a ação de Paulo. **Paulo** é o sujeito. **Muito** é a palavra que indica a intensidade da ação de Paulinho. **A semana** são os dias aproveitados por Paulo. A palavra **SEMANA** indica uma coleção de sete dias, dias que vão de segunda a domingo. É o nome de uma coleção, é um substantivo comum, escrito com letra minúscula. **Paulo** também é um substantivo, porém próprio, escrito com letra maiúscula, porque é o nome

de uma determinada criança, da que aproveitou muito a semana que passou na fazenda do tio.

#### b) A família esperava Paulinho com saudades, quando a fumocenta composição parou na estação, sacudindo os passageiros.

A sentença tem três orações. A primeira: **a família esperava Paulinho com saudades**, é uma oração de sentido completo, é a oração principal. A segunda: **quando a fumocenta composição parou na estação**, é uma oração de sentido incompleto, que indica o que aconteceu no tempo em que a família esperava Paulinho na estação, iniciada pela palavra **quando**. A terceira: **sacudindo os passageiros**, indica o modo como a fumocenta composição parou na estação. É outra oração de sentido incompleto, iniciada pela palavra **sacudindo**.

A oração principal tem quatro partes: a família — esperava — Paulinho — com saudades. A parte principal é o verbo **esperava** (esperar), indicando uma ação no tempo pretérito. **A família** é o sujeito; **Paulinho** é a pessoa esperada; **com saudades** é o modo, a maneira como Paulinho era esperado pela família.

O substantivo do sujeito: **família**, indica uma coleção de pessoas; no caso: o pai, a mãe e os irmãos menores de Paulinho.

Levar a criança a observar, especialmente, os substantivos que indiquem coleção, conjunto, um todo, encontradas no trecho da leitura, ao mesmo tempo em que se vai dando a explicação das partes que compõem cada coleção: composição (carros e locomotiva), brocada (flores), cardume (peixes), boiada (bois), canavial (cana), passarada (pássaros), grupo (salas de aula), turma (alunos), fila (carros), milhão (muitas coisas).

Dar também outras coleções que sejam do vocabulário da criança, aproveitando material de todas as matérias do programa. Ex.: mobília (móveis), corola (pétalas), cálice (sépalos), dúzia (doze coisas), centena (cem objetos), dezena (dez coisas), vocabulário (palavras, vocábulos), biblioteca (livros), álbum (de retratos, recortes), rebanho (ovelhas), boleadeira (bolas), ninhada (pintos), ano, mês, século, e várias outras palavras que indiquem coleção e que deverão ser apresentadas ou



solicitações em sentenças, para melhorar interpretação.

Fazer também a criança sentir que a coleção é um substantivo empregado no singular, quando indica apenas uma coleção.

Dar a esses substantivos que indicam coleção, grupo, conjunto, um todo, o nome especial de **COLETIVO**.

#### Sugestão para atividades:

1 — Apresentar e pedir sentenças com várias coleções, conjuntos, ou palavras que representem um total.

2 — Dar sentenças com partes de um total ou coleção para a criança substituí-las pela palavra que indique a coleção correspondente, fazendo pequenas modificações, quando necessárias.

3 — Dar sentenças incompletas para o aluno completar ou numerar de acordo com a resposta dada. Ex.:

Muitos cafeeiros formam um .....  
As parreiras formam um .....  
Várias bananeiras formam um .....

4 — Mandar a classe procurar no dicionário a significação ou partes de coletivos dados pelo professor, ou encontradas nos livros, revistas e jornais.

5 — Passar sentenças contendo coletivos para o singular ou plural.

6 — Usar os desenhos para as crianças darem o nome do coletivo correspondente.

7 — Dar exercícios para o aluno observar que há palavras que servem para indicar diferentes coleções: cocho, bando, penca, grupo, dúzia, malha, punhado, cestada...

8 — Dar exercícios para o aluno observar que muitos coletivos são indicados dentro da família de palavras: telhado, trigal, seringal, milhoal, feijoaal, batataal, arrozal...

9 — Fazer a criança observar, através da interpretação, que a mesma palavra pode indicar coletivo numa situação e não indicar em outra: nuvem, vara, cálice...

10 — Apresentar gravuras com grupos de pessoas, animais ou coisas, fazendo a interpretação oral das mesmas, para, depois, mandar a classe fazer composições inspiradas nessas estampas.

11 — Fazer o comentário, em classe, das composições, apreciando mais do que corrigindo.

12 — Cuidar da linguagem oral das crianças, sem repetir os erros cometidos.

13 — Pesquisar coletivos, em livros, jornais, revistas, para fazer novas sentenças com as palavras pesquisadas.

14 — Dar exercício de família de palavras, apresentando a parte e pedindo o coletivo correspondente da mesma família. Ex.:

telha ..... (telhado)  
fábrica ..... pessoa .....  
menino ..... árvore .....  
Professor .....  
homem .....

#### II) Continuar o estudo da significação de substantivos.

**Material:** Sentenças simples e compostas com grande quantidade de substantivos que sejam nomes de pessoas, animais ou coisas em diversos tamanhos.

**Introdução:** Leitura de trechos interessantes, dentro da unidade de trabalho da classe, escolhendo substantivos que indiquem aumento ou diminuição no tamanho de pessoas, animais ou coisas, ou que possibilitem substituições, como o que segue:

#### A gravata

Ontem, o Carlinhos encontrou uma gravata do pai, nas costas de uma cadeira. Quando colocou a gravata no pescoço, Carlinhos procurou o espelho, para ver o efeito. Naturalmente, o menino não gostou, porque ela passava da cintura, chegando abaixo do joelho.

O jardineiro aparava a grama do jardim com o tesourão. Pedindo o tesourão emprestado, o menino cortou a gravata pelo meio.

Ler, interpretar, comentar, pedir aos alunos que apresentem finais para esta história.

Fazer a revisão rápida das dificuldades já vencidas.

#### Aula de Gramática Funcional propriamente dita:

a) **Ontem, o Carlinhos encontrou uma gravata do pai, nas costas de uma cadeira.**

A sentença tem uma só oração. A parte principal é o verbo: **encontrou** (encontrar); o sujeito é o **Carlinhos**; **nas costas de uma cadeira**, é o lugar onde Carlinhos encontrou uma gravata; **ontem**, indica o tem-

po, quando Carlinhos encontrou uma gravata.

A palavra principal do sujeito, o substantivo **Carlinhos**, dá-nos uma idéia do tamanho do criança; ficamos sabendo que o menino é pequeno.

Levar a criança a apontar alguns dos substantivos dessa sentença e dos seguintes: gravata, papai, costas, cadeira, pescoço, espelho, menino, cintura, joelho, para ensinar que podemos indicar o tamanho pequeno desses substantivos, dizendo: gravatinha, costinhas, cadeirinha, pescocinho, espelhinha, menininho, cinturinha, joelhinha.

Quando dizemos papozinho, não diminuímos o tamanho do pai, indicamos carinho e amor.

Exercitar bem, através de muitas atividades, a mudança que os substantivos sofrem para indicar não só a diminuição como o carinho, ou o sentido depreciativo.

Apresentar, nos exercícios, os mais variados substantivos: filhote, casebre, película, cobrito, sacola, saiate, espadim, riocho, cãozito...

Apresentar também exercícios com expressões como: casa pequena, dinheiro miúdo, preço mínimo...

#### b) **O jardineiro aparava a grama do jardim com o tesourão.**

A sentença tem uma oração. A palavra principal é o verbo **aparava** (aparar); o sujeito é a primeira parte: **o jardineiro**; a coisa aparada pelo jardineiro, **a grama do jardim**; a última parte: **com o tesourão**, indica o meio que o jardineiro usava para aparar a grama.

O substantivo **tesourão** nos indica que o instrumento usado pelo jardineiro era grande.

A partir deste exemplo, pedir aos alunos que nos dêem outros substantivos que indiquem coisas, pessoas ou animais grandes, desenvolvidos, exagerados no tamanho.

Interpretar bem o sentido das palavras, dar muitas atividades, também com expressões como: casa enorme, mesa grande, terreno imenso, árvore grossa...

Variar bem a apresentação dos substantivos: canzarão, fogaréu, fomalha, ladrovaç, cabeçorra, barçaça.

No momento oportuno, a critério do professor, ensinar ao aluno as expressões: grau diminutivo, para as palavras ou expressões que

PARA A "FESTA DO PAPAI"

Quadrinhas  
de Helly Conas Pereira Leitao

Para o meu papai amado  
Um presente fui comprar  
Mas na loja não havia  
O amor que quero dar!

Escute, Papai do Céu,  
O pedido que lhe fiz;  
Ao meu papai dê saúde  
E uma vida feliz!

Olhem só: estou contente!  
E razão já vão achar...  
Do papai é hoje o dia  
Que queremos festejar!

A escola está em festa...  
Que será que aconteceu?  
Ao papai agradecemos  
O amor que ele nos deu.

HINO A ESCOLA

Andréa Pereira

Esta escola, nosso ninho,  
Ragão feito de amor,  
Tem a graça dum cantinho,  
A pureza de um fio!

Da escola se aprende e parte  
A vida feita e gentil,  
Que levará o estudante  
Aqui-verde do Brasil!

A escola ensina a verdade  
E, de verdade, o amor!  
Tem a grande clareza  
Da luz sempre do sol!

P A P A I

Maria Aparecida Mazzetti

Quem todo dia  
De casa sai  
Para o trabalho?  
É o meu papai.

Volta à noite  
Para jantar,  
Com sua bênção  
Para nos dar.

Sempre é bondoso  
Papai comigo.  
Eu não sei de  
Melhor amigo.

Quando eu for grande,  
Papai, velhinho,  
Vou dar-lhe sempre  
Todo o carinho.

Meu pai querido,  
Minha alma diz:  
— Que seja sempre  
Muito feliz!

O R I O

Janis de Paula Pinheiro

Sempre a rolar, constante, no seu leito,  
Em pressuroso avanço pela mata,  
Vai, nas pedras, rasgando o próprio peito  
E após, sangrando, em choro se desata.

Tão logo enxuga as lágrimas, refeito...  
Despenca lá de cima da cascata,  
E de dor se contorce, contralito,  
Num gemido que ecoa pela mata...

Logo após, espumando, tristemente  
Vai se alargar, sureco, num remanso,  
Para em seguida, ao leito, retornar.

E de novo, a rolar, secretamente,  
De vaga em vaga avança, sem descanso,  
Rumando eternamente para o mar.

NO DIA DO ANIVERSARIO

Regina M. de Sousa

Papai faz anos, por isso,  
toda a gente está contente.  
Há na casa um reboliço!  
Todo o mundo traz presente!

Mamãe enfeitou a sala  
Com as flores do jardim.  
É dia de grande gala  
e vai haver um festim!

Chegam cartas e cartões,  
telegramas, a poesia,  
votos, felicitações  
para o papai... Que alegria!

Só eu é que ando apreensiva  
Sem saber o que fazer.  
Nesta data tão festiva  
e que hei de oferecer?

Já sei!... Já sei, minha gente,  
já resolvi a questão!  
Posto-me à sua frente,  
e digo de coração:

"Para o dia dos seus anos,  
meu querido papaizinho,  
forjei e fiz muitos planos  
para mostrar meu carinho..."

Mas hoje nada lhe dou,  
prometo ser obediente!  
Pequenina como sou,  
não é um lindo presente?..."

ESPIRITO INFANTIL

Flávia Guimarães

Depois de muito apelo,  
Sem conseguir seu intento,  
Sem ter mais por que rugir,  
Mamãe lança este argumento:

— Durma depressa, filhota,  
Fique quieta, meu bem,  
Pois a lua, que é rainha,  
Vai, no céu, dormir também.

Lama, pela janela,  
Olhou a lua e sorriu,  
Deu adormido para ela,  
Vitou o rosto e dormiu.

De manhãzinha acordou  
Um pouquinho preocupada  
Vendo a mamãe, perguntou  
— A lua já está acordada?



# (II) CAMPANHA DE MATEMÁTICA

Especialmente dedicada aos futuros esportistas



SETOR DE BIBLIOTECAS E AUDITÓRIOS (SBA)  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA  
SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DA GUANABARA

Comissão responsável pela elaboração:  
Celia Kabele  
Cybele Schaffir Guerra  
Hedy da Silva Ramos

Helaine Lutz Ferreira  
Lailak Barroso Zaro  
Lizette de Almeida Wanderley  
Maria Amélia de Aguiar Starino

## SEGUNDA SÉRIE

Colégas

Apresentamos as sugestões para o desenvolvimento da Campanha de Matemática na 2.<sup>a</sup> série.

Não desejamos que a Campanha seja um trabalho a mais em seus planos, mas sim perfeitamente enquadrada neles com a sua natural habilidade.

Os objetivos gerais (MATEMÁTICA) que visamos atingir são:

**Para o aluno** — Estimular a autoconfiança — Bem prepará-lo para uma nova série, recordando com ele o programa de maneira nova e agradável.

**Para o professor** — Cooperar no seu trabalho de recordação da matéria ao fim de um exaustivo ano letivo. ... apresentando sugestões.

É nosso intento que a **Unidade da Campanha** seja

relacionada com seu trabalho de classe e desenvolvida dentro da sua maneira de expor a matéria

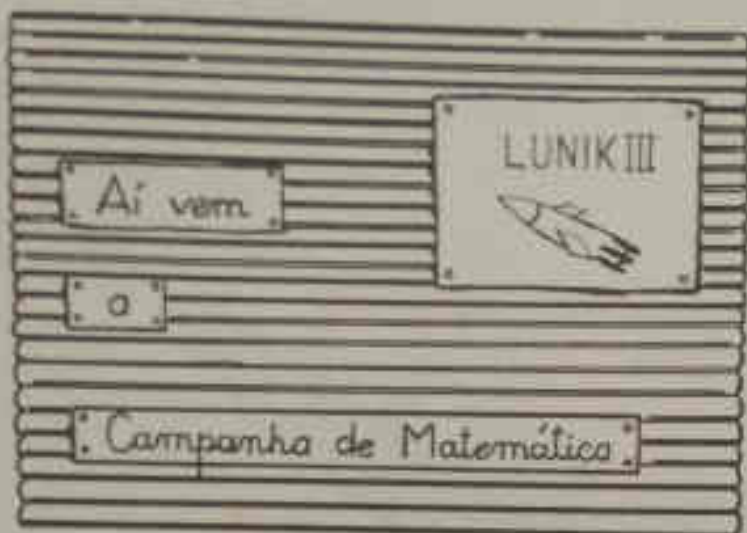
unidade de trabalho  
centro de interesse  
aulas avulsas

porém sempre lançada como uma novidade interessante.

### PROPAGANDA

A propaganda, imprescindível ao bom andamento de qualquer Campanha, dispensará artistas para a confecção de cartazes:

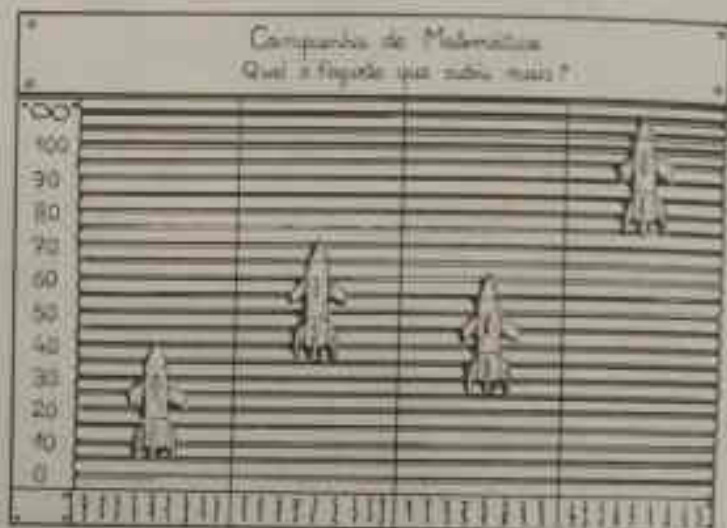
- a propaganda poderá ser oral, feita com entusiasmo
- pela apresentação de figuras sugestivas, recortadas de jornal ou revista, com palavras alusivas à Campanha, utilizando-se ainda para isso o papelão corrugado, tão prático, e afixantes necessários.



- Mudam de roupa para irem mais bonitos e elegantes I II III IV .....
- Contagem dos estrêlos: de 1 em 1, 2 em 2, 5 em 5, 10 em 10, 100 em 100, 1 000 em 1 000  
 (pares  
 ímpares)  
 3 — 3 4 — 4 .....

(desenho 5)

- 2 — **Tabuada** diária (cálculo mental com as "porquês" — provas) Podemos fazer um cartaz simples, para uso diário, prático e que agrada às crianças.
- Ver qual o foguete que sobe mais:



Papel quadriculado preso em papelão corrugado com afixantes.

Foguete de papel colorido (cada um de uma cor).

Nomes dos alunos (divididos em grupos).

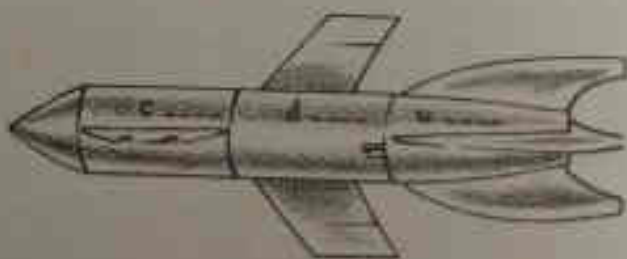
Grupos marcando a altura a que atingiram os foguetes (até o infinito).

- grupo e individual
- verificação

quem progrediu nos estudos (autocompetição)  
 quem ajudou mais ao grupo  
 qual o grupo mais estudioso

### 3 — Composição e decomposição

- uso do foguete partido em estágios



4 — **Frações ordinárias** — exercício mental (probleminhas) e escrito

Os aviões riscados indicam que fração do inteiro?

## MOTIVAÇÃO

A motivação surgirá dos assuntos mais palpitantes do momento

- a viagem à Lua
- o Lunik III
- a proximidade do Natal com a chegada do Papai Noel não mais em trenós mas, quem sabe, num foguete

Passaremos do abstrato para o concreto.

- Quem seria capaz de inventar um foguete?
- Consideração sobre os grandes cientistas
  - sua inteligência
  - dedicação aos estudos
  - benefícios para a humanidade
- (\*) importância do trabalho individual para o grupo
- (\*) valor da equipe

### — O valor da Matemática

Estimulando a curiosidade dos nossos alunos por esses assuntos do momento, nossos objetivos específicos também serão atingidos, pois estaremos correlacionando as outras matérias do currículo com a Matemática.

Assim

LINGUAGEM — leitura

GEOGRAFIA, HISTÓRIA, CIÊNCIAS — curiosidades

TRABALHOS MANUAIS — recorte, colagem

## SUGESTÕES

A Campanha de Matemática será uma festa.

1 — **Mestres da Cerimônia:**

Sr. Algorismo, Sr. Número

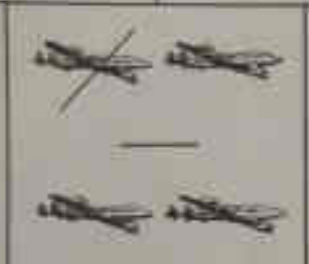
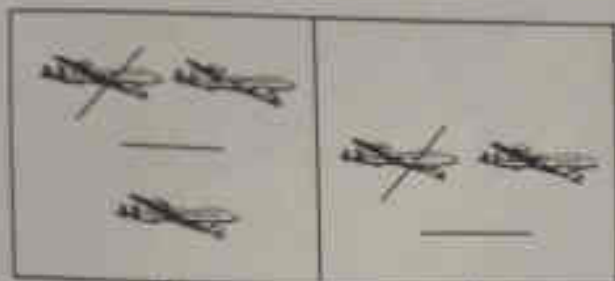
Apresentam Papai Noel que levará as crianças num foguete até o Mundo da Lua. (Desenhos 1, 2, 4 da pág. 52 e a ilustração do cabeçalho).

Todos os algorismos e números se agitam e não sabem de que modo poderão ir.

— Usam o telescópio — 1.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup> ..... até 20.<sup>o</sup>

(\*) Pesquisa — dentro e fora da Escola Primária





Escreva uma fração que seja igual ao resto.

Escreva uma fração com denominador 100. É o mesmo?



Lua cheia — unidade  
 quarto crescente — frações  
 quarto minguante

**5 — Sistema monetário — cálculo mental e escrito**  
 Venda — compra — troco

1 — X Cr\$	+ Y Cr\$	...	ao todo
2 — X Cr\$	ganhou Cr\$	...	ao todo
3 — X Cr\$	ganhou Cr\$	...	ficou com
4 — X Cr\$	Y Cr\$	...	Y tem mais Cr\$
5 — X Cr\$	Y Cr\$	...	X precisa ter Cr\$
			... para ser igual a Y

6 — Z custa Cr\$	.....	ZZZZ custarão Cr\$
7 — ZZZZ custam Cr\$	....	Z custa então Cr\$
8 — troca de moedas e notas		2 = ..... + ..... 50 = ..... + ..... + .....

**6 — Sistema métrico decimal — cálculo mental**

- medida da fita usada nos embrulhos dos presentes (m — cm)
  - quilo — 1 000 g  
 meio-quilo — 500 g  
 um quarto de quilo — 250 g
  - litro  
 meio litro  
 um quarto do litro
- dos guloseimas usadas no Natal

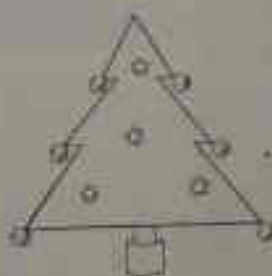
**7 — Medidas de tempo — cálculo mental e escrito**

- tempo que o velinho levou aceso (minutos: 15 — 30 — 60)
- cálculo do tempo para chegar a Natal (dias — horas)
- quanto tempo X levou para ir até o Correio colocar a cartinha para o Papai Noel (horas)



**8 — Geometria**

— Confecção de uma árvore de Natal



triângulo (composição 2 triângulos) (estrela)

esfera (enfeites)

cilindro (apoio da árvore)

cubo (presente)



quadrado (cartinha do Papai Noel)

retângulo (envelope)



— oportunidade ótima para recordar as noções de dezena — meio dezena — dezena e meio dúzia — meio dúzia — dúzia e meio cento — meio cento

## 9 — Terminologia

- operações
- frações

### Sr. Algorismo Sr. Número

agradecem a todos que tomaram parte na festa da Companhia:

parcelas  
total

minuendo  
subtraendo  
resto, excessos, diferença

multiplicando  
multiplicador  
produto

dividendo  
divisor  
quociente  
resto

numerador  
denominador

## 10 — Fim da festa

— planejamento dos seus alunos sob a sua inteligente orientação.



# TERCEIRA SÉRIE

## INTRODUÇÃO

Tem sido o objetivo de todos nós, professores, com o conhecimento que nos deu o progresso da pedagogia, levar a criança, sempre, a aplicar os cálculos matemáticos aprendidos na escola à vida real.

Essa é, na verdade, uma função primordial da escola — preparar para a vida.

Os cálculos que a criança faz devem ser aplicados e aplicáveis às situações vividas por ela.

Encaremos, entretanto, o fato de que a Matemática é uma ciência abstrata e situações aparecem em que não mais podemos apelar para a concretização

e que, nesse momento, a criança vai precisar abstrair-se. Surgem aí as dificuldades, principalmente mais tarde, no curso ginasial.

Se o correto, o que faz a criança compreender e aprender, é a experiência própria, teremos que viver o que for possível, mas procuraremos imaginar o que não pudermos viver.

Ensinaresmos à criança a se adaptar à realidade e a prever o que não é real mas poderá vir a sê-lo.

Dai sugerimos que, durante a Companhia de Matemática incluíssemos situações reais e imaginárias.

O tema poderia ser os

## CONQUISTAS DA MATEMÁTICA

através dos tempos.

Sempre presos a fatos conhecidos pela criança, divagaríamos um pouco...



## LANÇAMENTO

Se você achar que as suas crianças se interessam por este assunto como é aqui apresentado, ficaremos contentes em ter sido úteis a você. Se souber que há uma outra forma de encarar o assunto que elas apreciem mais, faça a seu modo e que a sua turma aproveite ao máximo a Campanha!





As abjetivos que todos queremos alcançar são: uma visão clara dos horizontes ilimitados que o estudo da Matemática nos oferece; o ressaltamento da importância do trabalho em grupo (como nós trabalhamos em equipe, mesmo através dos tempos que cada um faz um pouquinho e consegue-se muito no

conjunto); o desenvolvimento do raciocínio, a exatidão de cálculos que fará a criança resolver com facilidade os seus problemas da vida comum.

A propaganda da Campanha de Matemática será feita pelos próprios alunos a partir do lançamento da mesma. Na fase anterior, preparatória, se você arranjasse alguns recortes de foguetes ou satélites artificiais e colasse em um papel com dizeres no estilo de: "No próximo dia 3 será revelado à 3.ª série o segredo que o Homem usou para chegar à Lua", você não acha que eles ficariam interessados?

Para que a turma inteira visse seu próprio progresso, você também poderia colocar em um papel no sua sala um gráfico assim:

### COMO ESTOU ACOMPANHANDO AS CONQUISTAS DA MATEMÁTICA

	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
 Acertei tudo	Lúcia Mariana Gabriela Ana Júlia Mariana Mariana Mariana								
 Quase tudo	Bárbara Bárbara Mariana Mariana Mariana Mariana								
 A metade	Mariana Mariana Mariana Mariana Mariana Mariana								
 Menos da metade	Mariana Mariana Mariana Mariana Mariana Mariana								

**ACERTEI TUDO** — Posso viajar até pelo Universo. Estou a par das últimas conquistas da Ciência.  
**QUASE TUDO** — Rápidamente chega a qualquer parte do Mundo.  
**A METADE** (ou pouco mais) — Já atravesso mares.  
**MENOS DA METADE** — Ainda estou a pé.

Todos os dias, depois da aplicação e correção (feita pelo próprio criança) da Campanha, cada aluno iria colocar seu nome no lugar que lhe coberia. Poderíamos falar às crianças sobre as Conquistas da Matemática através dos tempos, assim:

Como era difícil ao homem primitivo conferir os animais que criava, as frutas que colhia, etc. Como surgiu entre eles um sistema de numeração muito simples. Nós podemos ver facilmente como eles contavam, observando os nossos índios que, em algumas tribos, ainda usam o sistema binário (um, dois, dois e um, dois e dois, dois e dois e um, dois e dois e dois. Se havia mais de 5 coisas, então **havia muitos**). Os botocudos ainda usam o sistema ternário parecido com o binário, porém que se prolonga naturalmente até 3.

Mais tarde os homens foram se aperfeiçoando até que puderam usar a Matemática, não só para facilitar o seu comércio, a construção de suas casas e tantas outras coisas, como aplicar este conhecimento em viagens pelo mundo a fim de conhecê-lo.

Antigamente, o homem só andava a pé, depois sobre animais, mais tarde em veículos e agora está pensando em ir, em foguetes interplanetários, até à Lua.

Durante estes próximos dias nós acompanharemos o progresso da Matemática e veremos o que ela já conquistou até hoje. Quem sabe quantas coisas mais ela ainda nos possibilitará?

Você pode imaginar até onde vão as Conquistas da Matemática?

Escreva em uma folha o que você considerar as maiores Conquistas da Matemática: ontem, hoje, amanhã.

## NO TEMPO DO HOMEM PRIMITIVO

### NUMERAÇÃO

Os primeiros homens que houve na Terra contavam com pauzinhos e pedrinhas. Se eles queriam contar os bois de sua criação — cada boi equivalia a um pauzinho — na sua sacola existiam então, tantos pauzinhos quantos bois havia no pasto.

Depois, eles já iam contando as frutas que colhiam e os animais que possuíam, como os nossos índios, que fazem até hoje: um, dois, dois e um, etc. Mais tarde, foram usando algarismos até três. E agora?

1 — Quais são os algarismos que usamos para escrever quantidades?

2 — Um índio dizia que há muitos carneiros em sua classe. Você sabe que há ..... carneiros e que, na sua fileira, você se senta na ..... carteira.

3 — No tempo em que os primeiros homens habitavam a Terra, eles apenas reconheciam que num rebanho de 4 983 carneiros havia muitos carneiros. Hoje, você poderá dizer: há ..... unidades de milhar, ..... centenas, ..... dezenas e ..... unidades de carneiros.

4 — Com o progresso, a Matemática foi sendo mais exata, você pode escrever claramente com algarismos: um milhão, trezentos e oitenta mil e quarenta e dois. Assim: .....

5 — Fernando José sabe perfeitamente que a dezena de milhar compreendida entre 340 000 e 360 000 é .....

6 — O número para ser lido com facilidade deve ser escrito bem arrumadinho, como este: 238 430. As ..... são escritas bem juntinhas e há um espaço separando as .....

7 — Paulo Márcio quis mostrar aos seus colegas que é uma menina do século XX e falou: — Só há 5 crianças mais altas do que eu em nossa turma de 45 alunos. Na forma, em ordem crescente, eu sou a ..... criança.

8 — Ricardo, atento a tudo que se relacione com Matemática, verificou que há muitos alunos em sua escola. Perguntou à subdiretora o número exato que havia e ela lhe respondeu:

— Há 1 unidade de milhar + 5 dezenas + 9 unidades de alunos.

Ricardo já sabe que há ..... alunos em sua escola.

9 — Cleiton, impressionado com a forma de contagem usada pelos homens primitivos, quis aproveitar a facilidade que temos hoje para contar e verificou, no Cooperativo, quantos objetos haviam sido vendidos desde o princípio do ano. Sabia por D. Aida que haviam sido vendidos 528 409 objetos. Com este número Cleiton verificou várias coisas:

— que havia nele ..... centenas simples;

— que o algarismo das dezenas de milhar era .....

— que, decompondo este número em suas unidades simples, ficaria assim: .....

— que este número tem ..... classes e .....

— que este número tem ..... classes e .....

10 — Maria Edite lembrou-se que havia outro forma de se escrever quantidades. Usavam-se algarismos romanos. Para mostrar que ela é sobida escreveu a data do Descobrimento do Brasil apenas com estes algarismos e ficou assim: .....

## NO TEMPO DOS DESCOBRIMENTOS

### COMBINAÇÕES FUNDAMENTAIS DAS QUATRO OPERAÇÕES — OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS COM INTEIROS

No tempo em que o Brasil e a América foram descobertos já havia melhorado muito a Matemática. Com o progresso que ela teve conseguiram conquistar dois novos continentes (Americano e Australiano).



Sim, apenas quem pudesse calcular com muito acerto se arriscaria a sair pelas grandes mares desconhecidas em embarcações tão frágeis.

Sabem em que se baseavam os grandes navegadores, quais eram os contos que, para início de conversa, eles precisavam saber muito bem? Estas mesmas que vocês já aprenderam: somar, subtrair, multiplicar e dividir.

Havia os cálculos feitos durante os preparativos para a viagem e os cálculos feitos durante as mesmas.

1 — Na esquadra de Colombo, havia 3 caravelas. A tripulação da 1.ª era de cerca de 95 marinheiros, a da segunda de 108 e a da terceira de 69 homens. Colombo poderia saber, rapidamente que havia ao todo em sua esquadra..... tripulantes.

Para isso ele efetuava uma conta de.....  
Prove que esta conta está certa:

2 — Em cada embarcação de uma esquadra composta de 13 caravelas, foram colocados 203 pacotes. Quantos pacotes colocaram ao todo na esquadra?

3 — Durante uma viagem, houve um temporal. Para que o navio ficasse mais leve, lançaram ao mar 75 pacotes de carga. Com quantos pacotes ficou o navio, se ele possuía, antes do temporal, 931 pacotes?

4 — Levando um carregamento de pau-brasil, daqui para Portugal, os marinheiros dividiram igualmente 391 francos pelas 17 navios da esquadra. Em cada navio havia apenas..... francos.

5 — Um tripulante da esquadra de Cabral sabia aumentar números 10, 100 e até 1 000 vezes sem armar uma só conta. Você também é capaz de fazer isto? Aumente estes números: indique a conta que você irá fazer!

— 10 vezes:	23	—
	179	—
— 100 vezes:	41	—
	3	—
— 1 000 vezes:	9 320	—
	38	—

6 — Torne estes números dez vezes menores. Indique a conta! 420 — .....  
300 — ..... 19 000 — .....

7 — Se você tivesse que arrumar um grupo de 86 marinheiros em duas fileiras, elas teriam o mesmo número de pessoas? Por quê?

8 — Levi, Júlia César e Váler trouxeram para a biblioteca, cada um deles, primeiro 34 e depois mais 14 livros. Distribuíram-nos pelas 3 prateleiras da estante. Quantos livros caibe em cada prateleira? (Arrme uma expressão).

9 — Você será capaz de inventar um problema que possa ser resolvido com esta expressão

$$\frac{(24 + 198) \times 4}{6}$$

10 — Você poderia ser despenseira de bordo?

Os marinheiros carregavam seu alimento para o navio onde eles iam passar muito tempo. Tudo devia ser bem planejado. Na escola, onde você fica várias horas, é preciso que se planeje também a merenda.

Em 1 dia, merendam..... crianças em sua turma. Em um mês, tirando os quintos-feiras e os domingos você tem..... dias de aulas. (Isto é com você, colega. Sugira às crianças que considerem o mês com 4 quintos-feiras e 4 domingos. Que tal?)

E fácil verificar que em um mês..... crianças comem a merenda.

## NO TEMPO DO VOVÓ

### FRAÇÕES

O progresso na Matemática e no mundo foi aparecendo pouco a pouco.

Os navios foram aperfeiçoando-se, surgiu o navio a vapor e eles eram o meio de transporte mais usado no tempo do vovó.

Foi então, há 53 anos atrás, que surgiu o mais moderno meio de transporte, o avião. O que foi que muito ajudou a invenção do aeroplano?

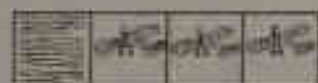
Pode-se dizer que estes dois fatos são mais duas Conquistas da Matemática.

1 — O avião moderno é feito de pequenas chapas de alumínio. Um avião DC-3 gasta 1 000 chapas. Precisou-se encurvar durante a construção da fuselagem a metade das chapas. Encurvaram-se..... das chapas do avião.

2 — Os jornais da época noticiaram em grandes letras o primeiro vôo do mais pesado que o ar. Um deles usou 3 colunas de uma página dividida em 8 colunas. Que fração da página usaram?

3 — Num revista as páginas centrais deram a notícia.

A divisão entre dizeres e fotografias era a seguinte:



Represente com uma fração imprópria a parte dos dizeres..... Agora a parte que foi usada para fotografias..... esta é uma fração.....

4 — A propaganda é uma boa forma de fazer com que todos conheçam as coisas importantes. Antônio também pensa assim e fez vários cartazes para anunciar a Campanha de Matemática. Comprou para isto, 4 folhas de cartolina e partiu cada uma em 8

pedaços. Usou no primeiro dia  $2\frac{1}{8}$  das folhas e no segundo dia  $1\frac{7}{8}$ . Ele gastou ao todo.....

Sobrou algum pedaço de cartolina?

5 — Os aviões no tempo do vovó eram muito fracos, não ficavam muito tempo sem pousar. Assim, para um deles fazer uma viagem longa precisou pousar 6 vezes. Quando ele pousou pela quarta vez que fração da viagem ele havia percorrido?..... Que fração faltava percorrer?.....

6 — O assoalho do convés de um navio é todo de tábuas do mesmo tamanho. Na proa, há 100 tábuas. Cada tábua é ..... da proa. A proa inteira é .....

7 — Em um grande navio transatlântico, onde vovô fez uma viagem, havia, ao todo, 1 000 escotilhas. À noite acenderam-se muitas luzes e podiam-se ver

87  
— das escotilhas iluminadas. Quantas escotilhas ficaram apagadas?

8 — Paulo já se imagina fazendo uma viagem marítima num navio tão grande quanto o do vovô. Coloriu nas folhas de papel quadriculado, que ele colocou sobre os mapas da América do Sul e da Europa, os lugares que queria visitar.

Cada uma das folhas tinha oito quadrados e ele coloriu  $1 \frac{3}{8}$  do desenho. Represente graficamente o que ele coloriu.

## NO TEMPO DO PAPAÍ

### DECIMAIS

A aviação progrediu muito do tempo do vovô para o tempo do papai. Os aviões ficaram mais fortes e já podiam percorrer grandes distâncias sem necessidade de pousar várias vezes.

Para fazer estas longas viagens pelo ar, é preciso calcular muito bem a rota. Os cálculos devem ser bem precisos. Não se pode afastar nem um milésimo da linha traçada no mapa, porque corre-se o risco de ir parar em um lugar muito diferente do que se queria ir, ou mesmo chocar-se com outros aviões.

Você poderia ser um bom aviador?

1 — Estes números representam que se precisou partir um dos inteiros em quantas partes?

4,5 — .....  
3,83 — .....  
18,970 — .....

Por causa disso, para escrever da forma que eu leio, escreverei que:

4,5 são .....  
3,83 são .....  
18,970 são .....

2 — Já que você conhece bem estes números decimais, veja se sabe resolver todas estas continhas:

$853,3 + 0,45 + 18 =$  .....  
 $42,03 \times 508 =$  .....  
 $9,6 - 5,317 =$  .....  
 $938,9 + 41 =$  .....

3 — Agora, antes que você receba o título de "Um aviador do futuro" prove que, sem armar contas, você acerta estes cálculos:

$21,83 \times 10 =$  .....  
 $7,91 \times 100 =$  .....  
 $82,3 \times 1.000 =$  .....

4 — Um aviador deve saber trabalhar em equipe. Todos devem ser úteis. Observe se você é um co-

lega valioso em seu grupo, respondendo com exatidão estas perguntas:

- Qual o número mil vezes maior que 0,03?
- Como você escreveria estes números:  
oito décimos .....  
quatro milésimos .....  
três inteiros e vinte centésimos .....

5 — Se você tivesse que dividir entre os 30 aviadores de sua esquadrilha 756 barras de chocolate e não pudesse deixar que sobrasse nenhum, mesmo que tivesse que partir algumas barras, quanto receberia cada aviador?

## NO NOSSO TEMPO

### SISTEMA MONETÁRIO

Hoje, em nossos dias, vivemos muito ligados à aviação.

Só viajamos de avião, como no tempo do vovô, pausando de espaço a espaço? Estamos apenas, como no tempo do papai, atravessando de um continente a outro de avião? Até onde podemos chegar hoje em dia?

Mas o homem pode chegar à Lua? Ainda não, por enquanto. Mas, se a Matemática continuar progredindo como tem feito até hoje... em pouco tempo estaremos dentro de um foguete a caminho da Lua.

Vamos nos preparar para a viagem?

1 — Uma roupa própria para viagens no espaço é muito mais cara do que a que usamos na Terra. Um blusão interplanetário custaria 15 vezes mais caro do que um blusão comum que é comprado por Cr\$ 450,00. Por quanto você poderá comprar um blusão para viajar no espaço?

2 — Há muitas coisas que você gostaria de comprar para levar em sua viagem? Veja se gostaria de levar estes objetos:

um caderno — Cr\$ 12,70  
uma caneta esferográfica — Cr\$ 20,00  
uma boia — Cr\$ 189,00  
um boneco — Cr\$ 376,00  
 $\frac{1}{2}$  dúzia de macacões apropriados — Cr\$ ... 480,00 cada

- Quanto você gastará nas macacões?
- Se você levasse tudo que se encontra nesta lista você gastaria .....
- Se mamãe lhe entregasse Cr\$ 60 000,00 você receberia de trôco .....

3 — Conforme você viu, agora, os preparativos para a viagem seriam muito caros. E a passagem então? Vamos imaginar que custasse Cr\$ 387 000,00. Naturalmente haveria facilidade de pagamento.

Se você desse de entrada a quinta parte do preço total e pagasse o restante em 10 prestações, a entrada seria de ..... e cada prestação custaria .....

4 — Realmente, é muito mais barato você ir até a cidade; quanto você precisará pagando a condução mais barata, para ir de sua casa até o centro da cidade? ..... e se forem você e mais 6 pessoas da sua família? .....



## AINDA NO NOSSO TEMPO SISTEMA MÉTRICO DECIMAL

Com o avião a jato as distâncias agora parecem menores. Antigamente quando nós só podíamos andar a pé, qual a medida de comprimento que nós mais usávamos? ... O metro. Agora, com a rapidez dos aviões a jato, só se fala em velocidade de 1 km por minuto. Nós usamos mais as múltiplas do metro, porque andamos muito mais depressa.

1 — Um avião supersônico percorreu 3 km em 3 minutos. Quantos metros ele andou?

2 — Um foguete interplanetário mede 15 m de comprimento. O primeiro pedaço que ele solta para ganhar mais velocidade (estágio) mede 8,5 m. Quanto mede a parte do foguete que continuou a viagem?

3 — O peso de um satélite artificial é de 450 kg. Se cada uma das peças que o compõe pesar 500 g, de quantas peças ele será composto?

4 — Escreva como se lêem estas medidas:

28,320 kg — .....

48,1 m — .....

93,534 l — .....

5 — Num avião comum, usa-se gasolina como combustível. Se no tanque for colocado, primeiro 0,600 litros, depois mais 98,400 litros e, finalmente, 137 litros, quantos litros se terá pôsto ao todo no tanque?

6 — Hebe vai colocar em sua bagagem 38 pedaços de 50 cm de fita. Quantos metros de fita ela guardará na sua mala?

7 — Para pintar com tinta fluorescente uma faixa em toda a volta de um aeroporto que mede 1 900 metros de comprimento por 300 metros de largura precisarei pintar ..... metros de faixa.

8 — Mauro precisou marcar em um pacote que iria levar durante sua viagem de avião, o peso do mesmo, isto é: quatorze quilos e duzentas e oitenta gramas. Usando apenas algarismos ele escreveu:



### CHEGAMOS AO FUTURO

#### MEDIDAS DE TEMPO

Se continuarem os cientistas, baseados na Matemática, destruindo todas as dificuldades, veremos cada vez mais constantemente irém aumentando o número de vitórias.

Já foi conseguido: ultrapassar a atmosfera, colocar na órbita um satélite artificial (Sputnik), mandar um foguete à Lua (Lunik), fotografar a parte desconhecida para nós. ... É muito provável que vocês ainda estejam bem moços e já seja comum viajar à Lua.

1 — Se a viagem à Lua durar 240 horas, quantos minutos durará?

2 — Um foguete parte da Terra às 2 horas e 22 minutos, e chega à primeira estação do espaço às 24 horas e 30 minutos. Quanto tempo ele levou de viagem?

3 — Um avião a jato sofreu um atraso de três

quartos de hora em sua viagem. Quantos minutos ele se atrasou?

4 — Um cientista disse que daqui a 5 anos, provavelmente, uma pessoa poderá ir visitar a Lua. Quantos dias faltam para esta viagem? (Para sua resposta ser exata, some mais um dia, porque um dos anos é bissexto)

5 — Ani pôs-se a imaginar que se o foguete vai até a primeira estação interplanetária em 24 horas, em uma semana ele poderá viajar durante ..... horas, durante uma quinzena ..... horas e durante um mês ..... horas.

6 — Carlos quis confirmar a sua força, mostrou que está muito sabido e fez o seguinte quadro para completar:

	dias	horas	minutos	segundos
1 dia	1	.....	.....	.....
1 semana	.....	.....	.....	.....
1 mês	.....	.....	.....	.....
1 ano	.....	.....	.....	.....

### EM PLENO ESPAÇO

#### GEOMETRIA

Durante a viagem no espaço, há muita coisa para se observar.

Vejam os astros! Todos têm o mesmo feitio.

1 — Que sólido geométrico lembram os astros?



2 — Aqui está um foguete interplanetário. Escreva o nome dos sólidos geométricos que você conhece e depois pode colorir a seu gosto:



3 — Um edifício de apartamentos, visto do alto, parece um sólido de faces retangulares que se chama .....



4 — Este avião moderno — “asa voadora” — que avistamos do nosso foguete, — tem feição de...

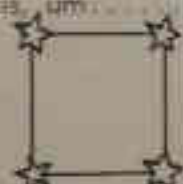


5 — Enquanto viajamos distraia-se com um passatempo. Desenhe uma porção das estrelas que você está vendo. E agora... à brincadeira!

a) Ligando com uma linha as estrelas do Cruzeiro do Sul, que figura você reconhece?



b) Agora aquelas estrelinhas ali... Você pode uni-las e ficará um quadrilátero certinho de ângulos e lados iguais, um.....



c) Para ligar estas quatro agora e aquelas outras, formam-se novas figuras:



6 — Ficaram interessantíssimas as seus desenhos. Veja só!... Figuras que têm estrelas no vértice de cada.....  
Este é um.....reto.



7 — Olhem para trás! O nosso foguete e o outro em que viaja uma outra turma da escola deixam um rastro de fumaça.....



Formaram duas linhas.....

8 — Ora, ora, assim demoraremos a chegar à Lua! Não é que os pilotos acharam engraçadas as linhas formadas pelas rastros e resolveram formar outros?



### VERIFICAÇÃO

Quem conseguiu chegar à Lua? Os que souberam aproveitar as Conquistas da Matemática acompanhando o seu progresso. Se você acertar tudo pode preparar sua mala e pegar o primeiro foguete interplanetário que for lançado no espaço.

1 — Está na hora de embarcar. O ponteiro pequeno está no 3 e com o grande forma um ângulo reto. Que horas são?

2 — O foguete, por dentro, está dividido em 7 compartimentos iguais. Cada um deles é..... do foguete. O foguete inteiro tem.....

3 — Auxilie os pilotos em seus cálculos:

$$\begin{array}{r} 3 + 0,38 + 12,3 = \\ 7,91 - 2,931 = \\ 6,25 \times 430 = \end{array} \qquad \begin{array}{r} 285,6 \div 42 = \\ 3,43 \times 10 = \\ 0,03 \times 100 = \end{array}$$

$$4 \frac{2}{5} + 2 \frac{1}{5} =$$

$$\frac{13}{10} - \frac{9}{10} =$$

$$\frac{(6 + 9 - 3) \cdot 3}{4} =$$

4 — 250 gramas de queijo custam Cr\$ 30,00. Quanto custarão os dois quilos que levaremos em nossa merenda?

5 — Na manta de lã quadrada que levei foi colocada uma fita em todo a sua volta. Quantos metros de fita foram gastos se a manta mede 1,80 metros de lado?

6 — Duas linhas perpendiculares formam ângulos.....

7 — Um quadrilátero é uma figura de..... lados. O..... é um quadrilátero.

8 — Para arrumar 120 pacotes em 10 pilhas eu colocarei em cada pilha..... pacotes.

9 — A quinta parte de 345 doces é exatamente o número decimal.....



# "CANTINHO DE CIÊNCIAS" (II)

Ano Escolar : 4.<sup>o</sup> — Turma 11  
 Início : abril  
 Término : setembro  
 Professora : Nilda da Silva Oliveira

## Em Ciências:

De acordo com o material trazido para o "Cantinho de Ciências", relacionado na coluna à direita, foram estudadas as seguintes noções de Ciências, relacionadas na coluna à esquerda:

Animais vertebrados e invertebrados; suas características.	— insetos colecionados pelas crianças em caixinhas de papelão: mariposas, abelhas, lagartos, cigarras, aranhas, lavadeiras, bicho-da-seda, rinoceronte da terra (espécie de besouro), bicho-pau, marimbondo, formigas, joaninha, baratas, zangão, minhocas, cavalo-marinho, etc.
O homem, aparelhos, órgãos principais e suas funções.	— quadros murais pertencentes ao "Cantinho", por mim trazidos, relacionados com o corpo humano, aparelhos auditivo, visual, gustativo, olfativo e do tato, aparelho urinário, sistema nervoso; órgãos principais da vida animal ou vegetativa.
Estudo do vegetal completo; substâncias encontradas em certos vegetais — ácido, açúcar, amido.	— partindo-se do material trazido pelos alunos: fungo, feijão, mamona, paina, trigo, arroz, café, açúcar; sementes de: tomate, abóbora, nabo, pimenta, tabaneta, cenoura e pepino; quadros murais, por mim trazidos para o "Cantinho", sobre o algodão, o cacau, café, milho e cana.
Rochas, minerais e solos.	— com o material trazido pelas crianças, foi organizado um mostruário com rochas de 28 espécies, o que deu oportunidade para fazer um estudo sobre rochas, minerais e solos.
Água; ar; eletricidade.	— aparelho ganho pela turma para realizar a experiência da infiltração da água no solo; — aparelho dado pela escola (como estivesse incompleto, foi terminado pelos alunos) para fazer a experiência da destilação da água (Ver "Práticas de Ciências", de Newton Dias Santos, Editora Olímpica, pág. 47); — pêndulo elétrico improvisado, aparelho construído por um aluno, segundo instruções contidas na pág. 85 do livro acima citado; — experiência do ferro elétrico, feita com material pertencente ao "Cantinho" (molacocheta).
Ímã, magnetismo.	— bússola construída de acordo com as informações obtidas na pág. 78 do mesmo livro.
Máquinas; alavancas, roldanas, planos inclinados.	— partindo-se do material trazido pelos alunos para o "Cantinho": roldana, pinça, guindaste.
O sol e demais estrelas. A terra e a lua.	— material pesquisado em revistas e livros, trazido para fazer parte do "Cantinho de Ciências".

## Experiências realizadas:

- Imantação — Uso do ímã — Bússola
- Impermeabilidade dos terrenos
- Ferro elétrico — molacocheta
- Vegetais: a existência do açúcar, amido e ácido
- Destilação da água
- Presença do ar. Uso da bola de soprar. Dilatação dos gases com o calor. Embalo.

**NOTA:** Para maiores detalhes, ver o livro "Práticas de Ciências", de Newton Dias dos Santos, Editora Olímpica, "Programas Mínimos para o Curso Primário", do Departamento de Educação Primária (Secretaria Geral de Educação e Cultura do Rio de Janeiro) e "Ciências na Escola Elementar", Coleção Guias de Ensino e Livros de Texto, do INEP.

#### OBSERVAÇÕES FEITAS:

- Fruto da mamona: os alunos observaram que os frutos estalam, arrebitam e as sementes pulam.
- Metamorfose do sapo: aproveitando-se o material trazido por uma criança.
- Sementes de feijão colocadas num vidro bem fechado: as crianças observaram que, após a germinação, o vidro se quebrou.
- Desenvolvimento de mariposas e do bicho-

**OBSERVAÇÃO:** A maioria do material pertencente ao "Continho" foi trazido e organizado pelos alunos da turma. Recaberam, no entanto, colaboração de outras turmas, da direção da escola e de outras profissões.

Em Geografia:

O ensino da Geografia foi feito relacionado com o material trazido pelos alunos para fazer parte do "Continho".

Assim sendo, houve oportunidade para dar o seguinte:

Produções brasileiras; localização das produções nas diferentes regiões do Brasil. Regiões do Brasil. Tipos características.

— partindo do seguinte material: cabeça do tucano, areia monazítica, petróleo, corvã, trigo, feijão, ferro etc.

#### OBSERVAÇÕES:

- 1 — Os alunos tiveram oportunidade de ver algumas paisagens dos Estados Unidos (Niágara Falls, Yellowstone Park) em um aparelho trazido pela professora (3.<sup>a</sup> dimensão).
  - 2 — Partindo-se da bússola que fazia parte do material do "Continho", aproveitou-se para dar "Grandes descobrimentos e grandes invenções".
- Não houve oportunidade para outras noções de História.

#### V — REALIZAÇÕES:

Confecção da mesa do "Continho".

— em madeira, de formato semicircular.

Preparo do mostruário de rochas, insetos, vegetais, conchas.

— o material trazido pelos alunos e ganho pela turma foi sendo guardado em caixas de papelão, cobertas com papel celofane e forradas com algodão, com etiquetas identificando cada coleção. Foram usados também vidrinhos de remédio.

Preparo de aparelhos para experiências.

— Ver "Prática de Ciências", de Newton Dias dos Santos, Editora Olímpica. Os aparelhos já foram citados anteriormente.

Organização de álbuns sobre:
 

- animais, vegetais e minerais;
- assuntos vários, relativos a Ciências;
- biografias de cientistas;
- conselhos para preservação da saúde.

— As gravuras, recortes, desenhos etc., pesquisados e colecionados pelos alunos, serviram para a organização dos álbuns, feitos em cartolina, cujas capas eram de papel gomado, também preparada pelos alunos.

Caderno de opiniões.

— Na qual todos os pessoas que visitavam o "Continho" deixavam escritas suas impressões sobre o mesmo.

Album com o relato das experiências feitas e ilustrações.

— Os relatos eram redigidos pelos alunos e os melhores transcritos no álbum. As ilustrações foram feitas a guache e a aquarela.



Exposição do "Continho de Ciências".

— Terminados os trabalhos, foram enviados, às turmas e às professoras, convites participando a exposição do material do "Continho" e indicando qual o dia e o horário em que a poderiam visitar.

Quadros de cartolina com o relato diário das observações.

— As crianças observaram mariposas e bichos-da-seda, colocados em vidros, e anotavam, diariamente, as modificações pelas quais passavam.

Jornal mural "O Continho Informa".

— Onde eram colocados trabalhos pesquisados, trabalho feitos pelos alunos, redações, avisos e informações. O jornal era colocado em um quadro volante, para que toda a escola pudesse tomar conhecimento do que se passava no "Continho". Periódicamente, o jornal era mudado.

Concurso de redação.

— Tendo sido lançada em toda a escola uma campanha com o objetivo de levar as crianças a escreverem melhor, "O Continho Informa" resolveu participar, organizando um concurso de redação. As regras do mesmo foram organizadas pela turma, orientada pela professora.

1.º — Escolha um destes temas:

- a) Por que você gosta de Ciências?
- b) Descreva uma experiência feita em sua sala.
- c) Os peixes.

2.º — Faça a redação em papel lousa.

3.º — Apresente sua redação, em primeiro lugar, à professora da turma.

4.º — Se ela for selecionada, traga-a à sala 37, até o dia 14.

Uma comissão, composta de 5 alunos e duas professoras, julgou os trabalhos. Prêmios foram organizados com o material do "Continho": um cavalo marinho, coleções de conchas, borboletas, etc., acondicionadas em caixinhas.

A tabela de julgamento foi feita pelas crianças sob a orientação dos mestres. Todas as turmas enviaram trabalhos, num total de 68 redações. O resultado do concurso e a entrega dos prêmios foram feitos no auditório da escola.

Excursões:

— ao Museu de Caça e Pesca (Praça 15 de Novembro);  
— ao Parque da Cidade (Gávea).

Filmes passados na escola:

— sobre "Salinas" e "Cuidados higiênicos com os dentes".

#### OBSERVAÇÕES:

1 — Poderiam ser feitos ainda:

- calendários para anotar as variações do tempo, temperatura etc.;
- álbuns com descrições, ilustradas, dos aparelhos construídos para o "Continho".

2 — Para a construção de outros aparelhos tais como: carrinho, microscópio, roda d'água, etc., ver os seguintes livros: "Ciências na Escola Elementar", vol. 3, série I, da Coleção Guias de Ensino e Livros de Texto, do INEP — "Práticas de Ciências", do Prof. Newton Santos, Editora Olímpica.

As crianças contaram com a colaboração da professora Itala Bella Coslovsky, que dirigia as atividades do período da tarde. Auxiliou-as, na confecção da

mesa, o professor Sílvia Brêtas, especializado em Artes Industriais.

#### VI — BIBLIOGRAFIA

a) Utilizada pelo professor:

- Tesouro da Juventude — vol. 4, 5 e 8
- O Mundo da Criança — vol. 7, 8 e 9 — Editora Delta
- Animals — Willis Lindquist
- Birds — Luis M. Henderson
- Rocks and Minerals — Herbert S. Zim e Paul R. Shaffer
- The Sun and its family — Bertha Morris Parker
- The ways of the weather — Bertha Morris Parker
- Nature Studies — Book 1 — Educational publishing corporation — Darien, Connecticut
- Intermediate School Portolio — Association for Childhood Education International
- This is Science — Herbert S. Zim

- Science for children and teachers — Herbert S. Zim
- Arizona — Land of faircolor (álbum)
- Trópico — Enciclopédia ilustrada em cores, n.º 48
- A tartaruga verdadeira do Amazonas — Nunes Pereira, da divisão de Caça e Pesca
- Elementary School Science and how to teach it — Glenn O. Rlough e Albert J. Huggett
- Práticas de Ciências — Newton Dias dos Santos — Editora Olímpica
- Ciências na Escola Elementar — vol. 3, série 1, da Coleção Guias de Ensino e Livros de Texto do INEP

b) Utilizada pelo aluno:

- Tesouro da Juventude — vol. 4, 5 e 8
- O Mundo da Criança — vol. 7, 8 e 9 — Editora Delta
- Ciências Físicas e Naturais — 4.ª série — Lucy Serrano Ribeiro Vereza — Editora Conquista
- Ciências em quadrinhos — Editora Brasil-América
- Saúde — Almanaque 1957 (Ministério da Saúde)
- Animals — Willis Lindquist
- Birds — Luis M. Henderson
- Flowers
- Arizona — Land of faircolor (álbum)
- Trópico — Enciclopédia ilustrada em cores, n.º 48
- Cuidados com os dentes (Publicação da S.N.E.S.)
- A tartaruga verdadeira do Amazonas — Nunes Pereira, da divisão de Caça e Pesca
- O mistério dos tamanhos — Herman e Nina Schneider

Assim se desenvolveu o "Cantinho de Ciências" nesta turma do 4.º ano. Este trabalho, no entanto, poderia tomar outras direções, variando de acordo com o material pesquisado e trazido pelas crianças; as sugestões apresentadas pela turma; o interesse dos alunos, que se poderia voltar para outros aspectos do estudo de Ciências; a necessidade de a classe estudar determinado assunto para resolver um problema surgido.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com a turma 12, 4.º ano, dirigida pelas professoras Leda Gallietta e Carminda Conceição de Moraes, que estava fazendo, neste mesmo ano, um estudo das regiões do Brasil, através de uma viagem imaginária, quando começou a surgir o interesse em organizar um "Cantinho de Ciências".

As crianças entusiasmaram-se ao visitar o "Cantinho" da turma 11 e sugeriram, então, que, à medida que se estudasse uma região, pesquisassem mais profundamente sobre as produções animais, vegetais e minerais, o clima, a vegetação, trazendo, quando possível, material (amostra dos produtos, gravuras, etc.) para a sala. Resolveram preparar um estante no qual seria organizado o "Cantinho de Ciências". Além do material característico de cada região, constaria no "Cantinho" qualquer material relacionado com Ciências e que fosse trazido pelos alunos (insetos, conchas, plantas etc.). Prepararam-se também álbuns e coleções de gravuras, para figurar no "Cantinho de Ciências". Nesta turma, partiu-se, pois, do estudo de Geografia para o de Ciências, seguindo os dois paralelamente.

As atividades se desenvolveram baseadas essencialmente em pesquisas feitas pelas grupos de alu-

nos e em trabalhos pelos mesmos organizados (álbuns, cartazes, quadros, dramatizações, etc.), que eram prestados à turma em dia e hora previamente marcados. Os grupos tinham um determinado tempo, diariamente, para o trabalho de pesquisa na biblioteca da escola e para a organização do material que ilustraria as apresentações.

Após a exposição de cada grupo, era feita uma apreciação, pelos próprios autores e pelas outras crianças, do trabalho apresentado, visando levar os alunos a analisarem seus trabalhos e a procurarem melhorá-los, sempre que possível. O trabalho era classificado em "original", "variado", "interessante", etc., de acordo com suas qualidades.

Depois de algumas exposições, a turma chegou à conclusão de quais eram os requisitos necessários para um bom trabalho de grupo, em relação à documentação dos colaboradores.

Um balanço para a verificação do que fora aprendido era feito por toda a classe, após a apreciação acima citada.

viam sido formados anteriormente para o estudo das

Quando à organização dos grupos, estes já haviam sido atendendo-se aos interesses dos alunos, à preferência por determinados assuntos, às habilidades das crianças, à disciplina (evitando-se agrupar alunos mais difíceis ou juntos, no mesmo grupo, vários alunos com habilidades manuais, por exemplo) e as afinidades entre os alunos, quando não houvesse inconvenientes para o bom andamento do trabalho.

Assim, para o estudo de cada região, havia grupos que pesquisavam sobre: produtos, rios e sua importância, lendas, tipos característicos, clima, vegetação, fatos históricos, etc., estando alguns assuntos ligados ao "Cantinho de Ciências".

Esses grupos, naturalmente, variavam de trabalho: o que pesquisasse sobre os rios de uma determinada região, por exemplo, dedicar-se-ia depois ao estudo dos produtos de outra região.

Surgiram, pois, ótimas oportunidades:

- 1 — educativas:
  - desenvolvimento: — do espírito de grupo, da cooperação entre os alunos (realização de trabalhos em grupo);
  - da iniciativa, pois os trabalhos (álbuns, cartazes, etc.) eram organizados espontaneamente pelos alunos;
  - do hábito de pesquisa (os estudos basearam-se nas pesquisas dos alunos);
  - de uma atitude de crítica, visando sempre o aperfeiçoamento.
- 2 — de aprendizagem das matérias escolares:
  - de leitura silenciosa e oral (pesquisas em livros, revistas, jornais);
  - de linguagem escrita (redações para os álbuns, para serem lidas durante a apresentação dos trabalhos; resumos das regiões, etc.), além da parte relativa às Ciências e à Geografia.

Para o "Cantinho de Ciências" foi construído um móvel com o formato de uma torre, modelo escolhido pela turma, e que deu oportunidade para fixar e introduzir noções de Matemática: sistema legal de unidades de medida (medidas dos ripos, da madeira, distância das prateleiras, altura, etc.); superfície, área (espaço disponível em cada prateleira e no total).



Aproveitou-se para fixar as noções de algarismo e número, ordens e classes, leitura e ditado de números, sistema legal de unidades de medida, através do estudo das produções de cada região, dimensões e formatos de certas vegetais (vitória-régia, por exemplo) etc.

Foram feitas algumas experiências, tais como:

- infiltração da água nos solos; atrito das pedras (que surgiu ao se falar da terra na região Centro-Oeste);
- alavancas (partindo-se de uma leitura pesquisada por um aluno sobre o uso das máquinas nos campos);
- vegetais que contêm açúcar, amido e ácido.

A turma foi ao Museu Nacional (Praça 15) e ao Serviço de Mineralogia (Praia Vermelha - Avenida Pasteur).

As visitas realizadas pelas diversas turmas ao "Cantinho de Ciências" da turma 11, nelas despertaram, como não poderia deixar de ser, o desejo de organizar, em suas salas, um "Cantinho" semelhante.

Recentemente o fizeram: as turmas do 3.º ano prepararam determinado local da sala, que ficaria exclusiva para o "Cantinho de Ciências", onde colocavam o material pesquisado e colecionado, os trabalhos feitos, tudo enfim que estivesse ligado ao estudo de Ciências. Foram sendo preparadas coleções de insetos, vegetais, diversos tipos de fôlhas, pedras, conchas, álbuns e cartazes sobre animais e vegetais. As noções eram estudadas de acordo com o material

trazido, o nível e o interesse dos alunos e relacionadas também com as outras atividades que estavam sendo desenvolvidas pelas turmas. Se, por exemplo, as crianças estudavam o Estado da Guanabara, traziam, para o "Cantinho", exemplos de produtos vegetais e minerais, gravuras etc. Ao se estudar a vida dos índios, todo material trazido pelas crianças, relativo a Ciências, era ali exposto: língua do pirarucu, bastão do guaraná, ervas, raízes etc.

Experiências simples, referentes principalmente aos vegetais (Ver "Programas Mínimos para o Curso Primário", do Departamento de Educação Primária da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Estado da Guanabara), eram realizadas, despertando grande interesse e desenvolvendo, nas crianças, o espírito científico.

O material era também consultado pelos alunos, em momentos de que para isso dispusessem e em que desejassem fazê-lo.

De um modo geral, todas possuíam um caderno ou álbum, onde registravam as observações e experiências feitas, comentando e discutindo as conclusões a que chegavam.

Era intensa a troca de material entre as turmas: umas emprestavam às outras aquilo de que precisavam, o material interessante que uma criança obtivera.

Algumas turmas do 2.º ano realizaram também atividades semelhantes, colecionando, naturalmente, material mais simples e estudando noções de acordo com seu nível.

Essas atividades eram feitas principalmente durante a tarde.

—o—

**OBSERVAÇÃO:** Este trabalho foi preparado, para publicação, pelas professoras Sarah Lerner e The-

rezinha Eballi, que se basearam nos relatos diários feitos pela professora.

## OBSERVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS

# NOÇÃO DE FENÔMENO FÍSICO E QUÍMICO

Prof. Luis Macedo  
Catedrático de Metodologia das Ciências Naturais no Curso Normal — Rio de Janeiro

— Tome um pedaço de papel e amarrote-o; ele muda de forma, mas continua sendo papel; qualquer pessoa dirá que é papel amarrotado, mas não mudou de côr, de aspeto.

Tome agora outro pedaço de papel; divida-o ao meio; ficaram dois pedaços de papel de tamanhos diferentes; ambos ainda poderão servir para escrever; a transformação que o papel sofreu nos dois casos não foi tão profunda assim, pois o papel continuou sendo papel.

Tome agora outro pedaço de papel e queime-o; ele se transforma em cinza; observando o papel

queimado ninguém mais dirá que aquilo é papel; deixou de ser papel, transformou-se em outra coisa: em cinza; não é mais da mesma côr, não se pode mais segurar com a mão pois se estafele, não serve mais para escrever; houve profundas transformações no papel; ele deixou de ser papel para transformar-se em outra substância.

**Conclusão** — Há 2 tipos fundamentais de transformações: a) as transformações mais ou menos superficiais, de modo que antes e depois da transformação se reconhece a substância inicial — é o caso do papel que se amarrotou ou se rasgou; chama-se transformação

física; b) as transformações muito profundas, de modo que depois da transformação não se reconhece mais a substância inicial como igual à nova substância formada — é o caso do papel que é queimado — chama-se transformação química.

**Observação** — Estas transformações são denominadas cientificamente: **fenômenos**; observe-se que esta palavra "fenômeno" tem um significado bem diferente, na vida diária e em ciência. Na vida comum, para o homem da rua, para quem não estuda coisas de ciência, fenômeno é alguma coisa de raro, de excepcional, como por exemplo: chover pedra, nascer um animal com duas cabeças, ou uma pessoa ter seis dedos numa das mãos; em ciência, para quem estuda, fenômeno é qualquer transformação que sofre um corpo, um ser, um objeto, mesmo que não percebamos a transformação, como por exemplo: ventar, respirar, etc.

# COMO FAZER UM ESPETÁCULO\*

"Tudo a felicidade de um grupo, e ao mesmo tempo no interesse dos espetáculos, tem necessário estabelecer um equilíbrio entre a arte e a vida. Nem sempre fácil"

Estives Corrêa

Leon Chancarel

## O ANIMADOR

O animador teatral é o centro-orientador de toda companhia ou grupo teatral. Ele é quem geralmente promove o nascimento e a vida de um grupo, e sua ausência implica numa séria ameaça de morte.

Este elemento indispensável e raro tem a seu cargo a conservação do entusiasmo e a promoção da harmonia entre os membros do grupo: é ao mesmo tempo, luz e adubo, incentivador e crítico, mágico e carpinteiro. O animador é, em suma, um triângulo equilátero, cujos três ângulos de forças iguais são: o entusiasmo, a obstinação e a honestidade.

## ONDE ENCONTRAR O ANIMADOR?

A necessidade de "fazer teatro" é a origem de todos os grupos: pessoas que gostam de ler, que vão muito ao cinema, aquele rapaz que declama poesias e a moça que canta música clássica — são os primeiros esteios do grupo em formação. Começa, então, a fase das grandes idéias. O rapaz de olhos tristes acha que deve montar "Hamlet", já o mocinho bonitinho, com tendências ainda mais dramáticas, afirma que "A DAMA DAS CAMELIAS" é uma grande peça; alguém lembra um espetáculo de variedades; outro, uma peça infantil e o rapaz de olhos tristes insiste: "finalmente, Shakespeare é sempre Shakespeare..." e tudo recomeça.

São poucas os grupos que ultrapassam esta fase, e se por acaso consegue, é apenas para finalizar mais melancolicamente na se-

gunda ou terceira peça. E, pois, antes dessa fase que o animador deve aparecer: será, talvez alguém com certa experiência teatral, ou um outro mais intuitivo, ou mesmo o rapaz de olhos tristes — se conseguir esquecer o seu "Hamlet" e começar a viver em função do conjunto. O certo é que em cada grupo que se organiza, o animador

existe e deve ser descoberto; às vezes, se oculta por uma questão de modéstia, outras vezes ele mesmo se faz eleger, e há casos de reconhecimento unânime de sua presença dentro do grupo.

Portanto, é uma questão de olhar em volta e procurar.

## O ANIMADOR E A ORGANIZAÇÃO DO GRUPO

Escolhido o animador, passa este a agir livremente ou com a colaboração organizada dos outros membros do grupo; a primeira coisa a fazer é a distribuição de pessoas em equipes, segundo as aptidões de cada um; equipe de costura, eletricidade, cenário, secretaria, bilheteria, publicidade e elenco.

A segunda e mais espinhosa ação, é a que se refere ao local: sala ou auditório para a instalação do grupo; é o momento em que começa a funcionar o triângulo equilátero do animador. Preferencialmente, o grupo deve ter

# BRASÍLIA

Marcial

3.º grau

Letra e música: Laura O. Orlandi

Bra — si — lí — a! Bra — si — lí — a! E  
 A — van — tal A — van — tal Bra —  
 no — va — ca — ai — túl Bra — si — lí — a  
 lei — te — va — re — nil A — van — tal A  
 si — lí — a! Sir — ga Be — lig me — tro — tal "Espa —  
 van — tal Sub a céu de ou — ring — nil Ma —  
 "ma —" Éa van — bla — ma! Pa — rta — lí — des de Bra —  
 pa — rta — de ou — tra — ter — tes, a va — lan — do — tu — Bra —  
 sil sil "E — pa — Ma — tra — pa sil  
 Da Capo al Fine



# BARCAROLA

Mús. A. Consolo

Trad. e Adap. Roberto R. Furtado

se menos uma sala inteiramente sua para reuniões, leituras de peças, ensaios, execução do guarda-roupa etc. ... Os espetáculos se-  
 com realizadas, na medida do pos-  
 sível, em cinemas, auditórios par-  
 ticulares de colégios e hospitais.  
 Caso haja a possibilidade de um  
 auditório à disposição do grupo,  
 estará resolvida a mais angustian-  
 te da questão, restando apenas a  
 adaptação que o lugar deve sofrer  
 para comodidade do público e dos  
 artistas.

Nessa altura dos acontecimen-  
 tos não haverá dinheiro algum em  
 caixa, e resta, então, ao animador  
 o recurso de transformar, num pas-  
 se de mágica, a sala "manstren-  
 go" num local onde se possa os-  
 sibir peças de teatro; sobretudo  
 lembrar que uma sala simples e  
 acolhedora facilita mais o contato  
 entre os artistas e o público do  
 que super-luxuosos teatros, asfi-  
 xiontes e dispersivos. Essa tam-  
 bém é uma boa ocasião de o ani-  
 mador fazer funcionar as diversas  
 equipes num trabalho conjunto.

Preparada a sala e organizadas  
 as equipes, resta ao animador re-  
 solver sobre a escolha da peça e  
 a direção artística do espetáculo.

## DESDOBRAMENTO DO ANIMADOR

Para a escolha da repertório, o  
 animador já deve estar mais ou  
 menos a par das possibilidades do  
 elenco de que dispõe; seria conve-  
 niente que se acercasse de uma  
 equipe de leitura que o auxiliasse  
 na análise de peças próprias para  
 o grupo.

Nessa fase, o animador que até  
 então se preocupou com os proble-  
 mas da organização do grupo, co-  
 meça a penetrar na parte artísti-  
 ca propriamente dita; o triângulo  
 equilátero lhe será, então, de uso  
 quotidiano indispensável.

Começam a agir as pequenas  
 vaidades, as discórdias, as dispu-  
 tas pelas melhores partes; é neste  
 perigoso momento que o animador  
 deve reunir toda sua força de von-  
 tade, todo seu entusiasmo e a mais  
 honesta imparcialidade para jul-  
 gar a multidão de pequenas coisas  
 que, furtivamente, aparecem.

Agora, com o local, equipes téc-  
 nicas, elenco e peça escolhida o  
 grupo pode começar: é a hora em  
 que entra em cena um novo e im-  
 portante elemento: o Diretor.

(\*) Trecho da "Caderneta de Teatro"  
 n.º 1.

Lento

Oh! como é be-las-mar lúria como

pe-ra Venas a-la-gras ve-la-jar en luer. Va-ge

Va-ge O meu re-lai-ra Va-ge Va-ge O ven-teg li-

qui-ra Va-ge Va-ge A-bregt brancas ve-las Va-ge

Va-ge Si-las as ondas be-las!

# LANTERNAS PARA FESTAS JUNINAS



Em lugar das tradicionais lanternas juninas, feitas de papel de seda ou cartolina, a professora poderá, este ano, fazer com seus alunos lanternas de feitiço mais atualizadas e utilizar material diferente.

Na ornamentação das salas, elas podem ser usadas como simples elementos decorativos ou como quebra-luz. Neste último caso deve-se ter o cuidado para que a abertura na parte superior da lanterna permita a passagem a uma lâmpada elétrica.

Para servir de formas usam-se bolas plásticas de inflar, levemente untadas com vaselina líquida ou azeite, a fim de evitar que as lanternas, depois de prontas, colem às mesmas.

Para arrematar melhor a abertura por onde será retirada a bola plástica, recorta-se um círculo em papelão, como indica o fig. 1.

O tramado é feito com barbante comum de algodão que deve ser mergulhado no grude de polvilho antes de ser iniciado o trabalho.

Passa-se o barbante num dos fios feitos no círculo de papelão e começa-se a tramar ao redor da bola, prendendo mais algumas vezes no papelão. Misturam-se, em partes iguais, gesso calcinado e o sobra do grude usado anteriormente, pincelando-se esta mistura sobre o tramado, em maior quantidade nos pontos onde as cordas se encontram.

Deixa-se secar por mais de 24 horas, antes de retirar a bola.

A pintura deve ser feita de preferência com tinta a óleo de secagem rápida, para que as cordas não amoleçam. Esta tipo de pintura pode ser substituído pelo emprego do barbante de cor, adicionando-se à mistura de gesso tinta em pó na cor desejada.



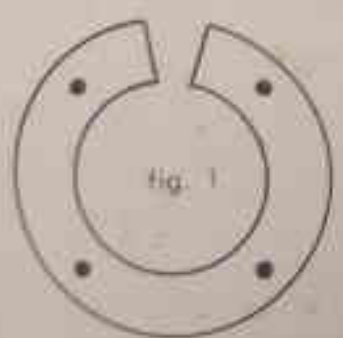
1. O trabalho iniciado no grupo de trabalho no tipo.



2. A bola é retificada para abertura com a ajuda de um jornal ou papel.



3. O objeto terminado com grade e pintado de albis e trançado de barbante.



4. O trabalho final é feito com pinturas de tinta de cores variadas.





## PALAVRAS CRUZADAS

Depois de resolver este exercício de palavras cruzadas, escreva a palavra que não pertence à série.



The crossword puzzle grid is filled with the following words:

- Across 1: S O P O
- Across 2: P E I T E
- Across 3: X O R X O M U C O A
- Across 4: O
- Across 5: L A M B A R I
- Down 1: A
- Down 2: A
- Down 3: O

## PEIXES

Desembaralhe cada grupo de letras para ler o nome de peixes.



Solução: Sardinha, Garoupa, Lambari, Acará, Bagre

## GEOGRAFIA DO BRASIL

Marque com as letras correspondentes, no mapa do Brasil, de acordo com o que se pede:

- Estado natal de Castro Alves.
- Cidade que representou importante papel durante a guerra holandesa.
- Capital cujo nome foi dado em homenagem a um de seus filhos.
- Porto na foz do rio Paraíba do Norte.
- Cidade natal de Olavo Bilac.
- Cidade fundada por Estácio de Sá.
- Cidade banhada pelo Guaíba.
- Cidade que é a capital do Estado de Piauí.
- Cidade situada no Planalto Central.
- Estado do Brasil onde desembarcou Cabral.

Solução:

c) João Pessoa	g) Porto Alegre
d) Cabedelo	h) Teresina
a) Bahia	i) Brasília
b) Olinda	j) Bahia



# O PATRONO DA BIBLIOTECA

Adalgisa Castro Pereira

Se você tem sob seus cuidados uma biblioteca recém-inaugurada e que não tem ainda um patrono, deverá considerar os seguintes aspectos:

## 1 — Como escolher o patrono?

**Quem?** É a pergunta que logo se nos depõe. Não se preocupe. Deixe que a escolha seja feita pelas crianças. Assim sentirão-se responsáveis pela importância de tal tarefa.

**Cabe a você orientá-las.** Lembre que o patrono de uma biblioteca deve ser, antes de tudo, uma figura ligada a Literatura ou, pelo menos, à arte dinâmica e correlata tal como: músico, teatro, etc.

Você deve usar, para tal fim, todas as atividades de biblioteca.

O jornal dará a notícia de que a biblioteca precisa de um patrono e que as crianças devem enviar o nome de sua preferência.

Os bibliotecários-auxiliares deverão tratar da propaganda:

— Procure-se um patrono — eu

— Vamos escolher o patrono de nossa biblioteca?

Finalmente o semana da votação será marcada. Para não haver prejuízo das aulas, cada turma usará seu horário para votar. Dentro da biblioteca, os nomes mais cotados devem estar assinatados em lugar visível.

Feito o escóto, o jornal noticiará o resultado.

É o momento de suscitar o interesse que leve à pesquisa da biografia do eleito.

Este trabalho ficará muito interessante se você der a cada grupo a incumbência de diferentes fases da vida do biografado.

É importantíssimo que você os faça sentir real interesse pelo assunto, e que a pesquisa venha atender a uma verdadeira necessidade.

Finalmente, você deverá fazer, na biblioteca, uma reunião revestida de certa solenidade para dar às crianças conhecimento do resultado da eleição. Apresentará o patrono eleito, dirá as razões que levaram a elegê-lo e, se possível, fará a inauguração de um retrato do patrono.

Agora o assunto interessa a todas as bibliotecárias. Também aquelas cujas bibliotecas já têm seus patronos.

Sabemos, por experiência, que em geral tal no esquecimento a figura do pa-

trono, isso porque é escolhido, algumas vezes, para atender a um interesse momentâneo da escola — seja para distinguir uma diretora, um chefe de Distrito Educacional, uma professora ou alguém da redondeza que tenha ajudado a escola em alguma coisa.

É muito louável que se queira homenagear a todas essas pessoas mas o devemos fazer de outra maneira, não deslocando para patrono da biblioteca. Se o patrono escolhido estiver estreitamente ligado à vida da biblioteca haverá posi-

bilidades bem frequentes de esquecer, e é fornecido normalmente ao trabalho de assuntos totalmente ou quase totais.

## 2 — Como manter "vivo" o patrono?

Faça um "cartão" do patrono. Uma estreitinha com os resultados colidos em pesquisas; álbum de recortes de jornais ou revistas que tenham sobre ele, alguns bons trabalhos das crianças (desenhos, músicas, etc.); retratos, em fim todo o material que você tenha conseguido colher.

Este cartão nunca deverá ser o único estorão de repatório. Cede a você, a criança, de mês em mês, algum a sermão, trazer corturas, e principalmente, ler e contar os recortes sobre ou qualquer material, relativo ao assunto, que seja trazido pela criança.

De grande importância é que a criança, ao trazer o material, seja de pronto stando: se for um recorte, que ela mostre o cara e explique em local sempre lacuna ou abasia do recorte, e como se onde foi tirado, data, seu nome, lugar, etc.

Se você der êta aspecto de importância e novidade, escolhendo um grupo de crianças para cuidar de seu "cartão do patrono", verá, com satisfação, que o tema adquirirá nova vida e ter sua razão de ser.

Desta forma, o patrono existirá de fato como um incentivo às crianças, a fim de cultivar-lhes no espírito sentimentos nobres e elevados, aprendendo o certo e criando um ideal. Assim estará sempre presente — e se herd.

Do espírito devotado do educador depende o êxito do ensino.

## O JORNAL NA ESCOLA PRIMÁRIA

### NOTICIA DE LIVROS

Prof.<sup>a</sup> Ophelia Coelho das Neves  
IDA Setor de Bibliotecas e Auditórios - DEP do Rio de Janeiro.

O livro recém-chegado à Biblioteca é entregue para o jornal escolar.

No espaço reservado às atividades da Biblioteca, o aluno comentarista planeja o seu trabalho. É, naturalmente, o estudante que revela um gosto deficiente pela literatura, facilidade de expressão escrita e um razoável conhecimento do assunto.

Inicia o tarefa que lhe cabe, pela escolha de um título sugestivo para a "sua" coluna: VITRINA DA BIBLIOTECA ou NOVIDADES ou NOVAS ATRAÇÕES, etc.

Em seguida, prepara cuidadosamente o comentário sobre o livro que acabou de ler:

— Anota o título, o nome do autor, o número de páginas, o editor e o jornal da edição;

— considera que seus coleguinhos, leitores do jornal escolar, costumam formular três perguntas básicas:

- 1.<sup>o</sup> — Qual é o assunto do livro?
- 2.<sup>o</sup> — é bom?
- 3.<sup>o</sup> — eu vou gostar?

— procura, então respondê-las por ordem, descobrindo-as em seis itens:

1.<sup>o</sup> — Deixe entever o nome do enredo, mas não revele os surpresas não conta o desfecho.

2.<sup>o</sup> — Dia do seu tipo ou gênero — aventura, conto de fadas, lendas, mistério, etc.

3.<sup>o</sup> — Indica a época e o lugar onde se passa a história.

4.<sup>o</sup> — Apresenta os principais personagens.

5.<sup>o</sup> — Sugere o sabor do livro, através de curtas citações.

6.<sup>o</sup> — Expressa a sua opinião sobre o modo pelo qual o autor usou o seu material.

Se o comentário é referente a um livro não classificado como ficção, o comentário escolar se restringe a um simples resumo do conteúdo da obra.

(Cont. na pág. 82)



# O CARATER SELETIVO DA ESCOLA PRIMARIA

Paulo de Almeida Campos, do INEP

Dentre vários fatos que concorrem para impedir a desejada eficácia da escola primária no Brasil, resulta a da frequência da ordem das matrículas e, conseqüentemente, a constituição das turmas ou classes nas quais encontramos meninos cujas idades variam de 6 a 14 anos. Como se sabe, tanto nas escolas urbanas quanto nas rurais, raras a criança é livre de ingressar em qualquer tempo de seu período de idade escolar (7 a 14 anos, por lei) e de nela permanecer por tempo superior ao que normalmente pode o sistema escolar atender, ou seja, uma escola de três anos ou séries, no caso rural, e quatro, no caso urbano.

E isto é absolutamente pacífico, igualmente aceito pelas administrações estaduais e municipais, em virtude dos critérios adotados para promoção, que permitem um aluno repetir uma ou mais séries quantas vezes quiser, desde que esteja no grupo etário das 7 aos 14 anos, não sendo mesmo incomum encontrarmos adolescentes de 15 anos e até mais cursando a escola primária.

Esta dispersão das idades nas matrículas por série é amplamente estimulada pelo caráter seletivo dos exames que realiza a escola, sobretudo no Rio de Janeiro onde já chegaram a 50%. A nossa escola primária, seletiva e propaduita, serve, assim, a uma minoria destinada a prosseguir os estudos em níveis pós-primários. Os que não se revelam capazes são reprovados, tornando-se ou repetentes ou desistidos.

Nestes últimos dez anos, tem sido superior a 30% o índice de repetentes na escola primária brasileira, não atingindo o 30% as promoções, sendo inferior a 7% a percentagem dos que concluem o curso. Os repetentes e os desistidos perfazem, em média, 44,2%, constituindo-se promévidos e os concluintes do curso os outros 55,8%. E desta turma, baixíssima e tendimento do ensino primário, vale dizer apenas de 11,5%, que representam a diferença entre os que aproveitaram a escola e os que repetem séries ou a abandonam.

A impressionante dispersão nas matrículas, agravada com a repetência, ao lado de determinar um fustuloso furo para o poder público — com a manutenção de um sistema de escolas ineficientes, com um ensino que se poderia chamar "ensino fixo-de-conto" — impede ainda que os prédios escolares existentes, embora em número insuficiente, recebam outras crianças das idades de 7 a 11 anos, de frequência escolar obrigatória, e que vêm os lugares ocupados pelas repetentes e pelas outras de 12 a 15 anos, sendo que as de mais de 11 anos representam mais de

25% da matrícula total. A regulamentação do matriculo por idade, nas diferentes séries, como já é feito em diversas séries, e que conduza a uma "escolarização programada", impedindo assim o esbanjo temporário na escola, neste tempo de que normalmente dispõe, conforme sua capacidade psico-social e de que a escola lhe pode oferecer, segundo suas possibilidades de instalação, equipamentos didáticos e capacidade profissional dos professores.

Em conferência pronunciada no Clube de Engenharia, em 1957, e já publicada na revista do INEP, o Professor Antônio Teixeira evidenciou as transições iguais

das por este desenvolvimento de idade nas matrículas na escola primária brasileira, incluindo inclusive, que de 4.923.986 alunos de 7 a 14 anos de idade, em 1956, matricularam-se na 1.ª série 2.654.121, quando os se se deviam encontrar 1.600.000 crianças que constituam o grupo da idade de 7 anos; na 2.ª série, 1.073.792 quando os se deviam achar 1.500.000, ou seja, os de 8 anos; na 3.ª, 725.316, onde deviam estar outros 1.500.000, os de 9 anos; na 4.ª e 5.ª séries, 466.757, quando os deviam estar 1.400.000, os de 10 e 11 anos.

Somos de parecer que tem contribuído enormemente para esse agravamento de situação, dentro outros motivos, a falta de os professores serem acompanhados sistematicamente com os programas — extensos, desorientados e nada ibéricos — e com os exames.

Com efeito, "dar o programa" e preparar os alunos para os exames constitui preocupação obscuriva da generalidade dos mestres primários. Com isto, subcorregem a mente das crianças com noções abstratas, informações e conhecimentos técnicos, desligados inteiramente da realidade e do alcance do conhecimento infantil, distantes de seu mundo implícito para elas. Essa atitude dos professores leva os alunos à memorização mui, à "lição daqui a aqui", transformando e

cont. no pag. 66

## HÁBITOS HIGIÊNICOS NA ESCOLA PRIMÁRIA

Esse Malmat

Tudo professor deverá estar ciente de que uma criança, tendo boa saúde, apresenta melhores condições para o aproveitamento. Muitos vícios, porém, certos aspectos do desenvolvimento do criança são negligenciados a segundo pleno ou completamente descurados, preocupando-se a professor unicamente em "transmitir" conhecimentos, pensando, desta forma, estar educando.

Se o professor, que vive a querer-se de que a turma não apresente os resultados esperados, leve-se suas atitudes a um médico, verificará que muitas vezes de anemia, curtos, de verminose, etc.

É natural que tais crianças "aprendem pouco" — isto é, não acompanham o ritmo das outras crianças que não possuem condições orgânicas. Além disso, com frequência as condições higiênicas que apresentam deixam muito a desejar — por falta de recursos, por falta de conhecimentos da família, por desleixo dos pais, por falta de incômodo quando não por falta de um LAR e de uma FAMILIA.

Estas crianças não têm culpa de sua mal atendidas exigências orgânicas, que decorrem das condições orgânicas em sua aprendizagem — o professor — tem muito menos, mas a realidade é que conhecendo o problema, este atua com o dever moral e profissional. Este atua com o dever moral e profissional. Este atua com o dever moral e profissional. Este atua com o dever moral e profissional.

O professor DEVE EDUCAR — fazer

com que a criança tenha um desenvolvimento integral e harmonioso, guiar a criação do desenvolvimento global e equilíbrio de todos os aspectos de sua personalidade.

É árduo e difícil tal tarefa, mas o professor que compreende o quanto cada criança depende de suas ações, saberá encontrar a recompensa no próprio trabalho.

Procurando auxiliar, por pouco que seja, sua missão, apresentamos uma sugestão de como incentivar e orientar a aquisição de bons hábitos, imprescindíveis à saúde.

O professor, em trabalho conjunto com as crianças, organizará tabelas individuais de hábitos higiênicos diários (podendo ser ampliada com hábitos higiênicos semanais), na qual cada criança marcará, diariamente, o cumprimento ou a falta de cada um no dia anterior. Tratando-se de crianças que ainda não sabem ler e escrever, o professor as ouvirá e as ajudará a marcar.

As fim de 1 semana, de 15 dias ou de 1 mês — conforme decisão de classe — as próprias crianças, sempre orientadas pelo professor, observarão as folhas completadas, assim como o progresso em seu esforço para vencê-las.

Quanto mais desenvolvida a turma, mais completa tornar-se-á a tabela. Além do que, sempre o professor a substituirá com seus próprios recursos e com novos elementos, a fim de atingir o objetivo previsto.

## REGISTO DE HABITOS HIGIENICOS

Escola: \_\_\_\_\_ Mês de \_\_\_\_\_ de 19\_\_  
 Nome: \_\_\_\_\_ Classe: \_\_\_\_\_

Progresso alcançado: \_\_\_\_\_  
 (Insuficiente — regular — bom — ótimo)

Orientação em aula: Professor \_\_\_\_\_

(Assinatura dos pais ou responsáveis)

NOTA: Com 2 folhas diárias a criança terá classificação "ótimo"; com 5, "bom"; com 8, "regular"; com 10, "insuficiente".

		Dias do mês	1	2	3	4	5	6	7
		Dias da semana	2. <sup>a</sup> -feira	3. <sup>a</sup> -feira	4. <sup>a</sup> -feira	5. <sup>a</sup> -feira	6. <sup>a</sup> -feira	Sábado	Domingo
<b><u>HABITOS HIGIENICOS DIARIOS</u></b>									
1.	TOMEI BANHO								
2.	ESCOVEI BEM OS DENTES PELA MANHÃ, APÓS AS REFEIÇÕES E À NOITE								
3.	DORMI COM AS JANELAS ABERTAS								
4.	COMI DEVAGAR, MASTIGANDO LENTAMENTE OS ALIMENTOS								
5.	DORMI, PELO MENOS, OITO HORAS, EM HORÁRIO ADEQUADO								
6.	CUIDEI PARA SENTAR EM POSIÇÃO CORRETA								
7.	LAVEI AS MÃOS ANTES DE CADA REFEIÇÃO E SEMPRE QUE AS SUJEI								
8.	MUDEI A ROUPA PARA DORMIR								
9.	OCUPEI-ME EM ALGUMA TAREFA ÚTIL E EM BRINQUEDOS SAUDÁVEIS PELO MENOS DURANTE UMA HORA DO DIA								
10.	ATENDI FRONTALMENTE AS MINHAS NECESSIDADES FISIOLÓGICAS								
Total de falhas no dia: .....									

Marcar com um "X" cada folha



# ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL (II)

Itália Ferraz

Da seção de Pesquisa do C.P.O.E.  
Professora de Psicologia do Instituto  
de Educação — Gal. Flor de Ca-  
chá — P. A.

Considerando a atual posição dominante da Orientação Educacional de:

— ocupar um lugar de destaque dentro do organismo escolar, tal como lhe atribuiu a Pedagogia contemporânea e como o exige a nossa Cultura e Civilização (ela é fundamental);

— atender indistintamente a todos os educandos, realizando desta forma o princípio de "igualdade de oportunidades", bem como prestar auxílio no sentido do ajustamento a novas situações e contribuir para que cada um se torne um elemento atuante em grau de bem comum, isto é democrático;

— definir-se como ação que tem presente a pessoa e a estrutura social em sua totalidade e que, portanto, procura atingir cada educando através de técnicas e processos específicos (ela é flexível);

— constituir-se em uma atividade que se deve exercer na Escola, sempre obedecendo ao princípio de integração, que é que significamos a necessidade que também, no seu desenvolvimento, sejam alcançadas todas as forças que envolvem o aluno, individual e social; ela é integrativa;

— definir com antecedência e, por conseguinte, com compreensão e elevação seus objetivos e suas atribuições na Escola em face da complexidade da natureza do educando e da profundidade da obra educadora; ela é preventiva;

— constituir-se numa essência da escola na função de propiciar à personalidade a sua plenitude humana; ela é formativa;

— constituir-se em instrumento específico da educação, a qual auxilia e orienta, gradativamente, o processo de estudo interpretativo e especificação das capacidades para o mais completo aproveitamento em função da própria educando e dos demais; ela é contínua;

— transformar a escola em ambiente de pesquisa; ela é científica; propõe-nos dirigir às escolas diretrizes básicas sobre Orientação Educacional no que diz respeito à concepções, princípios e objetivos desta processo educacional, proporcionando

com, unidade de pontos de vista em suas bases fundamentais.

Através, ainda, da Revista do Ensino, divulgaremos as Diretrizes Básicas para a organização e funcionamento de um S.O.E.

**CONCEITUAÇÃO:** Orientação Educacional tem por fim ajudar toda pessoa (menor, adolescente ou adulto ou velho), a que vale viver, levá-la à compreensão e aceitação de si mesma e dos outros, oportunizando-lhe amadurecimento emocional para ajustamento pessoal, relações interpessoais e encaminhamento vocacional.

Requer o entendimento de cada história individual, incluindo a mais alta identificação de seus problemas, o essencialmente, a motivação da conduta humana e o estudo do modo de favorecer a relação entre o plano de desenvolvimento físico e o plano de desenvolvimento psíquico, facilitando o ajustamento, como "solução criadora" possível que possa fundamentar as relações entre o indivíduo e o mundo; sua solidão e afinidade com todos os homens e sua atividade, habilidade e amor espontâneos, capaz de reintegrá-lo no mundo já por meio dos vínculos primários como também salvaguardando seu caráter de ser livre e independente".

**OBJETIVO GERAL:** Auxiliar a educando, através da comunidade escolar trabalhando a este como constituinte em adequado ambiente, a fim de poder realizar a ação educativa preventiva e de desenvolvimento, através das sugestões inferidas no trabalho do programa pessoal e do desenvolvimento do planejamento geral da Orientação Educacional que, integrada à escola, promoverá o levantamento de toda a população escolar com vistas aos objetivos da educação coadjuvante.

**OBJETIVO ESPECÍFICO:** Auxiliar e ajudar a encontrar o estado de equilíbrio pessoal correspondente ao seu respectivo plano de desenvolvimento, respeitando a unidade da pessoa humana, através das etapas e procedimentos do planejamento individual.

A especificação para objetivos torna segundo o ritmo do desenvolvimento das etapas e do nível da instituição escolar. Na entanto, pode-se estabelecer, de um

modo geral, seus principais aspectos, no que se refere à Escola Secundária.

**OBJETIVOS GERAIS:** Auxiliar a comunidade escolar:

— A aumentar a importância da educação na cidade orientadora.

Não se pode levar ao educador como deve dar a orientação, nem se pode apressá-la nos livros. É uma espécie de renovação de personalidade que se trazem do século a compreensão do educando antigo. Neste sentido a orientação para a felicidade é uma arte que bons educadores sabem de que maneira praticar quase intuitivamente. Flexível, é sempre independente e amadurecimento emocional e seriedade de prática educadora".

— A orientar o indivíduo do desenvolvimento do aluno, o que torna menos necessário a ação corretiva na disciplina.

A orientação é uma necessidade universal, o educador atual preocupar-se mais de orientação de vida do que de que somente de como ensinar".

— A impulsionar maior flexibilidade e adaptabilidade no despertar vocacional e na escolha profissional.

— A reconhecer a orientação como um problema também da idade escolar, reforçando o espírito associativo, a intercomunicação pessoal e toda a iniciativa que promova e permita o crescimento dentro da Escola.

— A considerar a orientação em seu caráter científico, incorporando na Escola a criação de comitês, comissões escolares, etc.

— A reconhecer as condições internas da Escola e da comunidade no que se refere a processos de aprendizagem, técnicas escolares, a disciplina, o conteúdo curricular e programático, as oportunidades de trabalho.

— A propiciar ao aluno vivência de valores éticos e estéticos.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** Auxiliar o educando:

— Na compreensão de si mesmo e dos outros, pela aceitação de suas necessidades individuais, como decorrência de situações particulares, ou via consciência ou contingência inerentes ao ser humano.

— Na estabelecimento de uma melhor inter-relação humana em todos os setores da vida.

— Na realização de uma aprendizagem ativa.

— Na atenuação do sentimento de grupo.

— Na assunção de maior responsabilidade em sua orientação para eleger convenientemente o caminho da vida e integrar ideias e ações.

— A assumir uma atitude orientadora em face das necessidades de outros.

— A utilizar todos os recursos educacionais que o ambiente escolar tem à sua disposição.

## PRINCÍPIOS BÁSICOS:

— Ter presente a continuidade evolutiva, isto é, interpretar cada acontecimento com o resultado de um processo anterior e contínuo, assim como de outro posterior.

— Considerar que a manifestação anormal do mente só constitui exageração da manifestação normal, isto é, que não difere em sua essência.

— Reconhecer a importância da cultura e do meio ambiente no desenvolvimento do indivíduo, de seu caráter e vida ulterior.

— Estabelecer a significação psicológica do grupo como um fenômeno digno de ser

atividades — a Orientação Educacional — foi realizado de 1956 a esta data, um plano de ação intensivo que passamos a expor em linhas gerais.

Tendo em vista a deliberação da Direção de Centro de Pesquisa e Orientação Educacionais no sentido de que este órgão realizasse uma de suas mais importantes

Pesquisas adicionais são necessárias para esclarecer as diferenças de posição da orientação sem vistas à terapia.

Comunicação apresentada oralmente pela Sr. Diretora do C.P.O.E. na 1.ª Jornada de Estudos de Diretores em setembro de 1957.

tensional pela situação orientadora das manifestações individuais.

Convém considerar que há diferenças de opinião em face a estas questões, assim como as há nas questões dos níveis de orientação educacional: individual (tipo), sugestão, ou interpretativa.

No relação do orientador com os orientandos em grupo, sob duas modalidades:

a) estudar os indivíduos em suas interações com os outros e auxiliá-los a trabalhar através de certas dificuldades, para atingirem novos níveis de ajustamento, isto é, livrar-se de certas "stoppers" de conduta, assim como atingirem novos níveis mentais;

b) estudar os indivíduos em suas interações com os outros, operando no grupo, permitindo-lhe mais largamente libertação técnica de ação compreensiva.

No relação direta do orientador e orientando, utilizará a história do indivíduo como contribuição primária para a avaliação de sua personalidade, e mais ainda: entrevista, técnica projetiva e testes objetivos que fornecerão elementos secundários, os quais ajudarão a construir a história viva dos fatos.

A Orientação Educacional envolve um conjunto de técnicas e processos cujo aplicação tem por fim alcançar os objetivos previstos de auxílio ao aluno pela resenha cômica de suas necessidades pessoais e de sua problemática. Para isso, problemem-se certas etapas e procedimentos necessários à percepção pessoal do orientando.

Desembahe sua programação em cada caso pessoal sob duas formas de atuação:

— pela relação direta do orientador e orientando e

— pela relação do orientador e orientandos em grupo.

Ambas podem assumir duas perspectivas psicológicas: evolutiva e dinâmica em de todo o pessoal.

— Trabalhar "com" o orientando e não "sobre" ele, e que quer dizer, tratá-lo sem envolvimento emocional e, conseqüentemente, sem interferir na auto-atividade e liberdade do mesmo.

— Evitar a aplicação de normas e regras, repetitivas e "diferenciação problemática" em sua motivação.

— Reconhecer a singular dignidade e o valor de pessoa.

#### PROCESSOS E TÉCNICAS:

estudado por si mesmo, tomando-o como uma gestalt.

— Valorizar todas as manifestações psíquicas, sejam elas aparentemente sem significação.

— Tratar cada indivíduo como uma unidade psico-dinâmica, isto é, como um todo em todas as suas múltiplas facetas, reconhecendo que aquilo que observa, discute e as hipóteses que constitui devem ser enquadradas num estudo compreensivo

I — Cursos intensivos de iniciação à Orientação Educacional para professores de Ensino Médio.

A — Localidade: Porto Alegre

Data do 1.º Curso: de 3 a 11 de março.

Data do 2.º Curso: de 16 a 26 de abril.

Temas apresentados e discutidos: Organização e dinâmica da Orientação Educacional; Psicologia do Adolescente; Psicologia da Personalidade normal e anormal; técnicas de investigação psicológica; Psicologia da Aprendizagem; Tec.

B — Localidade: Porto Alegre e Pelotas.

Data do 3.º Curso: simultaneamente realizado nas duas localidades — de 7 a 21 de julho. Os professores trabalharam sucessivamente em duas alternadas.

Temas apresentados e discutidos: Introdução à Psicologia e à Psicopatologia; Psicologia da Aprendizagem; Psicologia do Adolescente; Orientação Educacional; Psicologia Experimental; Estatística Educacional; Psicologia da Personalidade.

Sob a direção técnica da Prof.ª Alda Cardoso Kramer, coordenação técnica das Prof.ªs Itálio Z. Faraco e Edla Langer Pereira de Souza e coordenação administrativa da Prof.ª Yandir Santos, participaram os seguintes Professores nos dois primeiros cursos:

Prof.ªs Itálio Z. Faraco e Edla Langer Pereira de Souza: "Organização e dinâmica da Orientação Educacional";

Prof.ª Leda Saeiro: "Psicologia do adolescente";

Prof.ª Malvina R. Cardozo: "Psicologia da personalidade normal e anormal";

Prof.ª Graziema Pacheco: "Psicologia da aprendizagem";

Prof.ª Emília Ribeiro: "Técnicas de investigação psicológica";

No terceiro curso, sob a direção técnica da Prof.ª Alda Cardoso Kramer, coordenação técnica da Prof.ª Itálio Z. Faraco e coordenação administrativa da Prof.ª Yandir Santos, participaram os seguintes professores:

Porto Alegre:

Irmo Anísio Misco de Carvalho — Faculdade de Filosofia da P.U.C. — "Introdução à Psicologia;

Prof. Fernando de Leon — S.E.N.C. — "Psicopatologia";

Prof.ª Edla Langer Pereira de Souza — Seção de Pesquisa do C.P.O.E. "Orientação Educacional";

Prof.ª Marieta Cunha e Souza — Instituto de Educação: "Psicologia do Adolescente";

Prof. Cláudio Marques — Departamento de Psicologia da Prefeitura do Distrito Federal — "Orientação Educacional";

Prof.ª Dyara Petersen — Serviço de Educação Especial do S.E.C. — "Psicologia Experimental";

Prof.ª Lígia Morandi — Faculdade de Filosofia da U.R.G.S. — "Estatística Educacional";

Prof.ª Emília Ribeiro — Serviço de Orientação Profissional — "Psicologia da Personalidade";

Pelotas:

Frederico Malpiani — Faculdade de Filosofia de Pelotas — "Introdução à Psicologia";

Prof. Fernando de Leon — S.E.N.C. — "Psicopatologia";

Prof.ª Itálio Z. Faraco — Seção de Psicologia do C.P.O.E. — "Psicologia do Adolescente"; "Psicologia da aprendizagem" e "Orientação Educacional";

Prof.ª Dyara Petersen — Serviço de Orientação Especial do S.E.C. — "Psicologia Experimental";

Prof.ª Emília Ribeiro — S.O. Profissional — "Psicologia da Personalidade";

Prof.ª Lígia Morandi — Faculdade de Filosofia da U.R.G.S. — "Estatística Educacional";

Sumula e material distribuídos se acham arquivados no C.P.O.E., estando à disposição de quem desejar consultá-los.

II — Missões Pedagógicas em diversas Delegacias de Ensino propiciaram, também aos professores da Escola Secundária, reuniões onde sempre a Orientação Educacional foi apresentada e discutida. No desenvolvimento do planejamento da Missão nas Escolas Primárias, Técnicos em Educação que tiveram a um cargo estudos sobre Aspectos Psicológicos da Educação, Psicologia da Aprendizagem, Problemas das Relações Humanas na Escola Primária lembraram em focalizar o problema da Orientação Educacional na Escola e, sobretudo, o problema da ação orientadora do professor, penetrando diretamente na significação do professor orientador.

III — O mesmo pode ser afirmado com relação às Missões Pedagógicas da Capital.

Sumariamente seguem-se as recomendações imediatas tomadas como preliminares básicas para a efetivação de uma atitude orientadora em todos os níveis de nosso sistema educacional, e, especificamente, da Orientação Educacional, tendendo a constituir-se um S.O.E. nas Escolas de nível médio, principalmente nas Escolas Normais:

— Vitalização das Instituições Escolares;

— Revisão dos recursos educacionais: currículo, técnicas e programação;

— Intensificação do significado do professor orientador;

— Integração da orientação educacional na Escola Secundária;

— Reconhecimento do potencial humano das facetas para aproveitamento imediato do mesmo;

— Intensificação da ação integradora da educação;

#### IV — Concertuação.

Com vistas à Escola Normal, a O.E. foi sugerida como o estudo do normalista, no sentido de auxiliá-lo nas diferentes aspectos de relações interpessoais e de ajustamento pessoal e de esclarecer no planejamento de seus programas de estudos e na seleção de atividades e cursos profissionais.

Relativamente ao Ginásio, como o estudo do aluno para auxiliá-lo nas diferentes aspectos de relações interpessoais, de ajustamento pessoal e de encaminhamento vocacional.

No que se refere ao Primário, como o estudo do aluno para auxiliá-lo em suas condições e necessidades, propiciando-lhe uma situação de ensino-aprendizagem adequada professor-orientador e, quando necessário, desenvolver uma ação especial face aos problemas especiais apresentados por certos alunos (orientação pessoal).



# DIVISÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DIRETRIZES BÁSICAS

Organizado por Edly Flores Cabral — Técnica em Educação

— NÚMERO DE UNIDADES EXIGIDAS PELO DECRETO N.º 6071 de 10/3/1955:

UNIDADES OBRIGATORIAS		SUGESTÕES		
		PARA UNIDADES		PARA INSTITUIÇÕES
De conteúdo obrigatório.	De conteúdo eletivo.	FACULTATIVAS	DE RECUPERAÇÃO	
<p><b>1.ª unidade:</b></p> <p>Revisão dos conhecimentos contidos no programa primário vigente, que sofreram atualização.</p>	<p><b>1.ª unidade:</b></p> <p>Exemplos:</p> <p>Estudo de um problema ou de uma necessidade local.</p> <p>Influência da colonização de determinado povo no R. G. do Sul.</p> <p>Brasília e a densidade demográfica brasileira.</p> <p>Evolução do governo no Brasil.</p> <p>Formação da sociedade brasileira; etc.</p>	<p>Exemplos:</p> <p>Influência da cultura europeia na América.</p> <p>Estudo sócio-cultural de populações indígenas remanescentes na localidade.</p> <p>E muitos outros.</p>	<p>Sempre que necessário.</p>	<p>Clube de História.</p> <p>Clube de História Local.</p> <p>Clube de Geografia.</p> <p>Clube de Turismo.</p> <p>Liga de Civismo.</p> <p>Museu Histórico.</p> <p>Museu Geográfico.</p> <p>Museu Etnográfico.</p> <p>Museu Regionalista.</p> <p>Clube de Tradições.</p> <p>Clube de Comunidade.</p> <p>Clube dos Amigos da Cidade e outros.</p>

## II — PLANEJAMENTO DESSES ESTUDOS: DUAS UNIDADES OBRIGATORIAS

A Reforma do Ensino Normal no Departamento de Cultura Geral prevê o estudo de duas unidades obrigatórias na Divisão de Ciências Sociais.

De acordo com o disposto no artigo 11 do Capítulo II do Decreto n.º 6004 de 26/1/1955, sugere este Centro que a satisfação dessas exigências seja feita da seguinte maneira:

deverá reestudar, conscientemente, o conteúdo do programa do Curso Primário vigente nas escolas do Estado. Impõe-se essa revisão, a fim de esclarecer os professores, enriquecendo ou substituindo seus conceitos, permitindo assim, uma constante atualização da aprendizagem.

É evidente que nem sempre é possível ao professor revisar completamente, com os alunos, todos os conteúdos da aprendizagem exigidos no programa do curso primário, por exigência de tempo. Assim,

sempre háse oportuna, nessa unidade, a professor oferecer aos normalistas o estudo daqueles aspectos científicos onde se verificou mais radical atualização de conceitos ou em outros que estejam a exigir complementação e enriquecimento, face às mais novas conquistas científicas.

O Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais tem publicado inúmeros comunicados, onde procura levar aos professores rio-grandenses uma colaboração nesse sentido. Alguns desses comunicados que pertencem à série "Atualização de Conceitos científicos no programa do Curso Primário" e abrangem a revisão de conceitos geográficos e

Uma unidade de Ciências Sociais

históricos foram publicados em nossa Revista, nos números 56: pág. 14 (1958); 60: pág. 2 (1959); 65: pág. 2 (1959); 66: pág. 2 (1960); 72: pág. 2 (1960); 73: pág. 2 (1960).

## II

Outra unidade, cujo conteúdo será objeto de escolha do professor, poderá incluir estudos subordinados, por exemplo, a um dos temas seguintes:

Aspectos significativos da cultura local, ou estadual, ou nacional.

Aspectos históricos e geográficos da localidade, ou do Estado, ou do País, ou ainda outros assuntos sócio-culturais de comprovada atualidade e que possam levar os alunos a um melhor ajustamento e à maior compreensão dos problemas vitais.

Evidentemente, como estas diretrizes só constituem sugestões para a elaboração dos diferentes conteúdos programáticos a serem elaborados pelos professores do Ensino Normal em suas escolas, outros títulos poderão ser escolhidos, da vez que cabe ao professor a faculdade de organizar seu programa, levando em consideração os interesses e necessidades locais, os interesses dos alunos, os recursos de que dispõe a escola, bem como os conteúdos básicos que a disciplina deve oferecer à compreensão do educando.

Entretanto, há um aspecto muito importante a considerar, quando o professor se detém na resolução do problema "que assuntos oferecer ao aluno no desenvolvimento da segunda unidade obrigatória, mas de conteúdo eletivo".

Como em todas as obrigatórias, os conteúdos programáticos desta unidade serão comuns a todos os alunos e deverão constituir um fundo de cultura integrador na formação do futuro professor. Por isso, deve haver muito cuidado na escolha desses conteúdos de maneira a atender não só à formação integral da personalidade do educando, mas, também, estudar aspectos históricos e geográficos de muita significação e que facilitem ao futuro educador o tarefa de levar seus alunos a atingir os elevados objetivos gerais propostos no Programa Primário com que vão atuar.

Como se pode observar pelos exemplos oferecidos no quadro

anexo, é sempre recomendável estudar integralmente no mesmo conteúdo os aspectos histórico e geográfico, por que é assim que eles vão ser tratados no Curso Primário. Não se justifica, pois por exemplo, um conteúdo expresso apenas dessa maneira: "História da Localidade" ou "Geografia da Região". Para que se possa integrar no espírito da Reforma do Ensino Normal o desenvolvimento dos estudos, devem eles ser feitos de maneira a abrangerem "aspectos históricos e geográficos da localidade" ou "aspectos históricos e geográficos do Estado", ainda no caso do exemplo acima citado.

Integrar, sempre que possível, é uma das grandes metas que se propõe alcançar a Reforma. Aliás, a ciência é uma, nós é que a separamos e a rotulamos sob diversos nomes, apenas por razões didáticas e para facilidade de compreensão.

## UNIDADES FACULTATIVAS

Dentro das mesmas condições previstas para a unidade obrigatória de conteúdo eletivo e ainda levando em consideração interesses especiais dos alunos, é que a escola poderá proporcionar outras

unidades, em caráter facultativo, tais como as que sugerimos no quadro anexo.

## AINDA A ESCOLHA DOS CONTEÚDOS

Além do que já foi dito e para que melhor se interprete o espírito da Reforma do Ensino Normal, cumpre fazer, ainda, outras considerações.

É necessário que os professores voltem sua atenção para a necessidade de despertar naqueles que estudam, a consciência e o desejo de aprender em profundidade.

É preferível, pois, que o assunto central do conteúdo abranja maior extensão, para que os estudos selecionados sejam desenvolvidos em profundidade e assim, cumprisse, também, um dos objetivos gerais do Departamento de Cultura Geral, que é: "proporcionar vivências de trabalho e estudo que preparem para futuras aprendizagens didáticas".

Recomenda-se de preferência a escolha de temas da realidade e atualidade brasileiras a fim de fortalecer cada vez mais os laços de compreensão e amor que devem prender um professor à terra em que nasceu.

## III — DIRETRIZES PROGRAMÁTICAS

### I. Justificativo

Sob a rubrica "Ciências Sociais", no Departamento de Cultura Geral estudam-se, na Reforma, duas disciplinas: Geografia e História.

Antigamente, Geografia significava apenas "a descrição da terra". Hoje, a Geografia não deixa de descrever o terra, mas essa descrição foi reduzida, pois passou a ser apenas uma parte de seu âmbito, que se tornou consideravelmente maior, abrangendo muitos outros setores interessantes.

"No conceito moderno, a Geografia é o ramo da ciência que estuda a terra como "habitat" do homem, mostrando as relações entre o mundo orgânico e inorgânico".

"O conceito antigo sobre História colocava-a na qualidade de um repositório do passado, uma espécie de arquivo do que havia acontecido e que pouca serventia podia ter".

"Hoje, a História é entendida de maneira diferente e passou a ter um caráter dinâmico e utilitário. No conceito atual, a História é a ciência que tem por objetivo o estudo das origens e desenvolvimento das sociedades humanas, dos fatos mais importantes nas mesmas sucedidos e das relações entre eles existentes".

"A modernização inclui seleção de dados e reconteceu a importância da causalidade histórica". O passado agora servirá para melhor compreender o presente e este influirá bastante nos fatos futuros.

A continuidade histórica, entretanto, não inclui previsões; só se ocupa com o que já aconteceu; seu limite no tempo não é a última página do livro mais recente, mas o último fato significativo para a sociedade, embora a ocorrência se tenha dado segundos antes do momento atual.



Colocamos Etnografia como disciplina sob o título geral de "Ciências Sociais", porque os estudos e ela vinculadas têm estreita relação com os estudos histórico-geográficos da localidade.

Modernamente, **Etnografia é a ciência que observa, descreve e arquivia os fenômenos das culturas primitivas** (povos sem escrita).

O objetivo formal dessa ciência é a simples observação e descrição dos fatos. A Etnografia não é ciência interpretativa.

É evidente que, quando se realiza o planejamento das Ciências Sociais na Escola Normal, não se pode prescindir de relacionar esses estudos com a Sociologia — ciência como nenhuma outra tão presa e ligada continuamente ao meio e aos grupos humanos.

Ao professor de ensino normal, dentro do espírito da Reforma, compete, pois, não só aplicar as melhores técnicas na direção da aprendizagem, mas, também, acompanhar a evolução das ciências geográfica e histórica, atualizando sempre e cada vez mais seu conceito e seus conhecimentos.

O Ensino Normal é destinado a preparar professores aptos para solucionarem diferentes problemas de educação primária, de acordo com as peculiaridades das diversas regiões do Estado, a par do desenvolvimento dos interesses e capacidades pessoais de cada um deles.

Sendo assim, parece de vital importância, no currículo desse grande ensino, a Divisão de Ciências Sociais, mormente numa época em que é anelo de todos os povos civilizados a consecução de uma paz mundial construtiva e duradoura.

## 2. Objetivos

### a) Compreensão internacional

A escola normal rio-grandense deve ter por norma alcançar este ideal de compreensão e amizade internacionais, através de um trabalho de preparação das novas gerações e fazendo uso dos conhecimentos incluídos nas diversas unidades de Ciências Sociais.

Uma ação nesse sentido seria iniciada na localidade, ampliando o âmbito, dentro dos conhecimentos dos outros assuntos do conteúdo programático, quando da revisão dos conhecimentos primários.

"A Geografia dá o sentido do espaço, como a História é a ciência que dá o sentido do tempo.

Por isso mesmo ela alarga os horizontes do espírito, descreve e explica sobre os elementos que constituem o cenário do drama humano. Na idade do avião, na qual acabamos de ingressar, este cenário é bastante reduzido. Pela primeira vez na história, o homem toma consciência dum modo experimental e dominadora da unidade espacial do planeta.

A geografia humana, em particular, faz ressaltar a solidariedade de todos os homens e a engenhosidade que eles empregam para se adaptar ao seu meio natural e de tirar o melhor partido possível. As necessidades primárias de todos os homens são as mesmas, alimentação, vestuário, habitação, defesa, vida social, moral e espiritual; se bem que a maneira de as satisfazer varie de uma região para outra. Os estudos das diferentes maneiras de viver observados deste ponto de vista, constituem poderoso fator de compreensão internacional.

A geografia econômica enfim, traz à luz, mais que as outras partes da geografia, a interdependência, a complementação das diferentes nações e dos diferentes países. Ela é capaz de dizer e de ilustrar com a ajuda de dados estatísticos precisos a que cada país dá ao outro e o que cada um recebe dos outros.

Partindo desses conhecimentos, pode-se determinar as grandes áreas de complementaridade da superfície do globo: complementaridade dos dois hemisférios, de antigos e novos continentes, de países marítimos e continentais — outro fator poderoso de compreensão internacional".

### b) História

No desenvolvimento dos conteúdos de História, há de o professor ter em vista os objetivos formadores da matéria, provendo para que o ensino, além de propiciar a aquisição dos conhecimentos e técnicas inerentes a essa disciplina, concorra, efetivamente, para a formação social dos educandos. O conhecimento e memorização dos fatos históricos deve secundar o fortalecimento de atitudes e ideais sociais e cívicos.

Pelas virtudes que pode estimular, pelos exemplos edificantes que apresenta, e pelos ideais que suscita, o programa de História deve, extravasar lições riquíssimas de moral e civismo que se trans-

mitirão de maneira implícita, através do trabalho harmônico, com os ideais e valores da educação. Ao desenvolver as unidades, cuidará o professor de formar no educando atitudes cívicas e moral corretas, levando-o a uma visão equilibrada da realidade brasileira: "Nem patriotismo que se exalta em enumerar e descrever riquezas naturais do Brasil, nem atitudes de pessimismo em face dos problemas brasileiros, mas um sadio equilíbrio baseado num sentimento generoso de serviço à Pátria, na formação de energias capazes de enfrentar problemas e de solucioná-los, bem como na discriminação e na valorização de nossas riquezas naturais e humanas".

O ensino da História não deve limitar-se a proporcionar o conhecimento do passado, vivido pelo próprio povo e por aqueles que fertilizaram e influíram em seu pensamento e existência; nem a apresentar de maneira viva os valores éticos que encerra a História, no sentido de despertar e fortalecer o espírito cívico dos alunos. É imprescindível, também, que estes penetrem, por sua vez, no sentido teórico que os fatos encerram.

A relação entre o que foi e o que é, deve ser ressaltada a todo instante, pois o movimento do passado para o presente, e vice-versa, constitui um dos principais métodos de estudos da História, um a tornar o outro mais compreensível e apreciável.

Não se pode compreender bem o presente sem conhecer o espírito e a ação dos homens que nos precederam; pois sua atuação concorre para que sejamos o que somos, devendo ser assim interpretados, não apenas no setor político, mas também no campo da arte, ciência, literatura e em tudo que haja contribuído para o progresso da Pátria e da Humanidade.

### c) Geografia

A Geografia deve ser estudada como um auxiliar no ajustamento do educando ao meio físico, econômico, social e político.

Também é ao estudo da Geografia que cabe a missão de desenvolver no aluno a capacidade de pensar geograficamente, de orientá-lo para que se formule uma idéia espacial bem clara e de encarar com equilíbrio as relações de dependência entre o homem e a terra.

A Geografia ainda deverá proporcionar aos alunos conheci-



tos geográficos ativos, básicos e necessários à compreensão da vida diária, (conhecimento dos recursos econômicos dos principais centros de população, das principais estradas, da significação econômica da vida moderna) contribuindo para cultivar o sentido de realidade das coisas, levando a criança a conhecer, por sua própria observação e interpretação, os lugares estudados.

Enfim, a Geografia deve ter por objeto fazer com que o estudante conheça os caracteres e fatos geográficos de seu lugar natal, do região, do país, da unidade continental e chegar, através desta graduação, ao conhecimento da unidade da terra; mas, procedendo de tal forma que cada lugar estudado tenha vinculação com o resto, por semelhança ou diferença.

### 3. Conteúdos:

Sobre esse assunto, ver item II destas diretrizes: "Planejamento desses estudos".

### 4. Técnica de ensino

#### a) História

Os acontecimentos da História devem ser focalizados em suas origens, com o estudo de suas causas e na interpretação de sua marcha evolutiva até o presente. Abordando as unidades do programa, aspectos parciais do desenvolvimento da vida social e política dos povos, o professor, sempre que for oportuno e necessário, efetuará a conexão com os demais fatores, levando a classe a uma interpretação global do assunto.

Outrossim, cuidará o professor de aproveitar as situações que o estudo oportunizar, para desenvolver nos alunos um sadio otimismo, uma visão histórica, fruto da meditação e julgamento da classe, da que decorrerá uma serena interpretação das fatos sociais e maior integração na vida da comunidade.

Como pontos de referência para o planejamento do trabalho didático deverá o professor considerar que o aprendizado deve:

- a) ser intuitivo;
- b) suscitar a atividade do aluno especialmente do ponto de vista intelectual;
- c) obedecer à ordem cronológica;
- d) atender os interesses naturais do educando (gosto pelas aventuras, pelas biografias, etc.)

e) relacionar-se às experiências da classe e à vida na localidade.

Figurando a História entre as disciplinas preferidas pelos alunos, a que decorre dos palpantes e sugestivos problemas humanos que apresenta, não será difícil ao educando encontrar os meios de motivar o seu estudo. Repleto de ações, estimulando a imaginação, apelando para o espírito de aventuras, a curiosidade e os interesses sociais e patrióticos dos educandos, a História oferece ao professor facilidades para a motivação de seu trabalho.

A exposição do assunto a ser estudado, pesquisas informativas e a observação da realidade, recolhidas de fontes diretas ou representadas, devem ser as principais formas a utilizar para o ensino da História. A primeira delas, para se tornar significativa, é preciso que venha revestida das exigências que a escola hoje lhe impõe. A luz da Psicologia, o estudo da História deve aproveitar o interesse do aluno pela matéria, pelo que é concreto, pelo que tem vida e movimento. Deve apresentar, de modo intuitivo, os homens e os acontecimentos, reviver a História nas passagens que mais se prestam para expansão, para desenvolvimento da sensibilidade do educando, assegurando-lhe através de atividades livres, experiências culturais que firmarão conceitos históricos ou civis, visando aumentar seu acervo cultural.

Devem ser evitadas as exposições demasiado sucintas, que não permitem ao aluno visualizar as cenas e acontecimentos descritos, especialmente quando não forem secundados da apresentação de material ilustrativo.

Os trabalhos de pesquisas, em fontes vários e previamente selecionados pelo professor, devem receber atenção especial.

Entre as formas de atividade aconselhadas para os alunos a se processarem de forma individual ou em grupos, apontam-se: questionários, problemas, esquemas (croquis cartográficos, quadros sinóticos, diagramas), dramatizações, discussões e apreciação de valores (debates, comentários de frases, juízos), leituras, excursões, reconstrução de temas (monografias, análise de obras).

Considerando a função dos escolas normais, onde os estudantes ampliam seus conhecimentos de

cultura geral e se preparam para o magistério, deve dedicar o professor atenção especial à resolução de dificuldades observadas no aprendizado.

Algumas, entre outras:

— O estudante procura memorizar antes de compreender.

— O aluno não sabe como estudar.

— Faltam-lhe estímulos para o estudo.

— Faltam-lhe conhecimentos básicos e vocabulário adequado.

— Tem dificuldade em estabelecer correlações entre causas e efeitos e em perceber relações.

— Tem dificuldade em selecionar o essencial do acórdio.

— Não é capaz de realizar pesquisas, sem orientação prévia.

Como complemento da elaboração do tema proposto, com a finalidade de esclarecer, aprofundar ou firmar o sentido dos fatos históricos, poderá ser usada a discussão dirigida. Para atingir os objetivos visados, o professor não descurará da apresentação de fotografias, quadros sinóticos, ou qualquer outro material representativo que possa concorrer para maior compreensão e fixação do assunto em estudo.

A feitura de álbuns, a organização de museus e de galerias de brasileiros ilustres, são, entre outras, atividades recomendadas no estudo da História. Acrescentam-se ainda, como meios auxiliares que, aliados a outros, o professor não poderá deixar de recorrer as viagens imaginárias através de mapas e roteiros; visitas a museus, visitas reais ou imaginárias a monumentos, cidades, lugares que tenham relação com os estudos feitos; troca de correspondência entre alunos de diversas cidades ou países; projeções cinematográficas; frequência a bibliotecas, etc.

#### b) Geografia

Na orientação do aprendizado da Geografia deverá o professor considerar, preliminarmente, as características dessa disciplina que apresenta o duplo aspecto de ciência natural e social, valendo-se, simultaneamente, dos processos de trabalho peculiares a ambas. É necessário que se tenha sempre em vista a aplicação dos princípios da Geografia, tais como os de localização, extensão, causalidade, conexão, atividade, distribuição e generalização.

Para isso, o estudo de um assun-



to cujo observação direta pelo aluno não seja possível, deve ser efetuada de modo a possibilitar à classe uma perfeita localização do fato geográfico, sua extensão, seus limites, os fatores que se associam para caracterizá-lo, seus atributos ativos e as causas do fenômeno.

É aconselhável que o professor, sempre que possível, efetue a associação dos aspectos e problemas desenvolvidos com relação à localidade e ao Estado, com os dos outros relativos ao País e ao Mundo.

Ligado a problemas da vida da localidade em que vive o aluno, oferece o programa desta unidade aspectos que favorecem por si só a motivação dos estudos, despertando o interesse da classe.

Como recurso para motivação dos outros temas sugeridos, indicamos:

1. A consideração do interesse dos alunos pelas atividades de pesquisa no trabalho de campo.

2. O emprego de problemas atuais e sugestivos, que requeiram estudo, interpretação e solução.

3. A conexão íntima com a aprendizagem de outras disciplinas ou unidades, especialmente: História, Atividades Econômicas da Região, Ciências Naturais, etc.

4. A realização de projetos em geral.

5. O preparo de material geográfico para o gabinete da escola.

6. A realização de excursões e visitas.

7. A organização de coleções (particulares ou para a classe ou escola).

8. O emprego de material áudio-visual variado, interessante, ajustado ao trabalho e pôsto à disposição do aluno.

9. A consideração dos interesses sociais dos educandos favorecendo a organização de grupos de estudo ou clubes escolares.

10. A organização de um "boletim" ou coluna no jornal escolar com o registro das atualidades geográficas (movimentos econômicos e demográficos, notas meteorológicas, aspectos pitorescos e interessantes de determinada região, etc.).

Os conhecimentos geográficos, pelo seu próprio conteúdo, despertam nos alunos interesses científicos, sociais, patrióticos e artísticos, o que favorece sobretudo a vitalização da aprendizagem.

Deverá o professor orientar o estudo do programa através de ati-

vidades variadas que completarão as observações, pesquisas e estudos efetuados como: traçado de mapas, gráficos e esboços, reproduções plásticas, quadros estatísticos e comparativos, organização de coleções com amostras, fotografias, recortes, etc., as quais, quando bem dirigidas, além de interessar o aluno e propiciar a fixação das noções adquiridas, concorrem para a formação de hábitos de ordem, exatidão e verificação.

Entre os recursos especialmente indicados para o ensino desta disciplina apontam-se: as excursões, os problemas e os projetos.

## EXCURSÕES

Para que sejam realmente proveitosas, devem as excursões ou visitas escolares ser cuidadosamente planejadas pelo professor, atendendo-se não só à aquisição dos conhecimentos geográficos previstos, como o desenvolvimento de hábitos e atitudes necessárias à formação social dos educandos.

Podem constituir objetivo de uma excursão:

a) aquisição de conhecimentos que, no momento, interessem vivamente à classe;

b) colheita de material para museu ou biblioteca da escola;

c) desenvolvimento de parte de um projeto;

d) realização de atividades ou experiências interessantes para os alunos.

Podem constituir motivo de excursão ou visita os seguintes locais:

1. Prefeitura;
2. Estação de transporte (ferroviárias, rodoviárias, aéreas)
3. Porto
4. Casas comerciais — importadoras e exportadoras
5. Correios e telégrafos
6. Fábricas
7. Bibliotecas
8. Museus
9. Arredores da localidade (um rio, montes, granjas, etc.)
10. Estações experimentais (agrícolas, zootécnicas)
11. Estação ou posto de meteorologia.

No planejamento de uma excursão ou visita não se devem considerar os pontos seguintes:

### — Que observar:

Depois de fixar os aspectos que

devem ser observados, a classe será dividida em grupos, com atribuições definidas a que facilitará o trabalho e atenderá preferências individuais.

### — Como e quando realizar a excursão

Elaborar o itinerário, escolher os meios de transporte, conhecer as distâncias, prever a duração da visita, resolver sobre o lanche ou merenda necessária, calcular os despesas, fixar a data da excursão, constituir pontos importantes do trabalho de planejamento de que deve cuidar o professor, orientando a classe para uma participação ativa na sua resolução.

### — A verificação

Efetuada a excursão, deve a classe analisar as observações que realizaram. As informações colhidas pelos diversos grupos irão sendo examinadas para uma apreciação final, ao mesmo tempo que se processa a crítica e classificação do material colhido.

Para um estudo mais completo sobre excursões seria interessante que os professores consultassem os comunicados, sobre o assunto, expedido por este Centro.

## PROBLEMAS

As situações de estudo com caráter de "problema" oferecem ao professor ocasião para desenvolver nos alunos hábitos de pesquisa e raciocínio.

Para resolver um problema de maneira correta há necessidade de focalizar os elementos da nova situação, de procurar os meios para a sua resolução, de interpretar o material colhido, de proceder à sua seleção e, por fim, aplicá-lo no caso em estudo.

Como etapas do desenvolvimento de um problema geográfico podemos, analiticamente, apontar:

- a) um exercício preliminar;
- b) o reconhecimento de uma situação problemática;
- c) a organização do problema;
- d) a pesquisa, interpretação e classificação do material colhido;
- e) a solução ou conclusão;
- f) a verificação ou aplicação, quando possível ou necessária.

Convém ressaltar que uma questão para ser considerada "proble-

ma" é necessário que, em primeiro lugar, a seja para o aluno, isto é, que se forme no espírito deste, um estado de dúvida e interesse que o induza a pesquisar, que o leve a raciocinar e concluir. O problema é, pois, um início de estudo e não um questionário final para evocação de conhecimentos adquiridos.

Na orientação do trabalho, deve o professor cuidar que a **solução do problema seja encontrada pelo aluno**. Para isso convém sejam observadas pelo professor as seguintes precauções:

— examine e selecione, previamente, as fontes de informações a que recorrerá a classe;

— comunique as noções que o aluno não possa adquirir diretamente;

— corrija, através de polestras e ilustrações, as falhas de raciocínio cometidas pela classe, evitando, outrossim, o afastamento do tema fundamental;

— procure manter vivo interesse;

— resalte e fixe a solução de problemas, quando a mesma for encontrada pelos alunos.

## PROJETOS

Os projetos geográficos, quando adaptados aos interesses e nível da classe, são aconselhados e podem se apresentar sob diversas modalidades: realização de um trabalho sobre a localidade; preparo de material para o museu regional; construção de material para o gabinete de geografia: barômetro, anemômetro, pluviômetro, modelo de relevo ou outro aspecto físico de Estado, região ou município, maquetes com tipos de habitação caracterizadas; croquis e desenhos geográficos de extensão comparada de rios e estradas, de altitudes, de produções, de densidades demográficas, de temperaturas; mapas de diversos tipos, etc.

## 5. Material didático

Materiais didáticos, ou segundo Dent, auxiliares sensoriais, "são todos os materiais usados em classe, ou em outras situações instrutivas, para facilitar a inteligência da palavra falada ou escrita".

Tipos de auxiliares sensoriais para a aprendizagem de História e Geografia:

— Quadro-negro; quadros que são mapas mudos negros, quadro de notícias.

— Dramatização: pantomima, jogo, elegria, fantoches, sombras animadas.

— Desenhos livres, sem relevo: fotografias, reproduções variadas (de pinturas, esculturas, mapas, etc.).

— Gráficos: estatísticas em figuras, barras, superfícies, linhas e diagramas.

— Mapas e globos: planos, em relevo, projeções, elétricos ou iluminados, mudos, plásticos, tipo quadro-negro.

— Modelos, objetos e exemplares (mastruário).

— Fotografias, vistas, "slides", cartões postais.

— Cinema: mudo e sonoro, fixo e com movimento.

— Fonógrafos, toca-discos e outros reprodutores; discos.

— Cartões, historietas, recortes.

— Rádio, ditafone, alto-falante, outros sistemas de comunicações.

— Estereoscópios.

— Placas transparentes, cristal, celofane, película, cerâmica.

— Televisão.

— Desenhos.

## 6. Bibliografia

É necessário que o professor registre a bibliografia que usou na elaboração de seu plano e a que vai recomendar ao uso dos alunos integrados.

Integrando o planejamento do professor, a bibliografia deve incluir livros de textos, fontes literárias, documentos oficiais periódicos, leituras formativas (cívicas, morais, estéticas).

## 7. Possibilidades de integração e correlação

A Divisão de Estudos Sociais presta-se a muitas correlações com outras Divisões, principalmente com as de:

Divisão de Atividades Econômicas
" " Ciências Físico-Naturais
" " Línguas e Literatura
" " Artes
" " Filosofia

Recomenda-se, ainda, que sendo a História um resultado orgânico de todas as atividades humanas, e, por conseguinte, a expressão geral globalizada da vida do homem sob todos os aspectos, seu estudo deve ser feito relacionado com todas as unidades do currículo, propiciando ao aluno situações reais que possam contribuir para sua formação integral.

Para a realização de um plano de estudos com integração de disciplinas, sugere-se aos professores o conhecimento das comunicadas deste Centro que incluem planos

## IV — INSTITUIÇÕES ESCOLARES

As instituições escolares enriquecem o estudo dessa Divisão, especialmente a Biblioteca, o Museu, o Clube Agrícola que motivam, objetivam, completam e fixam a aprendizagem, vitalizando-a.

Os clubes e associações escolares sugeridos no quadro anexo no início deste trabalho, também são preciosos auxiliares da aprendizagem sempre que forem resultantes da iniciativa dos alunos e contarem com a participação do trabalho efetivo dos mesmos.

Muitas são as finalidades que podem levar à fundação de um clube histórico geográfico ou instituição escolar semelhante.

Um Clube de História, por exemplo, pode ser criado com algum dos seguintes objetivos:

a) reunir material gráfico para organizar lâminas de projeção, (e-

pidiascopia) para a biblioteca de classe ou para a sala ambiente.

b) conseguir contribuição de obras de interesse histórico ou geral para a biblioteca da escola ou para a sala ambiente.

c) realizar comemorações de grandes datas cívicas brasileiras.

d) organizar um dicionário de História para a classe, etc.

O colecionamento de objetos históricos ou amostras geográficas pode ser feito com um fim em vista ou constituir apenas uma simples reunião de objetos esparsos que vai sendo guardado e catalogado até que possa ter aplicação.

Há várias formas de apresentação desses objetos. Uma delas é o **museu escolar**, instituição que pode reunir objetos de determinado lugar, pertencentes de personalidades ilustres, álbuns, selas, fotografias, cartões postais, etc.



# BIBLIOGRAFIA PARA OS PROFESSORES

ABELEDO, Amante — La Enseñanza de la Historia. II Aires, Ateneo, 1945.

CAMPOS, Maria dos Reis — Geografia e História. Rio, Frcs. Alves, 1945.

CAND, Miguel A. — La Enseñanza de la Historia en la escuela primaria. Havana, Cultural S. A. 1930. 119 p.

CARVALHO, Deigado de — A Exatidão Geográfica. Rio, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1945.

— La Geografía, la Historia y la Instrucción Cívica, II, Aires, Kapeluz, 1942.

— Introdução Metodológica dos Estudos Sociais. Rio, Agr. Editora, 1957. 310 p.

— Metodologia do Ensino Geográfico. Frcs. Alves, 1925, 220 p.

Dicionário Labor — I — Barcelona, Ed. Labor, 1936.

Geografia e Educação. Rio, IBGE, 1942.

GARCIA, Julia Fuster — Didáctica de la Historia desarrollada en lecciones. Madrid, Rev. de Pedagogía, 1936. 109 p.

GISSO e outros — La enseñanza de la Geografía. Madrid, La Lectura, 185 p.

GÓMEZ, Luiz Miguel — La Geografía. E. Aires, Kapeluz, 97 p.

HERNANDEZ y TIRADO — La ciencia de la educación — II, México, Ed. Atlante, 1940.

HISTOIRE illustrées provisoires concernant la réforme de l'enseignement moyen. Belgique, Ministère de l'Instruction Publique, Direction de l'Enseignement Média, 1952, 74 p.

LEITE, Dinara — Metodologia da Geografia e da História. Rio, A Conquista, 1952, 152 p.

MARTINEZ, Eladio Garcia — La enseñanza de la Historia en La Escuela Primaria — Madrid, Espasa Calpe S. A., 1941.

MCKOWN, Harry G. e ROBERTS, Alvin S. — Education Audio-Visual. México, UTEMA, 1954, 581 p.

MOMBEIG, Pierre — Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa. Rio, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1954.

PENTEADO JUNIOR, Onofre — Metodologia da Geografia. S. Paulo, Tip. Ideal, 1935.

PROENÇA, A. F. — Como se ensina a Geografia. S. Paulo, Melhoramentos.

Programa de Ciências Sociais — I e II. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1934.

REED, Homer — Psicologia de las materias de enseñanza primaria. México, UTEMA, 1942.

REZZANO, Clotilde de G. de — Didáctica Especial. II, Aires, Kapeluz, 1951, 239 p.

RIVLIN and SCHUELER — Enciclopedia de la Educación Moderna — I, B. Aires, Losada, 1936.

RUELLAN, Francis — Os métodos modernos do ensino da Geografia — Rio, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1942.

SCHNASS e RUDE — Enseñanza de la Geografía, de Historia y de Educación Cívica — (El Tesoro del Maestro — III) Barcelona, Ed. Labor, 1927, 323 p.

SERRANO, Misael — Como se ensina a História. S. Paulo, Melhoramentos, 156 p.

SILVEIRA, Juraci — O Método de Projetos Aplicado a Educação de Saúde. Rio, Departamento Nacional de Criança, n.º 67.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly — Con-

## BIBLIOGRAFIA SOBRE COMPREENSÃO INTERNACIONAL

Publicações da UNESCO — Place de Fontenay — Paris 7<sup>e</sup>, FRANCE:

A Handbook for the improvement of Textbooks and Teaching Materials as Aids to International Understanding, 1949, 172 p.

HILL, Peter C. — L'Enseignement de l'Histoire — Conseils et Suggestions Vers la Compréhension Internationale, 132 p. La classe de Géographie au Service de la Compréhension Internationale.

La Préparation du Personnel Enseignant — Vers la Compréhension Internationale, 77 p.

LAWERYS, J. A. — History Textbooks and International Understanding 84 p.

L'Enseignement de la Géographie — Petit Guide à l'usage des Maîtres Vers la Compréhension Internationale, 1952, 116 p.

L'Enseignement de la Géographie — Quelques Conseils et Suggestions — Vers la Compréhension Internationale, 1949, 134 p.

Les Nations Unies et le Civismisme International, 1949.

tribuição em Estudo de Geografia. Rio, MEC, Serviço de Documentação, 1946.

VERNIERS, L. Metodologia de la Historia. II Aires, Losada, 1949, 96 p.

ZARIUR, Cecilia de Conquista Leite — Leituras Geográficas, Rio, IBGE, Cons. Nat. de Geografia, 1949.

ZELADA, Carmen Victoria — Los Estudios Sociales en la Escuela Elemental. Assunción, Servicio Cooperativo Interamericano de Educacion.

Nota: Em geral todas as "Metodologias" e "Didáticas" trazem um capítulo especial para cada uma das matérias: Geografia e História.

Vers de Meilleurs Manuels d'Histoire, 1951.

Série "Estudios y Documentos de Educación": Paris, UNESCO.

La Educación para el Desarrollo de la Comunidad — Bibliografía selecta, Abril 1954, n.º VII.

Les Circonscriptions bilatérales pour l'amélioration des manuels d'Histoire, Julho 1953, n.º IV.

BRIGGS, Ann — La educación de los trabajadores para la comprensión internacional, Julho 1954, n.º VIII.

Série "Revista Analítica de Educación" Paris — UNESCO.

Educación de la Juventud para la Cooperación Internacional, Junho, 1954, VI, VI, n.º 6.

La Educación Extracurricular de los Jóvenes para Inculcarles un Sentido de Responsabilidad Social, Maio 1955, VI, VII, n.º 5.

La Enseñanza acerca de las Naciones Unidas — (Bibliografía selecta).

La Funcion de los Museos en la Educación, Fevereiro 1954, VI, VIII, n.º 2.

## O JORNAL NA...

(Continuação do pag. 72)

Acrescenta, por vezes, algumas notas biográficas, sobre o autor e inferior, quando possível, se o assunto é novidade ou matéria antiga tratado de forma mais acessível ao povo.

As comentaristas um livro de poesia, ele usa "numerosas citações, pois é quase impossível indicar a qualidade de poesia falando do mesmo em prosa".

(Fraser Bond)

A fim de estabelecer um intercâmbio entre os leitores e a redação do jornal, o comentarista abre a sua coluna aos interessados:

- Solicita que sejam enviadas ao jornal apreciações de livros lidos;
- Sugere um concurso entre os "apreciações" recebidas e seleciona algumas para publicação;
- faz publicá-las, de quando em vez, em substituição ao seu próprio comentário.

(Esta sugestão é bem oportuna para o jornal do tipo mural, pois que ela permite maior variedade de matéria num espaço de tempo limitado — uma semana, um mês. Os jornais mensais do tipo circulante

não oferecem, neste particular, o mesmo grau de oportunidade.

Para suprir essa falta o redator pode criar outra coluna ao lado de sua, que terá o título de "A opinião do leitor" ou "O leitor também escreve" ou "Como a leitura aprecia o livro", etc.

Relacionado ainda ao assunto de livros e visando a despertar mais vivo interesse pelo seu jornal, o comentarista organiza um concurso de frases pitorescas encontradas nos livros de histórias ou revistas infantis.

Cada não esquecer de citar o autor, o título do livro, as páginas onde foram descobertas as frases e, naturalmente, o nome do aluno que as enviou.

Nas reuniões da Diretoria do jornal, o comentarista troca idéias com os seus colegas, analisa as sugestões que se referem à leitura e as divulga através da sua coluna.

Assim é completa a sua tarefa.

## BIBLIOGRAFIA:

Bond, F. Fraser "Introdução ao Jornalismo" Agir — Rio de Janeiro, Association for Childhood Education, "When Children Write" — Washington.



# BIBLIOGRAFIA PARA ALUNOS

1 — CAMÕES, Luís — Os Lusíadas. 3. Paulo, Ed. Melhoramentos, 1953. — 401 p. poema épico — 15 a 18 anos.

A leitura de "Os Lusíados" se vai fazendo, no correr dos tempos — pelo sucesso da análise que lhe foi aplicada sem a necessária leitura e comentário preliminar do texto estudado (que lhe desvendasse o sentido e a beleza literária) — uma espécie de tabu, de que os estudantes tenham a aproximação. Daí a necessidade de leitura extracurricular, pelo menos das estrofes e episódios mais significativos. (Proposição, invocação, Inês de Castro, Doze da Inglaterra, Adamastor...) feita em edição apropriada ao estudante, como, por exemplo, a de

JOSÉ AGOSTINHO — A Chave dos Lusíados. Porto, Ed. Martins, 613 p. filiação precedida de uma notícia biográfica e acompanhada de paráfrase e notas, que tanto servem ao professor como ao aluno, segue a grafia adotada na edição de Brazzburgo, de Carolina Michaëlis, tão rica em anotações e variantes.

2 — CAMÕES, Luís — Sonetas. — 3. Paulo, Ed. Saraiva, 1955. — 276 p.

3 — CASTILHO, Antônio Feliciano de — Quadros históricos de Portugal. Lisboa, Empressa da história de Portugal, 1925. — 4 vol. — História — 15 a 18 anos.

Essas páginas de um grande e nobre estilo, de língua dúctil e vibrante, em que a riqueza do vocabulário corre paralela com a harmonia da frase e do período. Excelente exercício de exalante língua, vestindo ânimo varonil, das tempos em que o valor bélico era também valor moral, correndo juntos e inseparáveis.

4 — CASTELO-BRANCO, Camilo — Amor de Perdição. Ed. Domingos Barreira. 245 p. Romance — 15 a 18 anos.

Romance sentimental ou antes passionai, de tal forma os sentimentos atingem o paroxismo e de lá fazem, à moda romântica do tempo, o início e o fim de todas as personagens e de toda a ação. A obra vale, sobretudo, pelo modelo que é desse espécie de romance, escrito por um romancista de fibra e acurrida por um público que participava das idéias e do gênio do autor.

5 — CASTELO-BRANCO, Camilo — Os brilhantes do Brasil. Lisboa, Ed. An-

tônio Maria Pereira, 1904, 248 p. (integral) — Romance — 15 a 18 anos.

Romance de enredo complicadamente sentimental em que se disputam sentimentos elevados, em lutas de renúncia e dignidade. Personagens de grande nobreza de alma, que sofrem as suas desditas com grande elevação e são, afinal, recompensados.

6 — COELHO, Trindade — Os meus amores, contos e beladões. Lisboa, Portugal E. 1943, 413 p. — Mais de 18 anos.

O título traz o carinho com que foram compostos os contos e beladões que o constituem: são quadros, cenas e fatos do viver campestre, retratados ao natural, na sua beleza mítica ou na trágica realidade de seu drama. São quadros, cenas e fatos em que a pena do autor nos dá vistas e ouvidos para ver e entender a sua terra e a sua gente. A perca descritiva, na pintura das paisagens da Beira e do Estremadura, é superada às vezes pela perca dos diálogos em que palpita o alma lírica do povo português.

7 — DEUS, João de — O livro do amor. Lisboa, Liv. Bertrand, 1930, 332 p. — Poesia — 15 a 18 anos.

Essa o lirismo português em suas mais puras manifestações: a poesia de João de Deus, "o poeta do amor idílico, do amor elegíaco, e do amor místico", é a poesia simples como as coisas eternas, natural como as coisas de Deus, que expressa a voz portuguesa de "saudade", o grande mal de amor que a existência cria. Sua linguagem foi como a de toda a gente, mas, porque o seu coração não foi como o de toda a gente, é que só ele encontrou as formas supremas com que soube expressar o seu lirismo.

8 — DINIS, Júlia — A Morgadinha dos Canaviais. Porto, Ed. Lello e Irmão, 1942, 2 vol. Romance — 15 a 18 anos.

Pitoresca crônica da vida da antiga portuguesa vista pelo prisma romântico, onde um entendido da vida citadina, Henrique de Souselas, encontra a paz e a felicidade pelo casamento. A psicologia do personagem é feita através do processo de contraste com Augusta, modelo ideal, que a Morgadinha prefere, depois de enganar a situação de Henrique para o de Cristina, sua prima. Os azeites do lugar, a na-

tureza, e ingenuidade dos conselhos são encantos sempre novos à leitura.

9 — DINIS, Júlia — Os fidalgos do Casa Mourisca. Porto, Lello e Irmão, 1943, 256 p. — 15 a 18 anos.

O contraste aqui estabelecido é entre o soldo da Casa Mourisca, onde D. Luís, fidalgo arruinado, vive com seus filhos Jorge e Maurício; e o casal da herdade humilde mas progressista em que Tomé da Póvoa, o antigo criado dos nobres, mantém sua numerosa família. A luta de sentimentos (Jorge ama Bertha, filha de Tomé, que é também cortejada por Maurício e pretendida por um camponês) é uma sucessão de belos gestos de nobreza d'alma, que corrigem afinal a levandade de Maurício, dobram o orgulho de D. Luís e fazem a felicidade de todos.

10 — GARÇÃO, Pedro António Correia — Cartota de Dido e outros poemas. Seleção, prefácio e notas de António Correia de A. Oliveira. Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1943, 84 p. (Coleção Clássica portuguesa, trechos escolhidos).

Depois do estudo da vida e da obra de Garção, de uma bibliografia sobre ele, são oferecidas ao leitor: a Cartota de Dido, nove sonetos, oito odes, duas sátiras e duas epístolas. As notas de pé de página facilitam o entendimento, quanto aos termos mitológicos, e apontam as modificações do texto. Excelente exercício no conhecimento das clássicas.

11 — GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida — O alfogeme de Santarém. Porto, Lello e Irmão, 232 p. — Teatro — 15 a 18 anos.

A peça tem por fundo a vida e as ambições do Fomão Vaz, o alfogeme de Santarém, e por núcleo, a profecia feita ao Condestável Nuno Álvares. O caráter popular do drama torna-o bem português como pintura de uma época e como psicologia das turmas. Personagens boas e más se disputam, mas a luta entre elas é um tanto artificial e não oferece grande interesse dramático a leitores brasileiros. Contudo, a peça interessa ao conhecimento da literatura portuguesa.

12 — GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida — Camões. Porto, Lello e Irmão, 186 p. — Poema — 15 a 18 anos.

Poema épico-lírico que tem por tema a vida e a grande obra de Camões. — Os Lusíadas, começa por uma invocação romântica, que se tornou justamente zairena, a saudade, "misteriosa nímfa, agredido pingir de acerto espinho". Obra que marca oficialmente o início do romantismo em Portugal, revolucionou a forma poética de então, usando a verso branco e estâncias sem número fixo de versos, e romantizou ao extremo a vida de Camões, a quem atribuiu um grande amor platônico, de cujo inspiração teria brotado toda a sua obra.

13 — GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida — D. Filipe de Vilhena. Porto, Lello e Irmão, 232 p. — Teatro — 15 a 18 anos.

Comédia travada em torno do caráter histórico em que D. Filipe de Vilhena ama cavaleiros seus dois filhos. Conserva muitos defeitos inerentes ao romantismo, com





VENDRYES — Le Langage.

JEAN PIAGET — La représentation du monde chez l'enfant. Presses universitaires de France. 1947.

INEP — Linguagem na escola elementar.

ORMINDA MARQUES — A escrita na escola primária.

LOURENÇO FILHO — Testes A B C (nova edição).

BALLESTERO — Didáctica del lenguaje.

RAUL H. CASTAGNINO — Algunas observaciones metodológicas sobre la enseñanza de la composición.

MC KEE — Language in the elementary school. Houghton Mifflin Company. New York.

FARIA DE VASCONCELOS — O ensino da ortografia. Livraria Classica editora.

HATFIELD AND OTHERS — Series English Activity. Tidyman and M. BUTTERFIELD — Teaching the language art. Mc-Graw Hill. 1951.

GRAY WILLIAM — La enseñanza de la lectura y la escritura.

UNESCO. Monografías sobre educación fundamental.

MARIE FARQUES — La redaction chez les petits.

ROGER THABALUT — L'enfant et la langue écrite. Librairie Delagrave. 1952.

PAUL CHAUCHARD — Le langage et la pensée. Presses universitaires de France. 1956.

CLAUD CLASSAGNY — L'apprentissage de la lecture chez l'enfant. Presses universitaires de France. 1954.

## A IMPORTANCIA DO PERÍODO PREPARATÓRIO NA...

(Continuação de pág. 33)

linhas ponteadas para as crianças cobrirem, seguindo essa direção.

3. Dizer às crianças ao ler uma história, sentença ou título: "estou lendo nesta direção" ... e fazer os gestos correspondentes.

4. Usar as próprias luvas das crianças ou outras feitas de cartolina para elas aprenderem a distinguir a direita da esquerda.

5. Usando o fonógrafo mandar as crianças disparem as figuras da esquerda para a direita.

6. Usar uma porção de gravuras misturadas e mandar dispô-las da esquerda para a direita, no bordo inferior do quadro, por ordem

de preferência, ou por ordem de cor ou tamanho.

7. Ter uma porção de gravuras ilustrando uma história. Ordená-las da esquerda para a direita, de acordo com o sentido da história.

8. A criança contará, de novo, a história, à vista das gravuras.

9. Usar "quebra-cabeças" com figuras de histórias e ordená-las da esquerda para a direita.

### c) Atividades para desenvolver a capacidade de seguir ordens e instruções:

1. Usar fichas de cartolina em que venham escritas várias ordens

Ex.: "Vamos merendar" — "Vamos lavar as mãos" — "Vamos rezar" — "É hora do recreio, façam uma fila", etc. Apresentar tais fichas para a classe, lendo-as, apenas.

2. Dar ordens, a princípio curtas, como: Levantem o lápis; guardem o caderno; Levantem-se; Assentem-se, e, depois, ir, aos poucos, tomando-as mais complicadas. Ex.: Façam isto agora; Amanhã cedo, antem calçados; Assentem-se, peguem os cadernos.

A medida que as crianças desenvolvem a independência e responsabilidade, adquirem clareza de linguagem e aumentam suas experiências, vão aumentando, também, a capacidade de seguir ordens e instruções.

### d) Atividades para desenvolver a capacidade de raciocinar:

1. Fazer perguntas que levem as crianças, de acordo com o seu grau de maturidade, a pensar por si.

Ex.: a) Interpretação de histórias. Por que o coelhinho branco queria asas vermelhas? Por que sofreu e chorou depois que havia ganhado suas asas?

b) Incidentes e fatos da vida diária. Ex.: Que é que Joãozinho tem para nos contar hoje? Recebeu uma visita? Estava doente? Foi ao sítio com papai?

c) Planejamento, com participação ativa das crianças que tomarão decisões, tirarão conclusões e reconhecerão problemas.

d) Avaliação. O sucesso produz confiança. Levar as crianças a avaliarem seus planos, seu trabalho, sua conduta, seus hábitos, etc.

## O CARÁTER SELETIVO DA...

(Continuação de pág. 73)

vida escolar num momento de tortura para as crianças, e reduzindo o ensino a um mero "alastramento para passar em exames". Essa violentação da mente infantil, com um acervo enorme e inútil, porque insuperável, de conhecimentos fúteis, irrelevantes, tem conduzido ao desprezo dos aspectos fundamentais da educação escolar, como seja a formação de atitudes e hábitos sadios e necessários à vida comum e a um necessário enriquecimento da linguagem escrita e oral, especialmente por um melhor domínio da leitura e maior cultivo da escrita. Esse estado de

reclusão é responsável pela desatenção de boa percentagem de crianças pela escola, que vêem nela o local em que são forçadas a memorizar classificações, a decorar "poemas" que não entendem e a "estudar" para as provas.

Esse formalismo da escola primária e o seu sentido de curso preparatório à escola secundária, fazem-nos perder de vista os problemas reais da vida, desmentindo ainda hoje a finalidade que há quase dois mil anos já lhe prescrevia Séneca: "Non Scholae, sed vitae discimus". O que vemos, lamentavelmente, é que as crianças

não estão aprendendo para a vida, mas para a escola, para satisfazerem à sua organização puramente seletiva, rigidamente intelectualista onde tem predomínio o ensino que parte de relações abstratas, que cura, entre a mente um discurrir. É uma escola que ensina autoritariamente e onde o aluno não aprende pelo prazer de aprender, em que a aprendizagem não é vitalizada, funcional, e o conhecimento e entendimento é escola antidemocrática porque nela tem predomínio apenas os alunos de inteligência tímida e verbal. Não-trabalho se depois que, então, vão humilhar a mente mesmo dos repetentes e dos excluídos, quando o seu objetivo geral, fundamental, é de ser escola comum, aberta para todos.



# LINGUAGEM ESPONTÂNEA E ESPÍRITO CRIADOR (\*)

Genêrice Vieira

\*A linguagem da criança é espontânea quando impulsionada por seus desejos ou necessidades íntimas e se orienta para a ação. A criança não utiliza a palavra por si mesma, mas basicamente em função de seus impulsos; a palavra ainda não tem sentido abstrato, porque se prende demasiado aos fatos que representa, está impregnada da realidade que evoca. Éssa a razão por que a linguagem da professora, quando descritiva ou desligada da experiência familiar, é vazia, inexpressiva, especialmente para a criança.

O conhecimento que ela tem do mundo que a cerca é, pois, ligado às coisas concretas; é mais intuitivo ou lírico do que propriamente intelectual ou teórico. Por quê? Porque a criança usa recursos naturais ativos, diferentes dos empregados pelo adulto para perceber e se comunicar com o seu meio".

A linguagem é o produto final da vivência, da atividade, porque resulta do contato direto da criança com as coisas, as pessoas, os fatos. É a sua experiência, a sua oportunidade de criar — dentro do ritmo e interesse individual — que a leva a emprestar sentido e utilidade às palavras. Dessa forma, a criança adquire o conteúdo intelectual das palavras, habilitando-se para empregá-las como símbolos comunicativos (sinal que representa, que substitui o objeto, a coisa ou ser concreto).

Para desenvolver sua capacidade de expressão verbal — como qualquer outra de suas potencialidades — a criança necessita de um clima especial, propício, um ambiente de confiança, liberdade, estímulo e oportunidade.

Para estimular o espírito criador, favorecendo assim o desenvolvimento da linguagem espontânea, é preciso satisfazer de modo adequado as necessidades básicas da criança, desde o seu nascimento. Se isso não ocorrer, a criança, mesmo que possua um aparelho fonador e articulador normal, pode se sentir inibida ou bloqueada na expansão natural de seus sentimentos e pensamentos.

O que pode perturbar o desenvolvimento da linguagem espontânea e, conseqüentemente, da personalidade da criança? O fator de maior importância é o ambiente familiar e esco-

lar deficiente ou inadequado; o que se pode observar nas seguintes condições:

a) a falta de compreensão e de empatia dos adultos que com ela convivem, o que lhes impede de aceitarem a criança como ela é, em sua realidade individual, e de se ajustarem ao mundo de seus interesses e necessidades infantis, sendo essa a condição essencial para compreendê-la e auxiliá-la.

b) o desconhecimento de características próprias da infância, em diferentes estádios de sua evolução, especialmente no sentido psicológico. Uma decorrência natural desse fato é o desrespeito à sua personalidade. Interpretar seu comportamento pelas motivações e padrões próprios do adulto é injusto e prejudicial, porque resultará em repressões, censuras e imposições que, além do sofrimento que causam, são medidas que perturbam o desenvolvimento normal.

c) oportunidades deficientes ou insuficientes para experimentar, criar, explorar, descobrir, construir, ampliar o ambiente em que vive, tanto no lar como na escola. Sendo obrigada a receber uma experiência de segunda mão, vivida por outros, a criança vai se afastando da realidade, vai perdendo o contato direto com as pessoas, as coisas, os fatos que lhe são essenciais para elaborar sua compreensão, conhecimento e inter-

pretação das pessoas, do mundo. A escola, em especial o Jardim de Infância, deveria oferecer-lhe situações apropriadas, atividades desejadas, para que a criança pudesse formar uma base real e funcional à sua linguagem. Quando a escola substitui a experiência pela palavra, pela descrição, está desligando a criança da realidade sensível, o que atrofia ou bloqueia sua capacidade perceptiva natural.

d) a ausência de originalidade, a repetição monótona, a rotina, o trabalho convencional, as atividades impostas, os brinquedos padronizados, concluídos, onde já tudo está feito, o mundo fechado e limitado de salas de aula, as histórias e gravuras inexpressivas aos seus interesses, compreensão ou realidade. Jemalido insiste: "Para o aluno não há quase nada de pessoal e dinâmico que apele diretamente para sua imaginação e sensibilidade, que acorde impulsos profundos em sua alma." "É preciso respeitar as invenções, as originalidades do pensamento e da língua infantil; se quisermos que seu espírito criador se desenvolva, é preciso proporcionar-lhe ambiente aberto, livre das paredes que seriam as correções ou as censuras do adulto ou da cultura".

Quais são as conseqüências de um ambiente familiar e escolar inadequado, repressor dos impulsos naturais da criança?

JESUALDO responde:

"Quando a criança começa a conversar e comportar seu mundo por meio de imagens, os adultos combatem as suas "invenções", as substituem por equivalentes ou atormentam-na com o que chamam "cultura". À medida que a criança vai crescendo e se vão desenvolvendo suas possibilidades expressivas, tôdas estas causas a obrigam a ir se recolhendo dentro de sua própria intimidade, como o faz o caracol dentro de sua concha diante do perigo. A criança e o adolescente, depois, serão sumamente tímidos, facilmente sugestionáveis pelo medo do

rídica. Sobram-lhe apenas os jogos para a livre exaltação das suas imagens, as quais, muitas vezes, já não são as verdadeiras, mas simples imitações. Facilita, mais tarde, encontra-se num ambiente, num professor e um livro que não são os que ambiciona e ambicionará: um ambiente restrictivo e trivial e não liberador e original; um mestre, carterístico e despetado, antes detador que presidente, antes transmissor que receptor; pensa que, perguntado, não costuma responder e, se deseja responder, ignora a arte de fazer com que perguntem; quer dizer, se encontra com um inimigo e sua necessidade de saber permanece insatisfeita; um livro que é a cópia, em geral, dos livros de outros países, com frequência nem sequer adaptados ao seu meio e às suas necessidades; um livro frio, sem interesse para sua imaginação e desprovido de luzes aos seus olhos.

Deste modo seu caracol segue se fechando mais cada dia. Em cada ano sua vida fica mais profunda, mais atormentadora e incompreensão para suas aspirações, mais adverso é sua expressão o ambiente em que se move. Se se entrega à alguma coisa, fustosamente será a algo proibido, e isso o fará quase por reação, juntamente. Outras vezes, seu nervosismo, largamente reprimido, explodirá em manias, em descórdias, em impulsividades que se tornam incorrigíveis. É a única forma de defesa. Na monotonia encontra, então, sua ajuda mais importante. Sua mente tem, como diz Pines, uma finalidade utilitária e lhe serve para defender-se ou atacar. Mental por necessidade de ajuda e sem por esporte, é a fabulação a mãe que o alimenta e o entende. Quanto maiores sejam seus meios para expressar-se e mais limitados os horizontes de suas possibilidades, maiores perturbações gerais experimentará seu psiquismo, maior desperdício mostrará no que faz, porque a criança tem que encontrar, de alguma forma, uma compensação, o caminho para liberar seus complexos expressivos, não menores que nenhum outro. De tal modo vão atuando as forças obscuras em seu psiquismo que, em um momento dado, até chega a merecer a classificação de teatral.

Quando adolescente, a primeira corrente social que o impressiona é a do amor. As demais lhe são indiferentes. Em compensação ao que poderia ter sido na vida, não será mais que uma máscara rídica; mas é a **PERSONALIDADE** que lhe

deu a essência e a sociedade. Debatem dessa máscara, da pessoa, já não subsistirá mais do que um grande mar de confusão e um amontoado de contradições. E em resultado, vai ser de quem se dentro, perdido dentro de seu próprio canal, por haver atravessado a raiz de seus sentimentos que estava na linguagem, o único instrumento total que era capaz de traduzir seu mundo, sintese da realidade em que vive, da tradição que gravita sobre ele e das novas aspirações do indivíduo que se integra, segundo, em seu meio" (La Expresión Creadora del Niño, pág. 108).

SUMARIO DA OBRA. Las contradicciones de la pedagogía actual: el conocimiento y la expresión — El

problema de lo individual y lo social en sus relaciones con la expresión — El problema de las apocreaturas — El problema de la expresión creadora — Sobre el problema de la expresión en general — El instrumento lenguaje — La imagen y su evolución en el instrumento lenguaje — Como influyen algunos factores, en especial la tradición, en el desenvolvimiento de la expresión creadora — El instrumento gráfico en general — El instrumento gráfico en particular: el dibujo — El instrumento plástico: el modelado en general — El juguete, complemento del instrumento plástico — El instrumento rítmico — Origen y evolución del proceso creador — El problema de la sugestión en la expresión — El problema de las condiciones del medio social en la expresión — Bibliografía.

## GRAMÁTICA.

(Continuação de pag. 47)

indiquem diminuição do idêntico, corriqueiro ou sentido pejorativo, depreciativo; **grau aumentativo**, para as palavras ou expressões que indiquem aumento, exagêro, ou deprecição em grande escala.

Fixar a nomenclatura por meio de atividades.

### Sugestões para atividades:

1 — Apresentar numerosas sentenças com substantivos para o aluno indicar o grau aumentativo ou diminutivo.

2 — Mandar fazer substituições, em sentenças dadas, dos substantivos para o grau diminutivo ou aumentativo.

3 — Dar substantivos, do vocabulário da criança, para pesquisa, no dicionário, de seu aumentativo ou diminutivo.

4 — Dar sentenças com aumentativos ou diminutivos na forma composta, para o aluno apresentar o mesmo grau por uma única palavra.

5 — Fazer a criança observar, através da leitura e outros exercícios, que nem sempre o substantivo aceita o grau com uma palavra apenas: lima — lima grande. O limão é uma outra fruta.

6 — Mandar pesquisar, em páginas do livro, selecionadas anteriormente pelo professor, substantivos nos graus diminutivo e aumentativo ou nos dois simultaneamente.

7 — Dar exercícios específicos, orais, escritos, individuais, coletivos, na escola e em casa, associados com os diversos materiais do programa.

8 — Dar composições e apreciar em classe o que surgir referente aos aumentativos e diminutivos.

9 — Usar o material das composições das crianças, para instrução e exercícios de preferência à correção.

10 — Exercitar o aluno na concordância, dando exemplos, para substituição de grau, que impliquem mudança de gênero:

A garrafa está cheia de vinho.  
O garrafão está cheio de vinho.

11 — Usar, nas atividades, palavras com **inho** e **ão** que não indiquem grau, o fim de que o aluno observe que nem sempre as terminações **inho** e **ão**, principalmente, indicam os graus diminutivo e aumentativo, respectivamente. A procura da significação das palavras, no dicionário, é um grande auxiliar neste sentido.



# O SOLDADINHO

- PRÉ-PRIMÁRIO -



Letra e música:  
Luiza O. Orlando

Marchal

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Mar-cha, Mar-cha, sol - do - di - nho, mar - cho mar-cho, por quar-  
tel! Mar-cha a pas - so bem zar - ti - nha, O - he - de - ca y ca - m  
né Tá, tá tá tá Tá, tá tá tá

# REVISTA DO ENSINO

## ASSINATURAS

### Sub parte simples

1 ano: Cr\$ 480,00

2 anos: Cr\$ 900,00

N.º exat.: Cr\$ 80,00

### Sub parte série

Mais Cr\$ 70,00

por exemplar

## ENDEREÇO

As comissões de subscrição  
devem ser endereçadas à  
REVISTA DO ENSINO

Avênida Sérgio de  
Medeiros, 1224  
— 12.º Andar

Porto Alegre — P. O. de Sul  
— BRASIL

Revista e importância de sua assinatura por valor destacado em cheque bancário.

*M. Carla de Souza Moura*

*1984*











































































































































































































